

PUCRS

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

LUCAS DA COSTA PIMENTA

RELAÇÕES PÚBLICAS E ATIVISMO:
UM ESTUDO SOBRE EXPERIÊNCIAS DE VIDAS TRANSEXUAIS

Porto Alegre
2017

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LUCAS DA COSTA PIMENTA

**RELAÇÕES PÚBLICAS E ATIVISMO:
UM ESTUDO SOBRE EXPERIÊNCIAS DE VIDAS TRANSEXUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social — Relações Públicas pela Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora:
Prof. Dra. Neka Machado

Porto Alegre
2017

LUCAS DA COSTA PIMENTA

RELAÇÕES PÚBLICAS E ATIVISMO:
UM ESTUDO SOBRE EXPERIÊNCIAS DE VIDAS TRANSEXUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel de Bacharel em Comunicação Social — Relações Públicas pela Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Neka Machado (Orientadora)

Prof. Me. Ana Cláudia Chagas Nascimento (Examinadora)

Prof. Dr. Angelo Brandelli Costa (Examinador)

Porto Alegre
2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que passaram e passarão em minha vida. Aos que torceram por mim, obrigado. Aos que não torceram por mim, *muito* obrigado.

Agradeço ao meu país, por proporcionar a possibilidade de chegar onde cheguei, através do Programa de Universidade Para Todos (ProUni), e pela *Esperança* característica de nosso povo. Aprendemos a rir na tristeza. Como diria Chico Buarque, “apesar de você, amanhã há de ser outro dia”.

Agradeço ao meu estado, Rio Grande do Sul, por possibilitar chegar onde cheguei, através do Programa de Oportunidade e Diretrizes (POD), com seu cursinho Pré-Vestibular, de qualidade altíssima e com professores empenhados.

Agradeço à Universidad Católica Argentina (UCA) de Buenos Aires, por tudo e todos que estiveram lá. São alguns: Maria Eugenia Rodriguez, Cecilia Balbin, Lyan, Brody e Shaw, Antonela Giacometti, Victor Wildhaber, Yasemin Ates, Maria Eduarda Gulman, Erick Carvalho, Sander Beukman, Adriana Taborda, Victor Soares, Sandro Perez, Lena Gebert, Aio Nwk, Jhon Julián, Bea Flores, Loly Puntel, Florine Zegers e Máxima Gaona e seus irmãos. Por meu crescimento enquanto profissional, pessoa e estrangeiro, pelo Espanhol e por estar maior e mais forte.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), por permitir um dos meus períodos mais felizes da vida, de crescimento, desafios, alegrias, amizades e florescimento. Em especial: ao pessoal do Restaurante Universitário (RU), a todas as gerações do NER, às fadas-bibliotecárias e aos gentis duendes funcionários da Biblioteca, à (eterna) Famecos, à Coordenadoria de Iniciação Científica e Mobilidade Acadêmica/AAll. Meu conhecimento é minha coroa.

Agradeço aos meus amigos: Cleusa Scroferneker, Rainha Vermelha, por promover a mudança; Denise Avancini, Fada Azul, por acreditar sempre; Vilma Giudice, Mama Vilma, por ser uma profe-mãe; Ruth Aquino, Xamã, pela luta; Fran Franco, Artífice, por estar sempre lá; Giane Pontes, Esfinge, por ser apenas outra alma humana a tocar uma alma humana; Danusa Oliveira, Polegarzinha, por acreditar no poder da Imaginação; Flavia Cavalcanti, Tita, por empregar cuidado materno em nossa relação; Fabi Altíssimo, Fofa, pelo amor no olhar; Daniel Laguna, Fofa, pela primeira cerveja na Cidade Baixa; Deise Scheffer, a Ouvidora, pelo seu

ouvir consciente; Franciele Falavigna e Brenda Menine, bruxas boas do Norte e do Sul, pelos exemplos de humanidade profissional; Luluzinha, Bila Bilu, pelos melhores abraços do mundo; Isadora Paranhos, Amazona, pela competência; Denise Pagnussatt, pelo que veio antes do Farol e pelas pessoas que eu encontrei lá; Rossana Ruschel, a Mentora, “for your good and strong heart”; Kátia e Cinara, Fadonas, pelo bom humor sempre! Às Panteras Carolina Porto, Manuela Rodrigues, Guilherme Rolin e Lauriele Zubiarré, por detonarmos na Aberje e por São Paulo. Obrigado pelo auxílio nas transcrições ao Murilo Fraga, ursinho Pooh, pela sua ternura, e Mari Sahide, Sacerdotisa Violeta, pela amizade verdadeira. Esse trabalho não poderia ser feito sem o olhar de Cândida Schaedler, a gentil, do apoio da “mulherão”, Evelyn Mendes, e da hombridade de Rafael Howes. Às minhas amadas e meus amantes, pelo gozo da partida.

Agradeço à banca: professora Ana Cláudia Nascimento, Chèri, pelos diálogos sinceros, e ao professor Angelo Brandelli, pela gentileza. Agradeço à professora Neka Machado, Feiticeira, por me ensinar a ser e sentir e pelo seu amor de mãe.

Agradeço a todos familiares, antepassados e vindouros, pela união e pela proteção, e ao meu Ilê, pela irmandade e paciência. À memória de Antônia Maximilia da Costa, minha avó e Rainha-mãe, pelos doces e gentis anos da minha infância, assim como à memória de meu avô materno, Luis Pereira da Costa, e de meus avós paternos Rodolfo Pimenta e Ercília Bueno, os quais não conheci.

Agradeço à Mara Machado, Yalorixá, pelo amor mútuo e fé tão grande que não pode ser medida ou contada.

Agradeço a João Elcio Bueno Pimenta, meu pai, trãnsfuga, pela saudade do que não foi.

Agradeço a Rosi Mara da Costa, minha mãe, Abelha-Rainha, por ter a graça de ser seu filho novamente e pelo amor sem limites.

Agradeço e me humilho perante os Deuses, pela Lua e Deus, por me deixarem ser carne.

O caos primitivo, fecundo e operoso, imperou e impera. O pensamento penetra nele para acompanhá-lo no processo de ordenação. A obra de arte deita raízes em regiões caóticas onde as coisas existem como que jogadas ao acaso. Tocadas pela mão que organiza, tintas procuram superfícies, pincéis curvam linhas em busca de sentido. Organizados, entes esplendem na oposição de cores, na distribuição de volumes sem, entretanto, esquecer de todo as origens sombrias. Em cada mundo se renova o esforço de dominar o desordenado. Indomáveis, as origens rebeldes afrontam cada esforço ordenador. Todo cosmo combate a acosmia (SCHÜLER, 2001, p. 238).

RESUMO

Este trabalho trata do modo que as Relações Públicas promovem, através do ativismo como perspectiva de prática nas organizações, maior Justiça Social e Democracia. Para tanto, além da pesquisa bibliográfica e documental e tendo a pesquisa narrativa como abordagem de pesquisa qualitativa, relatamos experiências de vida expressas nas histórias contadas por duas pessoas transexuais, com universos próximos. Abordamos das organizações e sua parcela de responsabilidade em tocar, enquanto entes sociais, realidades e particularidades ao participar da vida de seus colaboradores. Pertinente ao estudo, ainda discorreremos sobre de que maneira as Relações Públicas podem ostentar poder através dos metarrelatos e como podem ter um caráter ativista a partir dos microrrelatos, do que se trata a Justiça Social, a Democracia e, propriamente, o que são as Relações Públicas como ativismo. Além disso, apontamos considerações tais, sobretudo, da questão de gênero influenciar na censura e violência a pessoas transexuais.

PALAVRAS-CHAVE: Relações Públicas. Ativismo. Justiça Social. Democracia. Microrrelatos. Experiências de vida. Transexualidade.

ABSTRACT

This work deals with the way Public Relations promotes, through activism as a perspective of practice in organizations, greater Social Justice and Democracy. For this, in addition to the bibliographic and documentary research and having a narrative research as qualitative approach to inquiry, we report life experiences expressed in the stories told by two transsexual people, with nearby universes. We approach organizations and their share of responsibility in touching, while understanding actions, realities and particularities when participating in the lives of their collaborators. Besides that, it can be said that it is what Social Power, Democracy, and, properly speaking, what Public Relations as activism. In addition, we indicate considerations, above all, on the issue of gender, to influence censorship and violence to transgender people.

KEY-WORDS: Public Relations. Activism. Social Justice. Democracy. Micro-narratives. Life's experiences. Transexuality.

RESUMEN

Este trabajo aborda la forma en que las Relaciones Públicas promueven, a través del activismo como una perspectiva de la práctica en las organizaciones, mayor Justicia Social y Democracia. Para esto, además de la investigación bibliográfica y documental y teniendo una investigación narrativa como enfoque cualitativo de investigación, relatamos experiencias de vida expresadas en las historias contadas por dos personas transexuales, con universos cercanos. Nos acercamos a las organizaciones y su parte de responsabilidad en tocar, en cuanto entes sociales, realidades y particularidades al participar de la vida de sus colaboradores. Pertinente al estudio, aún relacionamos acerca de la manera que las Relaciones Públicas pueden ostentar poder a través de los metarrelatos, de qué se trata la Justicia Social, la Democracia y, hablando propiamente, lo que son las Relaciones Públicas como activismo. Además, apuntamos consideraciones, sobre todo, sobre el tema del género, para influir en la censura y la violencia hacia las personas transexuales.

PALABRAS CLAVE: Relaciones Públicas. Activismo. Justicia Social. Democracia. Microrrelatos. Experiencias de vida. Transexualidad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Campanha de incentivo ao fumo feminino para Corporação de Tabaco Americana.....	25
Figura 2 – Campanha para Corporação de Tabaco Americana que incentivava mulheres a fumarem.....	25
Figura 3 – Esquema histórico das Relações Públicas.....	30
Figura 4 – A Justiça entre os Arcanjos Miguel e Gabriel, de Jacobello del Fiore (1421).....	52
Figura 5 – Representação assíria de Tiamat (Caos) e o deus-sol Marduque (2016).....	64
Figura 6 - Cena da personagem Ivan na telenovela <i>Força do Querer</i> , escrita por Glória Perez.....	75
Figura 7 - Modelo para codificação de um estudo narrativo.....	77
Figura 8 – Esquema de codificação por Temas abordados.....	102

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O PODER DA HISTÓRIA.....	17
2.1 RELAÇÕES PÚBLICAS NOS ESTADOS UNIDOS.....	21
2.2 RELAÇÕES PÚBLICAS NO BRASIL.....	33
2.3 UMA NOVA PERSPECTIVA ÀS RELAÇÕES PÚBLICAS.....	44
3 AS RELAÇÕES PÚBLICAS COMO ATIVISMO: JUSTIÇA SOCIAL E DEMOCRACIA.....	47
3.1 AS RELAÇÕES PÚBLICAS COMO ATIVISMO POLÍTICO E SOCIAL NAS ORGANIZAÇÕES.....	48
3.2 A JUSTIÇA SOCIAL.....	53
3.2.1 As Faces da Justiça.....	55
3.3 O PODER DA DEMOCRACIA.....	60
3.4 A COMUNICAÇÃO QUE NAVEGA SOB O CAOS.....	65
4 MÉTODOS DE PESQUISA E MICRORRELATOS COMO OBJETO DE ESTUDO.....	70
4.1 METODOLOGIA E JUSTIÇA SOCIAL EM PESQUISA QUALITATIVA.....	71
4.2 O “T” DA QUESTÃO.....	75
4.3 ALÉM DE SIMPLES CONCEITOS (E O QUE NÓS ENCONTRAMOS POR LÁ).....	78
4.4 NEM TODAS AS OSTRAS FORMAM PÉROLAS.....	80
4.5 DOIS LOBOS QUE VIVIAM DENTRO DE GUILHERME.....	91
4.6 ESQUEMATIZAÇÃO POR TEMAS.....	104
5 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTUDO.....	106
REFERÊNCIAS.....	109
APÊNDICE A – CONVERSA POR E-MAIL COM REPRESENTANTES DA EMPRESA DESISTENTE.....	116

APÊNDICE B – CONVERSA POR WHATSAPP COM REPRESENTANTE DA EMPRESA DESISTENTE.....	125
APÊNDICE C – ROTEIRO DE COLETA DE HISTÓRIA DE VIDA.....	129
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM RITA.....	130
APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM GUILHERME.....	156
ANEXO A – A HISTÓRIA DE UMA ATIVISTA.....	178
ANEXO B – TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS.....	182

1 INTRODUÇÃO

*Uma flor nasceu na rua!
 Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
 Uma flor ainda desbotada
 ilude a polícia, rompe o asfalto.
 Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
 garanto que uma flor nasceu.
 [...]
 É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.
 (DRUMMOND DE ANDRADE, 2012, p. 14).*

No presente estudo, tratamos da possibilidade de exercício das Relações Públicas, através de ativismo político e social nas organizações, dando materialidade à Justiça Social e à Democracia. Para tanto, analisamos as histórias narrativas de experiências de pessoas transexuais que trabalham em empresas de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Apesar da presença recente e de não ser foco de nosso estudo, *os prides*, comumente conhecidos como comitês da diversidade e programas para ajudar na inclusão corporativa (*Employee Resources Groups*) ou *Business Resource Group* (BRG), são tratados como forma de boa *práxis*.

Trazemos perspectivas de autores que, embora respondam às inquietações propostas, tomam um partido social e político distintos. Por um lado, a perspectiva do pós-moderno Jean-François Lyotard; da luta contra a classe dominante, por meio de Cicilia Peruzzo; até mesmo, a força da moralidade, de Jacques Rancière. Ou Eduardo Lourenço, que talvez pareça um pouco caótico. Ora, tratamos de tirar o melhor dos autores de acordo com o que de melhor podem fornecer. Buscamos a diversidade como centro da riqueza de nosso trabalho – inclusive, não temos compromisso com a contradição.

Ao desenvolvermos nosso projeto, problematizamos questões congruentes com temáticas de diversidade LGBT¹. São questionamentos que envolvem como a prática profissional de Relações Públicas contribui para a Justiça Social e trabalha a serviço da Democracia, bem como de que modo ela pode ocorrer, nas organizações,

¹ Acrônimo que significa lésbicas, gays, bissexuais (orientação sexual), transexuais, travestis e transgêneros (identidade de gênero). Nacionalmente, é a sigla mais utilizada, pois representa o imperativo feminino (a letra L, de lésbicas, vem antes da letra G, que representa os gays), além da “desigualdade de gênero que também diferencia homossexuais femininas e masculinos”. Disponível em: <<http://ggemis.blogspot.com.br/2014/08/lgbt-lgbti-lgbtq-ou-o-que.html>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

em favor daqueles que ostentam poder, a classe dominante. Não obstante, nossos objetivos de pesquisa vêm responder a tais questionamentos.

Em relação ao nosso plano de fundo, temos em vista que a complexidade do mundo pós-moderno, onde a Comunicação é chamada a lidar com o caos, e o poder é diverso, como nos dizem os autores Nassar (2009a), Lyotard (1998) e Holtzhausen (2016), a luta política deve estar, inclusive, presente na prática profissional. Através deste trabalho, trazemos às Relações Públicas o caráter ativista como possibilidade de posicionamento político e de luta à alienação e dominação. Afinal, “um ativista, portanto, é aquele que se esforça para que a mudança surja” (BLACKBURN, 1997, p. 27).

Partimos do pressuposto de que as organizações influenciam nosso modo de ser e pensar, o que situa a prática de Relações Públicas nesse processo. É importante salientar a nossa sensibilidade crítica ao tratar do tema, devido ao estado social, econômico e político em que nos encontramos² enquanto país.

Originalmente, esclarecemos que nosso tema é fortemente inspirado no livro *Public Relations as activism – Postmodern approaches to theory and practice* (em título original), de autoria de Derina Holtzhausen, obra publicada em Língua Espanhola, em 2012. Ainda assim, pretendemos repercutir este estudo, porque acreditamos no poder instrumental do conhecimento científico, na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ressaltamos que temos consciência de que nem todos os canais de comunicação são, necessariamente, orientados ou fazem parte do espectro de trabalho de relações-públicas, apesar de dizerem respeito às Relações Públicas, à Comunicação Empresarial e/ou poderem ser enquadrados como práticas de comunicação em busca da igualdade, liberdade e respeito. É o caso dos *prides*.

Além da congruência com a atualidade, preenchendo um espaço de lacuna social e de oportunidade de estudo, escolher este tema está baseado em nossos valores pessoais e incentivos sociais – inquietações, portanto, que nos movem à sede de conhecimento e investigação, junto à conjuntura apontada, anteriormente.

² Para mais informações, consultar a seguinte reportagem de Assis Moreira, “Brasil é visto como segundo mais corrupto em lista de 63 países”. Disponível em: <www.valor.com.br/brasil/4988460/brasil-e-visto-como-segundo-mais-corrupto-em-lista-de-63-paises>. Acesso em: 1 jun. 2017.

Ademais, reverberados por outros estudiosos que apresentamos, acreditamos no potencial ético, estratégico e político do profissional e das Relações Públicas, como sujeito e objeto, profissional e atividade, ciência e arte.

Nossa pesquisa é de caráter exploratório, com panorama qualitativo. Compreendemos as diferentes perspectivas pertinentes ao tema, não sendo utilizada a vertente quantitativa. Em função dos objetivos estabelecidos, neste estudo, trabalharemos com a abordagem narrativa e método de documentação, através das técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, assim como a coleta de histórias narrativas de vidas no palco de análise que nos ofertam Creswell (2014) e Gil (2008).

Não é o foco da pesquisa observar o impacto de *prides* na vida das organizações e de todos seus públicos, ou aprofundar sobre esses grupos, o que necessitaria outro tipo de estudo que, por ora, nos escapa. Interessa-nos os relatos que envolvem realidades e práticas como promissória de voz dos públicos LGBT e como elas atendem (ou não) à Justiça Social e à Democracia. Devido à importância dos conceitos de Justiça Social e Democracia, nesta pesquisa, referenciamos-nos aos termos como substantivos próprios, utilizando inicial maiúscula.

É interessante salientarmos que analisamos um recorte da vida de pessoas transexuais. Este período é não-linear e está dado pelo que foi narrado pela própria entrevistada ou entrevistado, vindo do passado e chegando ao hoje. Evidentemente, atentamos para o quanto essas experiências podem ter feito diferença na vida das pessoas entrevistadas. Mais adiante, detalhamos esse recorte temático com maior especificidade.

Nosso referencial teórico divide-se em quatro eixos fundamentais: a História das Relações Públicas, conceitualização de Justiça Social, de Democracia e Relações Públicas como ativismo, além das questões acerca da metodologia de pesquisa que utilizamos e experiências de vida. As novas estruturas nas organizações, os *prides*, também serão referidos.

Pesquisadores como Lattimore e outros (2012), Esparcia (2004), Peruzzo (1986) e Holtzhausen (2017) ajudam-nos a compreender as Relações Públicas, por meio de uma retomada histórico-crítica. No que se refere à conceitualização de

Justiça Social e Democracia, trazemos as perspectivas apontadas por Rancière (2014), Pinzani (2012) e Pereira e outros (2013).

Sobre as Relações Públicas como ativismo político e social e as possibilidades que as teorias pós-modernas oferecem para explicar alguns fatos, trazemos Holtzhausen (2016), Lourenço (1998) e Lyotard (1998). Na área de Relações Públicas, à autora Derina Holtzhausen (2016) devemos uma distinção, devido à centralização dos estudos sobre o conceito de Relações Públicas como ativismo, em questões fundamentais, e sua aplicação à teoria e prática profissional.

Em relação à pesquisa e às novas estruturas organizacionais, como *prides*, John Creswell (2014) ajuda-nos a estudar os relatos, sob uma ótica crítica e humanizada. Já as questões sobre especificidades destes grupos de empoderamento e voz LGBT têm sustentação em referências documentais e nos próprios relatos, prioritariamente.

Por conseguinte, o presente trabalho é composto de cinco capítulos. No primeiro, apresentamos o estudo, justificando nossas escolhas, através de um caráter introdutório. Ainda, abordamos aspectos teóricos e metodológicos que nos ajudam na construção deste projeto.

No segundo capítulo, analisamos, sob uma ótica crítica, o histórico das Relações Públicas enquanto prática e teoria, localizados nos Estados Unidos, Brasil e na África do Sul. Ressaltamos que, a partir daqui, os termos Justiça Social e Democracia são trazidos sequencialmente à narrativa, devido à sua adequação.

No terceiro capítulo, aprofundamos as reflexões teóricas sobre as Relações Públicas como ativismo político e social, enfoque pós-moderno da prática e teoria dessa área da Comunicação Social, já nos aproximando de nosso objeto de estudo.

No quarto capítulo, as questões vinculadas à Metodologia de Pesquisa empregada e contarmos duas histórias de pessoas transexuais contextualizam nossos esforços de pesquisa e uma apropriação necessária acerca do que seria pesquisa narrativa. Os elementos das histórias narrativas coletadas e temas que emergiram desses relatos fecham essa etapa que, pela densidade, pode destoar, em número de páginas, em comparação com as outras partes deste trabalho.

No quinto e último capítulo, discorreremos nossos aprendizados com a realização do presente estudo. Nossas considerações enfatizam a relevância do tema para a área – afinal, toca em pontos importantes, como ética, exercício profissional, Justiça Social, diversidade³, vinculados às Relações Públicas, e lida com um público muito singular como *corpus* de pesquisa.

Tentamos, dentro das nossas limitações, dar o máximo de voz às pessoas entrevistadas. Lutar por igualdade parece-nos sempre necessário.

³ Especificamente aqui, referimo-nos às questões pertinentes à temática LGBT.

2 O PODER DA HISTÓRIA

Então, “o que aconteceria” se nossa história se escrevesse através da vida dos ativistas e não dos agentes de imprensa? “O que ocorreria” se nossa história comum emanasse da resistência ao colonialismo britânico e não de P. T. Barnum, Ivy Hamilton e Edward Bernays? “E se” nossos heróis fossem Thomas Jefferson, Margaret Sanger, Alexander Hamilton, membros do movimento de Direitos Civis, Emily Hobhouse, o Congresso Nacional Africano, e o prêmio Nobel da Paz Jody Williams? Talvez os profissionais não teriam tanto medo de perder seus trabalhos se soubessem que estão fazendo o correto. Talvez não estariam tão apegados à gestão. Talvez desempenhássemos papéis muito mais importantes se ajudássemos as organizações a sobreviverem ajustando os valores empresariais aos princípios democráticos das sociedades em que vivem. Talvez teriam melhor reputação. Talvez sua contribuição à sociedade seria reconhecida e celebrada e não vilificada (DERINA HOLTZHAUSEN 2016, p. 155, tradução nossa).

No presente capítulo, analisamos uma ótica crítica do histórico das Relações Públicas, enquanto prática e teoria geolocalizadas nos Estados Unidos (conhecido como o berço das Relações Públicas). A reflexão faz-se necessária, afinal, “ser reflexivo caminha de mãos dadas com a abertura e a honestidade na tentativa de realizar uma análise histórica” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 136, tradução nossa). Nossos principais autores, neste capítulo, são Cicilia Peruzzo (1986)⁴, Dan Lattimore (2012) e Derina Holtzhausen (2016) – esta última, nossa principal fonte, neste contexto.

Não obstante, trazemos algumas perspectivas da área no Brasil e uma nova “narração moral que poderíamos usar para romper com a História opressiva das relações públicas a serviço do poder” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 130, tradução nossa), em analogia à história de uma ativista nos anos de 1900, na África do Sul. Portanto, algumas observações gerais acerca da História *per se* são necessárias. Trataremos, aqui, ora da História, “em maiúsculas, ou História como metarrelato a serviço do poder”, ora da história, “uma ampla gama de temas sujeitos à análise histórica” (HOLTZHAUSEN, 2017, p. 125, tradução nossa).

A arte de prestar serviços de comunicação surge com os retóricos, na Grécia Antiga. Nas palavras de Lattimore (2012, p. 37), podemos ver o que Helio Fred

⁴ Apesar de sua publicação no fim dos anos 1980, devido ao que trata e problematiza, justificamos o uso da presente obra, dada a sua clara coesão com nossa temática de estudo. Observaremos, ao longo deste trabalho de conclusão de curso, sua crítica muito hodierna. Lamentamos a pertinência das problemáticas desveladas pela autora, tão verdadeiras à nossa realidade.

Garcia diz sobre a origem dessas atividades: “acreditava[-se] que o trabalho do retórico era incentivar as habilidades persuasivas, mais do que determinar se os argumentos ou afirmações eram verdadeiros ou falsos”. Podemos inferir, através de práticas da Igreja Católica, nas guerras como as Cruzadas e em busca do mítico Eldorado, por exemplo, que:

[...] as habilidades de persuasão têm sido usadas para influenciar o público e a opinião pública por centenas de anos. Artefatos do que se pode interpretar como materiais de relações públicas sobreviveram desde a Índia, a Mesopotâmia, a Grécia e a Roma antigas (LATTIMORE, 2012, p. 37).

Evidenciamos o quão funcionalista e positivista seguimos sendo. Exemplo disso é o resumo do capítulo 2 de Lattimore (2012, p. 56). Apesar de não estarmos no mesmo tempo histórico, afinal, “tu não podes descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti”⁵, o “padrão de desenvolvimento” da área segue sendo essencialmente uma função de gestão – ideologia dada por Ivy Lee, ex-jornalista, batizado como “o pai das relações públicas” (LATTIMORE, 2012, p. 40). Scott M. Cutlip (citado por LATTIMORE, 2012, p. 56, grifo nosso) fala-nos que a “*essencialidade das relações públicas como função de gestão* que Ivy Lee vislumbrou no início dos anos de 1900 fica mais clara a cada dia que passa”. Lattimore (2012) complementa:

[...] alcance do trabalho de relações públicas hoje obviamente não se parece com o que era em seus primórdios, durante o período após a Segunda Guerra Mundial. *Mesmo assim, o padrão de desenvolvimento* pode ser visto nas quatro tradições orientadoras: a tradição dos retóricos e dos agentes de imprensa, a tradição da publicidade jornalística, a tradição da campanha de comunicação persuasiva e, por fim, a tradição de construção de relações bidirecionais (LATTIMORE, 2012, p. 56, grifo nosso).

Em relação à congruência da obra de Dan Lattimore (2012) a este estudo, colocada aqui não de maneira casual, suas referências a “ferramentas”, “público-alvo”, “novos mercados consumidores e financeiros”, (LATTIMORE, 2012, p. 42, p. 53) e outros conceitos, colocam a ciência e a área como uma hiper-realidade⁶ do

⁵ Heráclito de Éfeso, aproximadamente 544 a. C. – 474 a. C., citado por Souza e Kuhnen, 1996, p. 32.

⁶ O que, para Jean Baudrillard (citado por KEEN, 2012, p. 156), é “a simulação de algo que nunca existiu realmente”.

Marketing⁷, assim como já nos é dito que há nas Relações Públicas um simulacro⁸ do Jornalismo.

Esta substituição do real pelo hiper-real nas relações públicas começa já na universidade, onde se ensinam aos estudantes a escrever, atuar e pensar como jornalistas [...]. Isso cria uma imagem hiper-real do profissional como jornalista, [...] imitando assim a função que se pensa que os jornalistas devem ter na sociedade [...]. Não é de se estranhar que os jornalistas sejam algo céticos frente a esta disciplina (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 164, tradução nossa).

Concordamos com o autor ao dizer que, não exclusivamente, mas também é através da globalização e da internet que “os profissionais de relações públicas são forçados a ser mais versados nas práticas de *comunicação intercultural e a entender as diferenças*”, e isso se dá “na forma como [...] meios de comunicação são abordados ou contatados em diferentes culturas” (LATTIMORE, 2012, p. 53, grifo nosso).

Devemos ter em conta que as Relações Públicas, no contexto norte-americano e brasileiro, estão, historicamente, sob a égide moderna. Até mesmo na questão da história das Relações Públicas africana estamos nesse tempo histórico e filosófico – apesar de, nesta última, se ter presente o caráter ativista político e social como uma ideologia da área (HOLTZHAUSEN, 2016).

A modernidade, seja qual for a época de que date, é sempre inseparável do enfraquecimento da crença e da descoberta do *pouco de realidade* da realidade, associada à invenção de outras realidades. Que significa esse “pouco de realidade”, se se procura libertá-lo de uma interpretação apenas historicista? A expressão é evidentemente parente daquilo a que Nietzsche chama niilismo⁹ (LYOTARD, 1993, p. 21).

Ao expormos essa trajetória histórica, é importante salientarmos o impacto que a internet gerou na profissão de Relações Públicas. “Em seus primórdios, sete pessoas se conectavam pela primeira vez a cada segundo [...]. O rádio levou 30 anos para atingir uma audiência de 50 milhões e a TV, 13 anos; em contraste, a

⁷ Capítulo 8 do livro de Kotler e Armstrong, Princípios de marketing, de 1999 (p. 158-187).

⁸ “O simulacro nunca é o que oculta a verdade — é a verdade que oculta que não existe. O simulacro é verdadeiro”. (Jean Baudrillard, possivelmente parafraseando o Eclesiastes bíblico, na obra Simulacros e Simulação. 1991, p. 7).

⁹ Trata-se de uma negação do Todo, de algo maior; elevado. Esse Todo seria, por exemplo, como a moralidade, os costumes e a religião. “Com o termo niilismo (*der Niilismus*), ele [Nietzsche] procurava abarcar as diversas manifestações da doença ou crise inscritas na história do homem ocidental, de modo a atingir a razão comum dessa doença, qual seja” (ARALDI, 1998, p. 76).

internet levou apenas 4 anos” (LATTIMORE, 2012, p. 53). A natureza do trabalho de Relações Públicas não pode ser mais a mesma.

A abertura de novos mercados em escala global levou a sistemas de desenho estratégico global com implementação local e uma ênfase visivelmente mais intensa dada às questões ou diferenças interculturais, nas formas com que as empresas poderiam oferecer a si mesmas e a seus produtos em diferentes culturas e regiões do mundo. Nos Estados Unidos, aumentou em muito o grau de especialização nas agências, à medida que elas buscavam desenvolver mais competência temática em nichos importantes da economia, incluindo tecnologia, serviços de saúde, instituições financeiras e de investimento e prática internacional (LATTIMORE, 2012, p. 53).

Apesar desta estranha essencialidade, de um modo geral, a prática profissional “permitiu que pessoas e instituições planejassem estratégias de comunicação que demandaram profissionais com formação interdisciplinar para poder combater com eficácia os objetivos propagandísticos” (ESPARCIA, 2004, p. 43, tradução nossa). Todavia, “em primeiro lugar, abordar a construção teórica como capitalismo [...] não é a única explicação do fenômeno das Relações Públicas [...]. A democracia oferece uma melhor explicação” (HOLTHAUSEN, 2016, p. 28). Ainda segundo Esparcia (2004), as Relações Públicas emergem da necessidade de uma interlocução entre distintos públicos. Neste sentido, podemos quebrar a perspectiva de que nascem tão puramente do capitalismo.

Oficialmente titulada em 1882, a terminologia "Relações Públicas" chamou a atenção de ex-jornalistas¹⁰ que empreenderam na área: fora criado um escritório de publicidade (Publicity Bureau), que fazia uma espécie de Assessoria de Imprensa que, segundo seu próprio dono, George V. S. Michaelis, trava-se de "coletar informações factuais sobre seus clientes para distribuição a jornais" (LATTIMORE, 2012, p. 40).

Em paralelo, o então presidente Theodore Roosevelt (mandato de 1901 a 1909) "começou a usar amplamente as entrevistas coletivas e individuais, [...] governava o país a partir das capas dos jornais" (LATTIMORE, 2012, p. 40). Ainda,

¹⁰ Infelizmente, por fugir da nossa alçada, não podemos tratar aqui da discussão sobre o que seria um "ex-jornalista", mas salientamos nossa acentuada curiosidade sobre o tema.

para Lattimore (2012, p. 38), “na verdade, as relações públicas prosperaram mais em tempos de extrema pressão ou crise” política e/ou social.

Historicamente, é evidente o privilégio que os homens relações-públicas forneceram à classe dominante (PERUZZO, 1986). Segundo Lattimore (2012), a presença feminina é muito pouco datada. É esse tipo de Relações Públicas que será importado para o Brasil e que, até hoje, serve de referencial para estudos da área (PERUZZO, 1986). A lógica do nascimento de Relações Públicas, tal qual apresentamos até aqui, tem consequências:

[...] produz uma elite das "capacidades" que tem tempo e meios de se esclarecer e impor a moderação republicana à *anarquia democrática* [grifo nosso]. É o pensamento dominante dos Pais Fundadores norte-americanos (RANCIÈRE, 2014, p. 84).

Derina Holtzhausen (2016, p. 109, tradução nossa) diz-nos, a partir de Lamme e Russel (2010), que a “História das Relações Públicas nos Estados Unidos [...] não se desenvolveu de forma progressiva”.

Para L’Etang (2004), o desenvolvimento das relações públicas se associa à luta de classes, enquanto os historiadores estadunidenses geralmente consideram que a disciplina era um dos principais fatores para promover os interesses das instituições governamentais e capitalistas (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 109, tradução nossa).

A partir dessa breve retomada de pontos-chave da História das Relações Públicas, abarcamos a perspectiva histórica da profissão, nos Estados Unidos e, de certa forma, no Brasil e na África do Sul. Começamos pelo primeiro, o berço das Relações Públicas (LATTIMORE, 2012).

2.1 RELAÇÕES PÚBLICAS NOS ESTADOS UNIDOS

A prática de Relações Públicas pode ser evidenciada no período de colonização norte-americano. Neste sentido, "a publicidade [arte de tornar público] impulsionou a colonização" (LATTIMORE, 2012, p. 39).

Em 1641, o Harvard College iniciou a primeira campanha sistemática de arrecadação de fundos no país, que foi apoiada pelo primeiro folheto dessa natureza, o New England’s First Fruits. Em 1758, o

King's College (atual Columbia University) emitiu a primeira nota à imprensa, para anunciar cerimônias de formatura (LATTIMORE, 2012, p.37-38).

No início da história, nos Estados Unidos, a área estava vinculada à esfera política (LATTIMORE, 2012), de modo a publicitar e anunciar. Um exemplo é o presidente Andrew Jackson (mandato de 1829-1837), que “indicou Amos Kendall [...] para servir como seu especialista em *sondagens de opinião, assessor, escritor-fantasma e assessor de imprensa*” (LATTIMORE, 2012, p. 38, grifo nosso), uma curiosa característica de raiz das Relações Públicas norte-americanas. “Embora não tivesse o título, Kendall foi, na prática, o primeiro secretário de imprensa presidencial e contato com o Congresso”, ou seja, um “especialista para transmitir suas ideias ao Congresso e ao povo do país nos jornais do dia” (LATTIMORE, 2012, p. 38-39).

A Revolução Industrial do século XIX, por sua vez, trouxe aos Estados Unidos um novo modo de funcionamento social, pautado pela lógica das fábricas, do estresse advindo do trabalho e da vida urbana e da diferença entre chefes (dominantes) e empregados (dominados) (LATTIMORE, 2012). Geravam-se conflitos e as Relações Públicas tomavam uma nova face. Os patrões amealhavam enormes lucros, enquanto os empregados começaram a se organizar em sindicatos (LATTIMORE, 2012). “O especialista no campo das relações públicas era um fenômeno inevitável em vista da necessidade dos serviços que poderia prestar” (LATTIMORE, 2012, p. 39-40). Em poucas palavras, a industrialização alterou a estrutura das sociedades e deu lugar a condições que demandavam [um novo] conhecimento de relações públicas (LATTIMORE, 2012). Buscava-se, pois, a “simpatia” do público.

Nessa época, a Assessoria de Imprensa legitimou suas virtudes às empresas e “a comunicação se dava fundamentalmente face a face” (LATTIMORE, 2012, p. 39). É sobre esse cenário que aparece Phineas T. Barnum, que “sempre foi considerado o mestre dos agentes de imprensa, com uma capacidade de fazer promoção com inesgotável imaginação” (LATTIMORE, 2012, p. 39). Não são poucos os exemplos de sua perspicácia e de práticas de caráter duvidoso dessa “imaginação”, afinal, “Barnum usou a assessoria de imprensa para ganhar dinheiro, pura e simplesmente” (LATTIMORE, 2012, p. 39), hábitos de um enganador inofensivo (THE NEW YORK TIMES, 1891).

É interessante trazermos que, nesse caso da Assessoria de Imprensa (agentes de imprensa), através do trabalho de Barnum, tratamos da prática da retórica como um meio para propagar uma falsidade ou mesmo uma verdade, algo abstrato, resultando na “compra da ideia” (LATTIMORE, 2012, p. 53).

Desde que a atividade do agente de imprensa seja usada para promover circos, entretenimento e esportes profissionais, seu potencial negativo fica limitado, *mas seu uso em política é mais ameaçador*. [...] Além disso, a tentativa manipuladora de obter atenção do público por meio da mídia tem um lado ainda mais obscuro. [...] Os sociólogos europeus temiam que os agentes de imprensa e os retóricos pudessem incitar a multidão, desestabilizando governos e sociedades. Essa é a mesma tática usada por organizações terroristas em atentados como os voos suicidas de 11 de setembro contra o World Trade Center e o Pentágono. Os terroristas tentam usar seus atentados para chamar a atenção à sua propaganda (LATTIMORE, 2012, p. 39, grifos nossos).

Nesse espectro histórico, um certo repórter, chamado Ivy Ledbetter Lee, viu na assessoria de imprensa sua grande potencialidade de poder e influência da Opinião Pública¹¹.

Lee se juntou a George Parker, outro veterano dos jornais, para formar a terceira agência de publicidade do país, em 1904. Dois anos mais tarde, a empresa de carvão George F. Baer and Associates contratou a parceria para representar seus interesses durante uma greve nas minas de antracito. Lee aceitou a tarefa e convenceu Baer a se abrir. A seguir, emitiu imediatamente uma Declaração de Princípios a todos os editores de jornal da cidade. Os sentimentos expressos nesse documento indicavam claramente que as relações públicas tinham entrado em sua segunda etapa (LATTIMORE, 2012, p. 40).

"As primeiras décadas do século XX marcaram o aparecimento dos poderosos monopólios, a concentração de riquezas em poucas mãos e a conseqüente [sic] hostilidade do povo norte-americano contra o mundo dos negócios" (ANDRADE citado por PERUZZO, 1986, p. 20). Portanto, entendemos que as Relações Públicas "nascem" ou tomam forma institucionalizada com Ivy Lee e que elas se posicionam a favor do capital (PERUZZO, 1986). Como observou Eric

¹¹ "Em geral, a noção que se dá ao termo é o da representação de um conjunto de opiniões individuais semelhantes entre si a respeito de temas de interesse coletivo" (SILVA, 2014, p. 441) e que é diferente da opinião de públicos, ou seja, "agregado de opiniões das pessoas que constituem determinado público, em relação a uma determinada instituição, personalidade, produto ou fato social" (BARBOSA, 2001, p. 526).

Goldman, “o público não deveria ser mais ignorado, à maneira tradicional dos negócios, nem enganado, na maneira persistente do agente de imprensa” (LATTIMORE, 2012, p. 40-41). Apesar de misturar técnicas de Publicidade com assessoria de Imprensa, e de trabalhar com clientes latifundiários, a ideia de Lee era “dizer a verdade”: ele declarou que o público deveria ser informado.

Ivy L. Lee, acrescido de doações para obras de caridade, concessão de bolsas de estudo e criação de fundações, etc., não significa que o público tenha sido informado sobre as reais condições de exploração do trabalho e que a exploração da mais-valia tenha deixado de existir. Ela continua a existir [...], mesmo com a utilização de técnicas mais sofisticadas de persuasão (PERUZZO, 1986, p. 22).

Lee morreu em 9 de novembro de 1934, com sua reputação em ruínas. Tomado como agente de imprensa de Hitler, “seu nome foi manchado em todos os Estados Unidos” (LATTIMORE, 2012, p. 41). Seu famoso pronunciamento sobre uma Declaração de Princípios da F. Baer & Associates, uma empresa de carvão e ferrovia, fora pautado pela máxima de “transparência”.

Esta não é uma agência de imprensa secreta. Todo o nosso trabalho é feito às claras. Nosso objetivo é fornecer notícias. Esta não é uma agência de propaganda; se você achar que qualquer material nosso é seu por direito, não o use. Nosso material é preciso. Mais detalhes sobre qualquer assunto tratado serão apresentados prontamente, e qualquer editor será ajudado, com o maior prazer, a verificar diretamente qualquer declaração factual... Resumindo, nosso plano é, franca e abertamente, em nome de empresas e instituições públicas, fornecer à imprensa e ao público dos Estados Unidos informações imediatas e precisas sobre temas que tenham valor e interesse para ele (LATTIMORE, 2012, p. 41).

Já no fim do século XIX, organizações sem fins lucrativos, principalmente algumas universidades, congregações religiosas e órgãos de saúde, passaram a utilizar a assessoria de imprensa. “Na História, a evolução das relações públicas está intimamente ligada à História do jornalismo” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 125, tradução nossa), razão pela qual as Relações Públicas vinculam-se às faculdades de Comunicação.

Embora muito negligenciados na História das relações públicas, os movimentos sociais da época adotaram as mesmas técnicas de relações públicas que eram usadas por outras organizações sem fins

lucrativos, segundo Karen Miller, estudiosa do tema. Além disso, ela observa que *os textos de relações públicas praticamente não prestam atenção às mulheres* que comandavam esses movimentos, como Clara Barton, Margaret Sanger, Susan B. Anthony, Ida B. Wells e Elizabeth Cady Stanton. Cada uma delas usou técnicas de relações públicas da época de forma bastante eficaz para informar o público sobre questões polêmicas, apesar de seu trabalho geralmente ser considerado fora da estrutura empresarial do campo. (LATTIMORE, 2012, p. 42, grifos nossos).

Paralelamente, empresas de grande porte se preocupavam com a gestão de conflitos com seus públicos. Surgem gabinetes e operações que visavam à eficiência em contato com a imprensa, com foco em chegar a um maior número de pessoas. Questões de Comunicação Interna foram mais pautadas. Ou seja, tratava-se do cuidado com as relações humanas internas, que se revelava através de publicações voltadas ao funcionário, por exemplo (LATTIMORE, 2012).

Entre os grandes usuários da assessoria de imprensa industrial estava Henry Ford. A Ford Company foi pioneira no uso de várias ferramentas de relações públicas. Em 1914, fundou-se um departamento corporativo de filmes. A Ford também fez pesquisas com mil clientes para conhecer suas atitudes e seus interesses. Comunicadores corporativos astutos começaram a reconhecer que *funcionários bem informados poderiam servir como embaixadores da boa vontade corporativa* (LATTIMORE, 2012, p. 42, grifo nosso).

É a partir desse processo de maior foco na análise da organização que Harold D. Lasswell, envolvido com a organização Creel (em meados de 1917) conclui que “a propaganda é uma das instrumentalidades mais poderosas do mundo moderno” (LATTIMORE, 2012, p. 43).

Claramente, o Comitê Creel demonstrou o poder da persuasão de massa e da influência social em nível nacional. O sucesso levou norte-americanos reflexivos a dar uma atenção mais organizada à natureza da opinião pública e ao papel do público na sociedade [...]. O governo [...] deveria ser influenciado e comandado por especialistas que pudessem interpretar a vontade pública à luz das necessidades e interesses nacionais” (LATTIMORE, 2012, p. 43).

Essa interpretação, vinculada aos pensamentos de John Dewey e de Walter Lippman, levaram profissionais a “ênfatar que a função das relações públicas era mudar as imagens e influenciar a percepção do público sobre temas importantes” (LATTIMORE, 2012, p. 43). Em relação a Edward Bernays, que “vendeu o hábito de

fumar como feminismo desafiando o poder masculino” (NOGUEIRA, 2012) e foi o principal defensor da comunicação persuasiva (LATTIMORE, 2012), seus ideais expressaram-se com clareza em seu primeiro livro, *Crystallizing Public Opinion*¹².

Edward Bernays, pouca gente conhece. Mas há quem diga que as consequências de seu trabalho definiram mais a sociedade do século 20 do que seu famosíssimo tio. Pois, se Freud é o pai da psicanálise, Bernays é o pai da sociedade de consumo. E, como primeiro grande projeto, o austríaco radicado nos Estados Unidos resolveu convencer as mulheres de que elas poderiam fumar cigarros. Aliás, de que elas deveriam fumar cigarros (NOGUEIRA, 2012).

À época, Bernays considerava as Relações Públicas como um tipo de processo manipulador, uma “manipulação consciente e inteligente dos hábitos e opiniões organizados das massas” (LATTIMORE, 2012, p. 44). “Seus releases para a imprensa e sua habilidade em persuadir veículos de comunicação ajudaram a transformar o presidente Woodrow Wilson em uma celebridade na Europa” (NOGUEIRA, 2012).

É desse autor a ideia de eventos estratégicos que aproveitassem das circunstâncias para pautar a mídia e da geração de coberturas imensas da mídia (LATTIMORE, 2012). Todavia, “a palavra propaganda era malvista no pós-guerra. Associada às campanhas ideológicas alemãs, Bernays trocou apenas o nome para ‘relações públicas’ e abriu um escritório em Nova York” (NOGUEIRA, 2012).

A campanha de Bernays¹³ para uma empresa de cigarros, à época, mobilizou uma onda de mulheres e, de certa forma, tocou no tema do feminismo. Gostaríamos de fazer um parêntese importante. Entendemos o feminismo como uma ideologia libertadora que preconiza a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade. Não obstante, impactando socialmente a expansão da noção de poder, a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão da própria categoria “poder” e a inclusão de questões em torno do subjetivo e do sujeito, tocando em temas da ordem da psicanálise, por exemplo, conforme Stuart Hall (1996, citado por ESCOSTEGUY, 1998, p. 2-3). Em relação à campanha de Bernays, em realidade,

¹² Obra clássica da área, original de 1923, pode ser encontrada mais recentemente publicada em Espanhol: BERNAYS, E. L. **Cristalizando la Opinión Pública**. Barcelona: Gestión, 2000.

¹³ Documentário *O Século do Ego* (2005). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=tHHVQy3Yd1w>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

sua ideia foi brilhante e maquiavélica. Em vez de comprar anúncios, contratou um grupo de lindas debutantes e avisou à imprensa que militantes feministas, lutando pelo direito de voto nas eleições, iriam acender as “tochas da liberdade” no desfile de Páscoa em Nova York. [...] “A ideia não era anunciar, mas ocupar as notícias”, disse certa vez (NOGUEIRA, 2012).

Figura 1 – Campanha de incentivo ao fumo feminino para Corporação de Tabaco Americana



Fonte: Reprodução/Rodrigo Sacramento

“Tudo com um objetivo claro: trocar uma economia baseada em necessidades por uma baseada em desejo. Curioso, e tristemente adequado, que tudo tenha começado com um nada inocente cigarrinho” (NOGUEIRA, 2012).

Figura 2 – Campanha para Corporação de Tabaco Americana que incentivava mulheres a fumarem



Fonte: Reprodução/Rodrigo Sacramento

Para Page, todos os negócios perpassam a política. Mais especificamente, ao aceite do público, bem como todos os “negócios em um país democrático” necessitam da permissão da Opinião Pública.

Enquanto Bernays capitaneava a abordagem de campanha persuasiva às relações públicas, uma perspectiva muito diferente era promovida por Arthur Page, um bem-sucedido empresário, servidor público, escritor e editor (LATTIMORE, 2012, p. 44).

Segundo Lattimore (2012, p. 44), “Page considerava as relações públicas uma função de gestão” antes que algo vinculado ao jornalismo publicitário. Sob seu comando, sendo substituto como vice-presidente na empresa AT&T¹⁴, “a empresa foi diretamente ao público, estabelecendo, por exemplo, um programa de filmes a serem mostrados em escolas e grupos cívicos” (LATTIMORE, 2012, p. 44). A empresa AT&T construiu contato e compromissos com clientes e fornecedores, além de muitas agências locais.

“O que realmente diferenciava Page e o estabelecia como pioneiro era sua insistência para que o departamento de publicidade funcionasse como um intérprete do público para a empresa [...]. Page queria dados, e não palpites” (LATTIMORE, 2012, p. 45). Dentro de sua perspectiva de gestão, Page pautou seis princípios de boas práticas para sua equipe:

dizer a verdade; provar com ações; ouvir o cliente; administrar para amanhã; conduzir as relações públicas como se a empresa toda dependesse delas; e permanecer calmo, paciente e bem-humorado. [...]Page pode ser o que mais se aproxima, entre os primeiros profissionais, de representar a ideia de construção de relações e da tradição de comunicação bidirecional (LATTIMORE, 2012, p. 45).

Devido aos impactos econômicos da Grande Depressão¹⁵ estadunidense dos anos 1930, a prática de Relações Públicas fora impulsionada pelo governo do então presidente Franklin Roosevelt. Através do trabalho de Relações Públicas, “construiu[-se] apoio público [...] a favor de seus programas de recuperação

¹⁴ A American Telephone and Telegraph Company (AT&T), empresa importante envolvida com Relações Públicas. Disponível em: <<https://www.business.att.com/>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

¹⁵ Para mais informações, consultar a reportagem: O QUE foi a Grande Depressão? **Mundo Estranho**, São Paulo, 26 jul. 2017. Disponível em: <mundoestranho.abril.com.br/historia/o-que-foi-a-grande-depressao/>. Acesso em: 15 ago. 2017.

conhecidos como *New Deal*, com transmissões semanais de rádio e muitas outras técnicas” (LATTIMORE, 2012, p. 45). A Guerra em nível mundial trouxe um outro caráter à prática profissional, então vinculada com objetivos do *Office of War Information* (OWI), um gabinete dedicado à guerra, como a “plantação de jardins da vitória e recrutamento de pessoal militar” (LATTIMORE, 2012, p. 46).

O período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial representou um ponto alto no crescimento e desenvolvimento profissional da prática das relações públicas. Muitos profissionais de destaque dos anos de 1950 aos anos de 1980 estavam entre os cerca de 75 mil norte-americanos que experimentaram o “estágio mais avançado em relações públicas”, tendo aprendido a prática durante a época da guerra, ao trabalhar para o OWI (LATTIMORE, 2012, p. 47).

Apesar do vínculo com a área governamental, as Relações Públicas cresceram e expandiram-se no mercado, em empresas e organizações do setor privado. É nessa época que Moss Kendrix¹⁶, destacado relações-públicas negro, tem sua carreira posta em evidência. Destacamos a terminologia “*stakeholders* e [de como] os públicos estabelecidos eram afetados pelas mudanças no uso da terra, zoneamento e atividades de desenvolvimento da comunidade” (LATTIMORE, 2012, p. 49, grifo do autor). Por outro lado, temas vinculados aos assuntos públicos, das interseções entre cliente-mídia-funcionário e entorno social, assim como de direitos civis e participação pública, emergiam com furor.

“Os novos programas obrigatórios de envolvimento cidadão e participação pública exemplificaram o crescimento da tradição de construção de relações e comunicação bidirecional” (LATTIMORE, 2012, p. 49). À luz de uma ideia de comunicação simétrica bidirecional, a perspectiva envolvia *stakeholders* importantes, com foco em relações duradouras. Se pudermos fazer uma metáfora, aqui as Relações Públicas não querem um simples namoro, senão um casamento consolidado, firme e estável.

¹⁶ Kendrix está fortemente vinculado à empresa Coca-cola, possível sinônimo de sucesso para a área no pós-Guerra. Para mais informações, consultar: GREER, Brenna W. Moss Kendrix, Coca-Cola and the Identity of the Black American Consumer. **Coca-cola**, 25 fev. 2013. Disponível: <www.cocacolacompany.com/stories/consuming-america-moss-kendrix-coca-cola-and-the-making-of-the-black-american-consumer>. Acesso em: 15 ago. 2017.

Burson, outra figura de destaque, ascende rapidamente, sendo co-fundador de uma das maiores agências de PR¹⁷ do mundo e personificador do crescimento desta perspectiva pós-Segunda Guerra Mundial. “Burson diz que se tivesse que começar de novo, prestaria ainda mais atenção a ‘recrutar, formar, desenvolver, motivar e recompensar seus funcionários’” (LATTIMORE, 2012, p. 49). Algumas ações são propostas para alcançar estes objetivos, tais como:

[...] contratar “funcionários dedicados”, o ambiente de trabalho possuir uma “atmosfera familiar”, que generará, por sua vez, uma “cultura corporativa de forma proativa” e que o posicionamento da marca frente ao mercado em que está seja “líder”; pioneiro (LATTIMORE, 2012, p. 49-50).

Nascida em tempos modernos, as Relações Públicas galgaram grande evolução científica e mercadológica, ganhando reconhecimento como um campo profissional. “Na verdade, talvez os 40 anos entre 1960 e 2000 possam ser mais bem caracterizados como a era da construção do desenvolvimento profissional das relações públicas” (LATTIMORE, 2012, p. 50). Claramente, uma profissão marcada pelos períodos de Guerra e expansão do capitalismo, globalização e internet.

Em 1947, a Universidade de Boston fundou a primeira faculdade de relações públicas. Dois anos depois, 100 faculdades e universidades ofereciam aulas sobre o tema. Talvez mais do que qualquer outra coisa, o período de 50 anos entre o final da Segunda Guerra Mundial e a explosão da internet tenha se caracterizado pela profissionalização da prática (LATTIMORE, 2012, p. 50-51).

A partir do exposto, segundo Lattimore (2012, p. 36), temos dado “a evolução das relações públicas em quatro tradições diferentes. [...] Podemos pensar nelas como um *contínuo histórico*” composto a partir da presença destas “estratégias” em diversas organizações. No fechamento deste tópico há uma linha do tempo (Figura 3) que resume alguns pontos-chave dessa trajetória. Contudo, façamos algumas análises prévias.

Há destaque para as passagens dos anos 1960 a 1990, 1970 a 2000, 1980 a 2000 e de 1990 a 2010. Na última passagem, trata-se dos quatro modelos de

¹⁷ Sigla que, em inglês, significa Public Relations; em português, o mesmo para RRPP e Relações Públicas. Retirado de: Whats is PR? **CIPR**, London, [2016?] Disponível em: <<https://www.cipr.co.uk/content/careers-advice/what-pr>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

comunicação de J. Grunig. É a esses modelos de comunicação, focados na dissimetria/assimetria, que se refere Lattimore (2012, p. 37), no segundo capítulo da obra *A História das Relações Públicas*. Ou seja, tratam-se de culturas de Comunicação e Relações Públicas chamadas de “tradição dos retóricos e dos agentes de imprensa”, “tradição jornalística e publicitária”, “tradição da campanha de comunicação persuasiva” e, por fim, a chamada “tradição de construção de relações e comunicação bidirecional”.

“Portanto, nossos heróis dos quatro modelos são P. T. Barnum, Ivy Lee, Edwards Bernays e Scott Cutlip” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 117, tradução nossa). A História sempre nos proporciona lições (LATTIMORE, 2012). Sua função é ensinar, através do uso de exemplos escolhidos politicamente (HOLTZHAUSEN, 2016).

Para Holtzhausen (2016, p. 112, tradução nossa), “em certo sentido, podemos referir-nos aos quatro modelos históricos das Relações Públicas como uma genealogia ou linhagem, utilizada para garantir a autoridade moral da disciplina”.
 Todavia:

Lyotard vincula o discurso dialógico e o consenso dentro do contexto da persuasão. [...] Também considera a comunicação dialógica como uma forma de persuasão. [...] Para Lyotard o diálogo em si é uma persuasão de um tipo diferente e vai dirigida ao Outro (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 183, tradução nossa).

Ainda, as intenções desta persuasão são “controlar ou contribuir a controlar estes efeitos” (LYOTARD; THÉBAUD, 1985, p. 4 citados por HOLTZHAUSEN, 2016, p. 183, tradução nossa) de dominação. Na Teoria das Relações Públicas, podemos ver a presença da simetria bidirecional que, segundo L. A. Grunig e outros (2002 citados HOLTZHAUSEN, 2016, p. 183, tradução nossa), trata de controlar e mudar os sujeitos que comunicam entre si. “O diálogo elimina a possibilidade da política porque só pode produzir-se quando na discussão todos se põem de acordo sobre as regras e sobre o ‘jogo de linguagem’ sob estas circunstâncias” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 183, tradução nossa). No próximo capítulo, tratamos melhor sobre os ditos “jogos de linguagem”.

Figura 3 – Esquema histórico das Relações Públicas



Fonte: o Autor baseado em Lattimore (2012, p. 51).

2.2 RELAÇÕES PÚBLICAS NO BRASIL

Para tratarmos da perspectiva de Relações Públicas em nosso país, recorreremos a autoras como Cicilia Peruzzo (1986), Derina Holtzhausen (2016) e o filósofo Jacques Rancière (2014). É neste momento em que elevamos a questão de como trabalhamos, enquanto profissionais relações-públicas, pouco a favor da Democracia e da Justiça Social.

Democracia que por sua vez vem depois, interrompendo a lógica tradicional segundo a qual as comunidades são governadas por aqueles que têm título para exercer sua autoridade sobre aqueles que são predispostos a submeter-se a ela (RANCIÈRE, 2016, p. 68).

Advinda dos Estados Unidos, nossa área tem seus primórdios marcados pela industrialização e está fortemente vinculada à Comunicação Pública.

A primeira iniciativa foi tomada em 1914 pela Light, criando em São Paulo um departamento destinado a gerir as relações da companhia com os seus usuários e a cuidar dos negócios com as autoridades estaduais e municipais. No entanto a expansão dos programas de Relações Públicas no país só ocorreria na década de 50, quando o processo de industrialização nacional assumiria nova feição, com a política de estímulo à absorção de capitais estrangeiros, principalmente norte-americanos (PERUZZO, 1986, p. 13).

Avaliando historicamente a bibliografia de Relações Públicas em língua portuguesa, à época, a autora Cicilia Peruzzo (1986) percebe uma clara hegemonia norte-americana. "A característica fundamental dessa produção teórica aqui disseminada é sua natureza instrumentalizadora" (PERUZZO, 1986, p. 14). É nesse sentido que criticamos o histórico de Relações Públicas, ainda impregnadas no hoje, com referências diretas de um passado que importa enquanto história – porém, defasado como sinônimo do sentido de verdade no presente.

A autora ainda ressalta que as produções brasileiras se tornam hiper-realismos das estadunidenses e que essa marca do colonialismo não se detém somente à área, senão à cultura brasileira como um todo (PERUZZO, 1986), ainda que alguns estudos particularmente habitem fora desse lugar-comum.

No entanto, apesar da originalidade apresentada, esses trabalhos permanecem cingidos à compreensão das Relações Públicas dentro

das fronteiras de sua aparência. Melhor dizendo: *não vislumbram essa atividade de comunicação enquanto instrumento de mediação social e de reprodução ideológica* (PERUZZO, 2012, p. 16, grifo nosso).

Tampouco nos conforta a ideia de que os relações-públicas sejamos vistos como modeladores da Opinião Pública. Sobre o tema, Peruzzo abre uma nota de rodapé explanando sobre um tema interessante: a questão ética perene à prática de moldar e influenciar a opinião pública. Traz que “O objetivo básico das RP é moldar e influenciar a opinião pública” (CANFIELD, 1970, p. 27). Em relação a tal afirmativa, Nelson Marcondes do Amaral (1970, p. 27) diz que “afirmação tão peremptória [categórica] comporta implicações éticas. Esta modelagem da opinião pública em RP, como em propaganda, tem limites morais irrecusáveis”.

As nuances sociopolíticas de nosso país tocam no tema da Democracia e do poder, nas Relações Públicas e na sua vertente política. “A partir de meados dos anos 1980 vivemos, felizmente, a volta gradual da democracia, o que provocou um forte impacto no modo de a empresa se comunicar” (NASSAR, 2009a, p. 156). Ao citar Spider (1997), Derina Holtzhausen (2016) diz:

[...] não se trata de uma visão negativa do poder, senão que [o autor] alude a sua ubiquidade. Também, destaca a importância de reconhecer a função política das relações públicas. Toda política trata de relações e poder e, especificamente nas organizações, a política se centra nas relações estratégicas e às alianças determinadas pelo conflito, o poder e a resistência ou o desejo de mudança. O termo *política* [...] se refere à [...] todas ações vinculadas à mudança ou à resistência a mudar (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 160, tradução nossa).

Na retomada que faz da fala de Rocha, Curvello (2009) aponta-nos que, anteriormente, segundo a “tradição judaico-greco-cristão-ocidental”, o paradigma parte/todo era “um modelo de dominação [...]. O todo está no centro, em cima; as partes estão embaixo, nas periferias; o todo abusa das partes e as destrói [sic] quando quer” (ROCHA, 2004 citado por CURVELLO, 2004, p. 95).

Fazemos alusão à relação clássica e opressora entre classe dominada/classe dominante (PERUZZO, 1986) ou diretor/empregado (HOLTZHAUSEN, 2016), tocadas pelo presente estudo. Todavia, o discurso segue:

Agora é diferente; segundo o novo paradigma, [...] o indivíduo não é parte da sociedade, a amada não é parte do amante, a sociedade não é parte do governo, o governo não é parte do povo... Tudo aquilo que realiza operações próprias, segundo sua própria constituição, é sistema (ROCHA, 2004 citado por CURVELLO, 2009, p. 95-96).

Ainda sobre sistemas sociais, salientamos precocemente, aqui, que a própria ideia de pós-modernismo, todavia, não necessariamente critica o capitalismo.

[...] ainda que o pós-modernismo não critique o capitalismo como o faz o marxismo [...] os filósofos pós-modernos analisam como se constitui discursivamente o poder através de processos políticos e de conhecimento, e consideram que o marxismo é outra forma de capitalismo [...]. O projeto pós-moderno [...] se centra em como se mantém o poder através de processos históricos de conhecimento e instituições políticas e *não* no capitalismo por si (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 163, tradução nossa, grifo nosso).

Em paralelo, pontos colocados como sendo preocupações da área de Relações Públicas, à época, Cicilia Peruzzo (1986) faz severas críticas à simbiose entre as Relações Públicas e as *Relações Humanas*¹⁸. A Escola de Relações Humanas procura, portanto:

[...] alcançar a maior produtividade da empresa por intermédio de entrevistas de diagnóstico do candidato a trabalhador com os inevitáveis testes de personalidade [...] que impõem sub-repticiamente maneiras de pensar, sentir e agir através das quais é transmitida a ideologia dos donos da vida (TRAGTENBERG, 1980 citado por PERUZZO, 1986, p. 29).

Claramente, nessa ligação, toma o papel de propagadora da ideologia de poder capitalista dominante (PERUZZO, 1986). “Nas empresas, ‘relações humanas’ e Relações Públicas se complementam [...]. É nessa situação histórica, também, que as Relações Públicas começam a se estruturar” (PERUZZO, 1986, p. 30). Através do exposto pela autora, podemos observar uma expansão da visão das práticas das Relações Públicas, interconectadas com Marketing, Propaganda e Relações Institucionais. Nessa confluência de perspectivas e interesses entre classes, percebemos algumas contradições:

¹⁸ Refere-se à teoria de origem nos decênios de 1920 e 1930, época de florescimento das Relações Públicas, que prega uma doutrina de exploração psicológica e de capacidade produtiva do homem, não se limitando a atuar dentro das empresas.

O real é contraditório. [...] As Relações Públicas manifestam a ideologia burguesa ao se proporem promover a "compreensão mútua" entre desiguais como se os interesses em jogo fossem idênticos, como se estivessem a serviço do interesse comum [...] Quando se estabelece a comunicação descendente e ascendente entre empresários e trabalhadores, por exemplo, objetiva-se captar problemas, conflitos e tendências dos trabalhadores para que o capital se antecipe em respostas que conciliem interesses ou esvaziem, desvirtuem ou eliminem possível movimento de organização dos trabalhadores. Também na literatura de Relações Públicas, em seu conjunto, a neutralidade não as caracteriza (PERUZZO, 1986, p. 73).

Podemos observar a leitura da autora sobre como a literatura clássica de Relações Públicas prevê um uso progressista, visando ao lucro e ao máximo de aproveitamento do trabalho humano, e que, no fundo, “objetivam conseguir a confiança para as empresas, públicas ou privadas, de seus públicos, de molde a harmonizar os interesses em conflito” (ANDRADE, 1975 citado por PERUZZO, 1986, p. 73-74).

Concordamos, pois, que “não há nenhuma teoria ou prática das relações públicas que seja neutra ou objetiva, senão, especialmente no campo das ciências sociais e humanas, profundamente influenciada pelas culturas e as sociedades nas que se postula” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 21, tradução nossa). Consideramos que:

entre a teoria e a prática das Relações Públicas não há incoerência. A incoerência está entre Relações Públicas (teoria e prática) e a realidade social concreta. As Relações Públicas se fundam na teoria funcionalista da sociedade, para a qual existem apenas disfunções, desigualdades, desarmonias, *não captando os antagonismos* [grifo nosso] (PERUZZO, 1986, p. 53).

Cicilia Peruzzo (1986), utilizando-se de Latter citado por Bogomolova, adverte-nos acerca da égide interesseira das empresas. Na busca de maior mais-valia e força de trabalho, estas organizações não estão preocupadas com o bem-estar do trabalhador, senão com seu excedente e com a possibilidade de acumulação de capital.

Um dos vice-presidentes de uma empresa americana diz: “A sociologia mostrou que os homens parecem produzir melhor se são felizes e nós esforçamo-nos por torná-los felizes. Mas se a experiência provasse que os homens produzissem melhor se estivessem furiosos, nós arranjariamos maneira de que eles assim

estivessem permanentemente” (LATTER citado por BOGOMOLOVA, 1975, p. 113).

Façamos um parêntese. Curiosamente, vêm-nos à mente passagens do livro *Stardust — o mistério da Estrela* (2008), que, na escrita original do grande romancista inglês Neil Gaiman, já no fim dos anos 90, deu origem ao filme de mesmo nome. Trata-se de dois momentos em que Lâmia, “a rainha das bruxas”, discorre sobre uma certa Estrela Cadente e seu tão cobiçado brilhante coração.

— Estou indo em busca de uma estrela — disse a rainha das bruxas — que caiu na grande floresta do outro lado do Monte Pança. E, quando eu a encontrar, vou pegar minha faca enorme e lhe arrancar o coração *enquanto ela ainda estiver viva e enquanto seu coração ainda lhe pertencer. Porque o coração de uma estrela viva é um remédio sem par contra todas as armadilhas do tempo e da velhice [...].* O coração dourado e flamejante de uma estrela tranqüila [sic] é muito melhor do que o coração bruxuleante de uma estrelinha assustada — disse ela, com a voz estranhamente calma e indiferente, apesar de vir de um rosto ensangüentado. [sic] — Mas mesmo o coração de uma estrela que está assustada e com medo é de longe melhor do que nenhum coração (GAIMAN, 2008, p. 155 e p. 210-211, grifo nosso).

É exatamente para arrancar o cobiçado coração dourado que Lâmia se faz passar por uma grande matrona anfitriã em uma estalagem. Prepara um delicioso banho para a estrela Yvaine e a aconchega como uma mãe; uma doce cena de “lazer” — pois as estrelas, assim como os trabalhadores, produzem mais (luz) quando estão felizes. Para Peruzzo (1986, p. 91),

a empresa, ao promover o lazer para os trabalhadores, ao contrário de querer atomizá-los, pretende mantê-los a ela sintonizados também durante os espaços de tempo não diretamente destinados à produção. Mas, no campo do lazer, os objetivos das empresas não se esgotam na integração e envolvimento dos trabalhadores e suas famílias como meio de desviar suas atenções de problemas da classe trabalhadora. Objetiva-se, também, que os trabalhadores eliminem as tensões e recuperem sua força física recriando a disposição ao trabalho, que produzam mais, portanto.

Desse modo, podemos inferir que todas as práticas de Relações Públicas são ideológicas. Ou seja, que tratam de reverberar interesses de quem lhes executa, de alcançar determinados objetivos. Neste caso, a História tem nos mostrado como a atividade pode servir, por exemplo, a favor de uma classe dominante e ao capital.

Se as Relações Públicas são utilizadas pelos donos ou representantes do capital é porque elas servem para tal fim. Assim, as Relações Públicas não podem ser concebidas como desenraizadas da História, autossuficientes em si mesmas, neutras. Elas têm um comprometimento histórico, que no capitalismo é com o capital [...]. Elas estão a serviço da burguesia e se manifestam de várias formas com múltiplas implicações (PERUZZO, 1986, p. 94-95).

Historicamente, “as Relações Públicas desenvolvidas pela burguesia se propõem a unir opostos, ideologizando o real, pois escamoteia as contradições sociais” (PERUZZO, 1986 p. 114). Podemos observar, no Brasil, a dimensão das Relações Públicas e suas intenções de “educar, informar e doutrinar” a Opinião Pública, ao montar estruturas de comunicação como o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), por exemplo. Originado em 1940, “suas atividades eram “fazer censura ao teatro, cinema, radiodifusão, imprensa, além de censurar, organizar e patrocinar festas populares com intuito patriótico, educativo ou de propaganda turística” (FARO, 1981 citado por PERUZZO, 1986, p.114). Na atualidade, esses serviços podem ser apontados como Relações Públicas e sua função estratégica e política.

Desse modo, [...] esta dimensão está relacionada com toda uma estratégia política. [...] Com Getúlio Vargas, as Relações Públicas também permearam as realizações sociais do governo. Tratou-se de tentar estabelecer a harmonia social, que é o objetivo central das Relações Públicas. Tratou-se de utilizar o DIP para obtenção de legitimidade do governo e da harmonia social. *O curioso é que na bibliografia corrente não se faz referência a este período histórico como parte do histórico das Relações Públicas no Brasil* (PERUZZO, 1986, p. 114, grifo nosso).

À época, o uso dos grandes meios de comunicação massiva, como o rádio, funcionava como uma parte dessa *entidade pedagógica*, chamada DIP. Segundo Gil Duarte (1941 citado por PERUZZO, 1986, p. 115), o DIP é uma entidade que objetivava obter da lei estadonovista “todos os esperados e possíveis efeitos sociais que ela pode oferecer” e, acrescentando em relação à escola como metáfora para essa prática pedagógica das leis estadonovistas, que “o grande livro da lei, nas aulas dessa escola, será a imprensa; no auditório nacional, será o rádio” (DUARTE, 1941 citado por PERUZZO, 1986, p. 115). É neste período, também, que se dá a presença da comunicação populista.

A comunicação populista se dá dentro de um contexto de comprometimento entre camadas populares e governo. Na verdade, as grandes recordações sofridas pelo mundo capitalista, nos anos da crise e da Segunda Guerra Mundial, repercutem agudamente no Brasil e as reordenações do mundo econômico extravasam dele e interferem no mundo ideológico. Os governantes são então levados a criar canais que restrinjam a expressão popular e incutam as idéias [sic] da classe dominante, como é o caso do DIP. As reordenações se dão de modo diretivo sob a orientação de um Estado autoritário, originado de uma situação nova. Esta resulta basicamente das necessidades sociais advindas da industrialização: combater a ameaça do perigo “comunista” e realizar uma integração nacional capaz de expandir internamente um capitalismo limitado pelas amarras do domínio externo e pela debilidade do mercado interno (PERUZZO, 1986, p. 115).

Posteriormente ao governo de Getúlio Vargas, apesar de alguns institutos serem mantidos, a prática de Relações Públicas foi suavizada¹⁹ e também obteve maior estruturação. Estas práticas, como o DIP, funcionavam para legitimar interesses burgueses, imbricados na máquina governamental. “Não obstante, os interesses privados assumem a aparência de interesses comuns a toda a sociedade” (PERUZZO, 1986, p. 99). A autora nomeia essa sobreposição do privado ao público como “interesse nacional”. “Quanto mais um Estado se opõe aos interesses das maiorias [ditas minorias políticas], mais ele invoca o interesse nacional” (COMBLIN, 1978 citado por PERUZZO, 1986, p. 120).

No fim dos anos 1960, quando o Marechal Costa e Silva assumiu a presidência do país, criou-se a Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência (AERP). Contudo, um grupo de trabalho, anteriormente formado para auxiliar o então nome sugerido para substituir o presidente Castelo Branco, Costa e Silva, foi eliminado quando da sua posse. É interessante ressaltar alguns pontos de interesse desse grupo inspirador da AERP, que, por sua vez, dará corpo às finalidades do sistema de comunicação social governamental do país. O grupo de trabalho se propunha às seguintes funções:

- a) Fixação de temas (ou técnicas) que serão a base da ação do grupo, [...];
- b) levar ao presidente sugestões sobre seu comportamento até a posse;
- c) estudo da conveniência de

¹⁹ Infelizmente, como nos diz Peruzzo (1986, p. 115), não dispomos de dados concretos das Relações Públicas neste período que antecedeu 1964. No entanto, parece-nos que é nos períodos de ditadura que são mais caracterizadas as estruturas de comunicação no Brasil.

campanhas promocionais; d) oferecimento de sugestões para aplicação no próximo governo de modo a conquistar a opinião pública; e) divulgação e informação tanto sobre a pessoa do presidente como seus planos de governo; f) estudo da estrutura, em nível presidencial, de um órgão de relações públicas para funcionar no próximo governo (RAMPAZZO, 1977 citado por PERUZZO, 1986, p. 116).

Pouco tempo depois que Costa e Silva assumiu o governo (mandato de 1967-1969), um órgão fixo governamental de Relações Públicas (então AERP) fora instituído e “nesta fase é que foram criadas as bases do sistema de comunicação social do governo que permanece” (RAMPAZZO, 1977 citado por PERUZZO, 1986, p. 116) na contemporaneidade.

Contudo, a abertura política, requerida por movimentos da camada dominada, gerou uma “fração do governo identificada com setores da classe dominante que [...] para garantir a permanência do modo de produção, altera-se a proposta de relações do governo com a sociedade” (PERUZZO, 1986, p. 118). Em 1979, então, é criada a Secretaria de Comunicação Social (SECOM) como uma espécie de ministério, “reproduzindo-se depois nos governos estaduais e municipais. Em fins de 1980 o cargo de Ministro da Comunicação Social foi extinto e a secretaria sofreu alterações burocráticas, permanecendo a estrutura operacional” (PERUZZO, 1986, p. 118). A autora enfatiza:

Mesmo em seu discurso, as diretrizes da SECOM, ao expressarem a necessidade da comunicação (que entendemos no sentido da reciprocidade) entre governo e a população, refletem também o poder do Estado em direcionar mensagens na concepção de mundo dominante [...] “ao promover o civismo e a identificação dos cidadãos com a História e a cultura nacionais, o que se pretende é incutir idéias visando manter a *aparente* harmonia social, com a *História contada pela classe dominante* e com a cultura trabalhada também pela classe dominante sob o ponto de vista da dominação (PERUZZO, 1986, p. 119, grifos nossos).

No quinto capítulo de seu livro *Relações Públicas no modo de produção capitalista* (1986, p. 123-132), intitulado *Relações Públicas na contramão*, Peruzzo (1986) pontua, pertinentemente, a força que existe na classe dominada, apesar de velada. “No entanto, a dinâmica social não termina com as manifestações da classe dominante. A classe dominada também está em movimento” (PERUZZO, 1986, p.

123). É importante, também, ressaltarmos como as Academias proveem estudantes que se tornam organicamente vinculados à burguesia.

Toda uma concepção de mundo é inculcada na preocupação de formar um especialista que seja capaz de servir aos interesses do capital. O seu prêmio será um bom emprego. Vendendo sua força de trabalho, o profissional de Relações Públicas se submete ao capital e torna-se um "funcionário" da superestrutura, difundindo a ideologia burguesa e contribuindo para o anestesiamiento das camadas exploradas da população, camuflando as contradições de classe e prevenindo contra a transformação da estrutura econômica da sociedade. Nestas condições, o profissional de Relações Públicas é um intelectual orgânico à burguesia, que mesmo sendo um explorado se transforma em agente da exploração (PERUZZO, 1986, p. 105).

Como “o real é sempre fruto da mudança, ou seja, do combate entre os contrários”²⁰, em relação aos objetivos gerais das Relações Públicas, de sua intencionalidade, há uma dissidência histórica. Sabemos que “uma vez que no ‘bloco histórico’ seus objetivos globais confluem na direção dos interesses da classe dominante [...] Ao procurar respeitar interesses dos dominados, busca-se a legitimidade da dominação” (PERUZZO, 1986, p. 107). Todavia, historicamente as Relações Públicas “desempenham uma importante função, pois revelam as conexões e posicionam as instituições. Elas nos auxiliam a compreender a dinâmica da sociedade, o que é necessário para sua transformação” (PERUZZO, 1986, p. 111). A diferença gera polarizações que, ao chocarem-se, constituem a dinâmica social.

Os antagonismos existentes dentro duma sociedade de classes é que impulsionam e motivam muitos conflitos e tensões. As Relações Públicas visam, portanto, atenuar, diminuir ou mesmo resolver (o que seria impraticável) as diversas polarizações, os dilemas vivos, atuantes, na luta dos contrários, no jogo dialético em que consiste a medula da vida (LEITE, 1971 citado por PERUZZO, p. 51).

É a essa dissidência que se refere Lyotard. Veremos mais adiante que a centralidade das Relações Públicas como ativismo tem como argumento chave a explicação de dissenso dada por este autor.

²⁰ Heráclito de Éfeso, aproximadamente 535 a.C. - 475 a.C.

Lyotard rejeita o consenso a favor do dissenso porque o primeiro *indica conformidade e cooptação pelo poder* [grifo nosso]. O dissenso promove a heterogeneidade, e em vez de aceitar o acordo (consenso) se chega a um acordo para estar em desacordo (dissenso). Isto obrigará a reconhecer e respeitar as diferenças e a enfrentá-las na vida cotidiana [...]. Através do consenso, o intelectual é cooptado em metarrelatos particulares (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 52, tradução nossa).

Usando como exemplo a greve dos metalúrgicos paulistas, já no fim do século XX a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e o governo se uniram “com atitudes típicas de Relações Públicas” (PERUZZO, 1986, p. 112), pois queriam retomar o poder sobre o trabalho (mais-valia) dos grevistas. Chamando-os a um retorno, através dos jornais, pronunciavam declarações afinadas. Por sua vez, a mídia estava com o discurso da FIESP e do Ministro do Trabalho em pauta. Evidentemente, como foi nesse caso, “as declarações são dirigidas sempre no sentido de resguardar um conceito favorável à empresa, transformando-a em vítima” (PERUZZO, 1986, p. 112).

Nesta perspectiva, a classe dominante se organiza na busca de hegemonia por consenso, ao mesmo tempo em que dispõe do aparato de coerção para assegurar a disciplina dentro da ordem estabelecida. Neste processo as Relações Públicas participam das relações sociais buscando, em sentido global, promover a harmonia dentro do sistema social. Assim, elas se mesclam nas relações sociais e por vezes na aparência se diluem participando como parte constitutiva de acontecimentos. Daí a importância atribuída à “ação preventiva”, ou seja, *que a ação das Relações Públicas deve ser preventiva, contínua e permanente. O que não elimina a possibilidade de serem utilizadas também nos momentos de crise.* Com uma vantagem para a classe trabalhadora, pois é nos momentos de crise que elas se configuram mais claramente. (PERUZZO, 1986, p. 111-112, grifo nosso).

A autora concebe a história das Relações Públicas, entendendo a luta de classes como “o motor da História”. Se pensarmos nesse contínuo histórico, anteriormente citado, convivemos em uma sociedade em convulsão constante: “de um lado os trabalhadores se articulando, [...], ou seja, os dominados reivindicam direitos, denunciam a exploração e anunciam a necessidade de mudança” (PERUZZO, 1986, p. 123-124) e, por outro lado, a classe dominante, representada por um “presidente decorativo”, controla o governo (GUIMARÃES, 2017).

O novo vai se constituindo dentro do corpo do velho, que antes era novo e vai se tornando velho. A revolução operária constitui-se e convive com a revolução burguesa e conquista direitos burgueses e revolucionários, uma vez que as revoluções são específicas de cada país e têm sido inacabadas. São inacabadas pois umas dimensões se desenvolvem e outras não, devido às condições concretas, condições histórico-sociais do desenvolvimento das sociedades que levam ao desenvolvimento contraditório dessas mesmas revoluções. Dentro desse processo, a sociedade burguesa democrática não o é porque a burguesia é democrática, mas pelas pressões populares em conjunto ou de classe, que forçam a burguesia a fazer concessões, para sua sobrevivência (PERUZZO, 1986, p. 123, grifo nosso).

A autora, pois, entende as Relações Públicas como a serviço da classe dominante que, “na verdade, como ato pedagógico também *um ato político, não crítico libertador* [...] se insere na concepção “bancária” da educação” (PERUZZO, 1986, p. 124, grifo nosso), formando educandos passivos e acríticos. Sobre outra face, a serviço da classe dominada, “se inserem na concepção ‘libertadora’ da educação. Esta problematiza, desmistifica a realidade, desocultando-a. “Em lugar do homem-coisa, adaptável, luta pelo homem-pessoa, transformador do mundo” (FREIRE, 1969, p. 129), também citado por Peruzzo (1986). Curiosamente, de certa forma, as Relações Públicas a serviço da classe dominada são bipolares.

Com sua potencialidade de afirmação das condições de exploração, elas trazem também uma potencialidade para a negação da exploração ao revelarem, mesmo que implicitamente, os interesses burgueses e os elos entre os dominantes. Elas revelam os interesses burgueses e os elos entre os dominantes [...]. Revelam interesses burgueses ao promoverem programas para as famílias dos trabalhadores, ao estabelecerem canais de comunicações ascendentes e descendentes. E assim podemos aproveitar suas revelações para melhor compreender a dinâmica da sociedade (PERUZZO, 1986, p. 125).

A pessoa que exerce a prática de relações-públicas, portanto, precisa estar organicamente ligada à classe dominada, para representá-la, e ao mundo, para tornar-se um “ser de relações”. Como nos diz Freire (1983, p. 39), também citado em Peruzzo (1986), “estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é”.

2.3 UMA NOVA PERSPECTIVA ÀS RELAÇÕES PÚBLICAS

Brevemente, neste tópico, tratamos de uma nova abordagem sobre Relações Públicas. Particularmente, tivemos uma grata surpresa ao entrar em contato com uma nova possibilidade de demonstrar esse contínuo histórico, sob a ótica de “como os profissionais de relações públicas têm a capacidade de melhorar a sociedade” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 130, tradução nossa).

A autora Derina Holtzhausen (2016) traz a história de Emily Hobhouse²¹ como uma nova nascente das Relações Públicas²². Muito preocupada com a ética, a autora esclarece-nos ser de sua escolha a forma de contar da vida dessa mulher e estar implicada sua parcialidade, enquanto contadora desta história.

Não nos detemos muito na história, senão em alguns pontos que destacamos, pela sua pertinência com a questão aqui abordada. Principalmente, tratando da relação de Emily Hobhouse com as figuras masculinas em sua história. Nascida em uma cidade fronteiriça ao mar, chamada Cornualha, berço da famosa história de desfiliação e amor impossível entre Tristão, Isolda e o Rei Marcos²³, Hobhouse era filha de uma personalidade religiosa importante e cresceu em uma família de cerne anglicano. Com uma infância e adolescência muito rígidas, tipicamente vitoriana, estudou como organizar e cuidar de uma casa e paróquia.

Enquanto mulher, teve de esperar a opressão masculina de seu pai acabar. Com o falecimento dele, já com 35 anos, Emily era vista como solteirona. Relacionava-se em círculos sociais e políticos, onde seu tio desempenhava papel importante de liderança. Ela lutou contra os maus tratos que sofriam as mulheres e

²¹ Curiosamente, em nosso processo de pesquisa, encontramos um material que se refere à história da primeira mulher relações-públicas, Betsy Plank. Para Plank, “os relações públicas devem ser eternos estudantes” (BRINKER, 2016). Mais informações disponíveis em: <<http://www.comunicacaoetendencias.com.br/betsy-plant-primeira-relacoes-publicas-da-historia>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

²² Um quadro da história de Emily Hobhouse (1860 — 1926), ativista britânica, encontra-se em anexo neste documento (ANEXO A). Sugerimos que se realize a leitura completa do trecho neste momento, para melhor apropriação do trabalho e da vida da ativista

²³ Trata-se de um mito medieval que conta o drama do triângulo amoroso entre o Rei da Cornualha, Marcos, sua esposa Isolda, princesa da Irlanda, e seu sobrinho, o jovem Tristão. Isolda e Tristão bebem vinho, a bebida da Paixão, e mantém um amor de ruptura e desfiliação com os dogmas religiosos da Idade Média; são amantes. É interessante tal mito ter como pano de fundo a cidade-natal de Emily. Não sabemos ao certo se Simone de Beauvoir disse realmente algo sobre o mito, mas concordamos: “sua história é a história de uma revolta” (ANDRADE, 2016). Para saber mais do mito, ver Joseph Bédier (2001). Para suas implicações teóricas, ver Alicia Yllera (1996), Robert Castel (1998) e Cavalcanti (2011).

crianças bóeres (descendentes dos colonizadores holandeses), que, entre outras mazelas, sofreram em um campo de concentração, no fim dos anos 1900. “Na realidade, foi o primeiro holocausto do século XX e muito provavelmente da História ocidental” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 131, tradução nossa).

Ressaltamos ainda que, apesar de sua morte, na costa da Cornualha, em 1926, Emily fora ajudada pelo povo bóere a comprar uma casa para descansar até seu fim. Seu objetivo, enquanto ativista, sempre foi “criar melhores condições nos campos de concentração” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 132, tradução nossa).

É a partir dessa perspectiva de vida e de prática de luta que a autora nos situa acerca do ativismo político e social. “Portanto, desde minha perspectiva, não ocupar o lugar ao que se está destinado há, necessariamente, de ser um dos atributos do ativismo” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 135, tradução nossa) e da guerra, afinal, “não será que toda guerra é uma barbárie que só se diferencia por sua intensidade?” (HOBHOUSE, 1903 citada por HOLTZHAUSEN, 2016, p. 134, tradução nossa).

A vida e as experiências de Emily fizeram com que a autora observasse as Relações Públicas como uma possibilidade de prática do ativismo. Também, da sua forma de entender esse ativismo e aos “ativistas [que] como *outsiders* [...] sempre tentam situar seus pontos de vista fora do âmbito dos dogmas e de rígidas posições partidárias” (WALIA, 2010 citado por HOLTZHAUSEN, 2016, p. 135, tradução nossa). Muito claramente, ainda, a autora salienta que a história de vida de Emily Hobhouse é uma interpretação pessoal, que não anula qualquer outra possibilidade de visão e, tampouco, será definitiva como verdade para todos ativistas (HOLTZHAUSEN, 2016). O ativismo, pois, ultrapassa uma questão de prática política ou social e torna-se uma ideologia imbricada, tratando-se, aqui, sobre as Relações Públicas.

Neste caso, minha teoria é que ainda que o ativismo de Hobhouse não receba o nome de *relações públicas* [grifo da autora], sim, estabelece um modelo a ser seguido pelos profissionais deste campo. Esta teoria estabelece que as relações públicas em mãos de ativistas pode contribuir à mudança e à justiça social. As relações públicas como uma função que apoie ou forme parte do poder institucional prejudica a disciplina e mina sua credibilidade e sua capacidade para aportar mudanças positivas. Eu diria que a implicação em uma mudança social positiva é a forma mais elevada de exercício profissional em uma sociedade democrática

(HOLTZHAUSEN, 2016, p. 138, tradução nossa)

O ativista nas organizações parece-nos ter uma forma muito próxima às práticas de impacto social e esforços para mudanças, feitos por Hobhouse. “Não existe uma progressão linear na história militante das relações públicas. Só há momentos e pessoas excepcionais que permitem aos investigadores estudar o que o ativismo exige aos que o praticam” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 147, tradução nossa). Formas de ativismo contemporâneo²⁴ estão trazendo à luz um novo fio para esse contínuo histórico de prática das Relações Públicas e posicionamento das organizações.

Como podemos observar, constantemente “a história das relações públicas se fragmenta, se rompe e se interrompe” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 147, tradução nossa). As diferenças aqui apresentadas, sobretudo temporais, geográficas e de cultura, estão interconectadas e em integração com um todo maior, que se complexifica. Não porventura colocamos as ideias assim. Afinal, como nos dizem Muniz Sodré e Eduardo Yaji Yamamoto (2014), essa disposição é característica de uma condição caótica e pós-moderna.

²⁴ Segundo Armano (2017), há, na “economia ativista”, a necessidade das marcas e empresas estarem preparadas para lidar com o ativismo, que pode partir de cinco áreas-chave: consumidor, marca, funcionário, porta-voz e mídia. Para tanto, contam com os relações-públicas. Disponível em: <<https://edelman.com.br/post/5-tipos-de-ativismo-para-os-quis-toda-marca-deve-estar-preparada-mesmo-se-nao-for-se-posicionar/>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

3 AS RELAÇÕES PÚBLICAS COMO ATIVISMO: JUSTIÇA SOCIAL E DEMOCRACIA

Para a maioria das pessoas, as Relações Públicas são uma profissão frívola, uma atividade que serve antes de tudo para polir a imagem de peixes gordos, executivos e celebridades egocêntricas. Por desgracia, isso é certo em muitos casos, mas minha experiência na África do Sul me ensinou a outra cara da profissão, uma parte significativa e que pode mudar a sua vida (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 17, tradução nossa).

O terceiro capítulo possibilita-nos o aprofundamento das reflexões teóricas sobre as Relações Públicas como ativismo²⁵, o tratamento de questões envolvendo a produção de metarrelatos e a prática e teoria da área em favor da Justiça Social e da Democracia – o que, por si, nos aproxima de nosso objeto de estudo. Baseamos nossas reflexões, principalmente, em ideias presentes nas obras de Rancière (2014), Esparcia (2004), Pereira e outros (2013) e, sobremaneira, em Holtzhausen (2016), que aparece com acentuada frequência.

Tratamos de um perfil profissional e da realidade em que está posto, assim como do papel²⁶ ativista nas Relações Públicas, “que se caracteriza pela resistência à supressão do Eu, dos Outros e dá voz aos silêncios que representem a supressão do tipo que seja” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 217, tradução nossa). Apesar de estarem constantemente em conflito²⁷, trazemos o Caos e o hoje pós-moderno, a esta narrativa, para melhor entendermos o contexto ao qual se aplica a dita *práxis*²⁸ ativista.

“A pós-modernidade desafia a universalidade das afirmações teóricas” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 205, tradução nossa) e “simplificando ao extremo, considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade em relação aos metarrelatos”

²⁵ “Ativismo social, organizacional ou político”, em qualquer contexto que se apresente como “pequenas resistências cotidianas que não só empoderam ao indivíduo, senão que podem dar pé a uma mudança social” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 219, tradução nossa).

²⁶ Aqui entendido como função profissional, atribuição ou ofício.

²⁷ “Nos casos em que a prática de Relações Públicas se relacionou com mudar a agenda”, a pauta da Opinião Pública, “os enfoques teóricos vieram da Pós-modernidade [...] e das teorias de Complexidade e do Caos [...], respectivamente”, apesar de que estes “dois enfoques frequentemente estão em conflito entre si” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 227, tradução nossa).

²⁸ É a ação dialógica e crítica sobre o agir e o fazer. Ou seja, refletir acerca do que, como e por quê fazemos determinadas ações enquanto relações-públicas pode-se denominar *práxis*, “que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2001, p. 67) para melhor.

(LYOTARD, 1998, p. xvi). Consequentemente, devido à necessidade de reflexão acerca dos termos de Justiça Social e Democracia, conceituaremos ambos. Cresswell (2014, p. 44-45) chama a dita estrutura interpretativa da realidade de “transformativa”: uma espécie de transferência de conhecimento entre a ideologia pós-moderna dentro de uma perspectiva filosófica, de pensamento, na História e história.

É neste ponto em que se tangenciam as Relações Públicas como ativismo. Posicionam-se desde uma ontologia²⁹ particular, composta por suas categorias essenciais de *ontos* (as Relações Públicas), *logos* (o ativismo) e prática social. “*Ontologia*, historicamente, alude ao discurso, fala (*logos*) sobre o ser (*on*, *ontos*, *onta*), isto é, conforme a expressão de Aristóteles, o ser enquanto ser, distinto do objeto das ciências particulares” (PAIVA, 2014, p. 80).

3.1 AS RELAÇÕES PÚBLICAS COMO ATIVISMO POLÍTICO E SOCIAL NAS ORGANIZAÇÕES

Devido ao constructo histórico, anteriormente apresentado, e dos esclarecimentos iniciais desta seção, é interessante entendermos as Relações Públicas e “como se utilizam aos profissionais de relações públicas para criar metarrelatos nas organizações e na sociedade em nome dos que ostentam poder” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 187, tradução nossa). Para Lyotard (1998), os metarrelatos estão sob um conceito de jogos de linguagem wittgensteineanos.

Os *jogos de linguagem* constituem um estudo linguístico feito pelo filósofo austríaco Ludwig Josef Johann Wittgenstein, cuja discussão está centrada nos efeitos que a linguagem exerce sobre os diversos discursos. Ele afirma que os Jogos de Linguagem têm o critério de determinar as regras que especificam as propriedades de enunciados denotativos, declarativos e prescritivos, como também, o que se deve fazer para utilizá-los (VASCONCELOS, 2014, p. 9-10).

Assim, as organizações são entendidas não mais como máquinas, senão participantes de um jogo de poder e interesses. “Portanto, como se vê, não estão acima das instituições e dos interesses empresariais e político-ideológicos em jogo, embora sejam constituídas por uma série de premissas que fundamentam sua

²⁹ A natureza da realidade para Cresswell (2014, p. 32).

postura ética e suas práticas operativas” (PERUZZO, 2011, p. 16). Elas relacionam-se com antagonismos e pluralidade. Não são mais

[...] máquinas bem engraxadas ou como exércitos disciplinados, [...] que as organizações não se criam como estruturas racionais que existem em forma de edifícios ou outros formatos estruturais que primeiro se organizam e depois se equipam com pessoas e tecnologia. As organizações se co-criam através do *discurso* dos participantes, tanto internos como externos às organizações, e, portanto, emergentes. Em consequência, formam parte de um processo em contínua evolução e de entidade sempre e simultaneamente mutáveis (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 204, tradução nossa, grifo nosso).

Neste processo evolutivo, há certa dificuldade de conciliação entre as Relações Públicas como ativismo e o conceito de estratégia³⁰. Contudo, entendemos que a estratégia “ressalta o papel da comunicação como prática de gestão e não implica, necessariamente, poder e controle de gestão de outros grupos de interesse” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 226, tradução nossa). O papel ativista da área pode ser entendido como estratégico, portanto, para um fluído de vida e sobrevivência desta organização, erguida sob discursos que a preenchem e a delimitam.

É difícil associar o ativismo exitoso [...] com a falta de estratégia. Em um mundo onde os meios de comunicação e o público estão se fragmentando a toda velocidade, seria um suicídio profissional não ser estratégico no próprio enfoque comunicacional (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 219, tradução nossa).

A perspectiva sobre “estratégia emergente”, que objetiva, “de alguma maneira, confirmar a democratização dos processos organizacionais” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 223, tradução nossa), tem sua base sob o empirismo, necessário para a veracidade da história organizacional, tecida por narrativas de sua própria comunidade formadora.

Cada narrativa, mesmo aparentemente anedótica, reatualiza [sic] os nomes e relações nominais. Repetindo-os, a comunidade assegura-se da permanência e da legitimidade do seu mundo de nomes através da recorrência desse mundo das histórias (LYOTARD, 1993, p. 46).

³⁰ Processo que, para alguns, é “de uma natureza unidirecional e persuasiva” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 218, tradução nossa), puramente uma “tomada de decisões racionais”, que implica “altos níveis de pensamento, análise, planejamento e revisão” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 219, tradução nossa).

Especificamente, neste caso, retiramos das ideias de Lyotard um trecho de crítica à legitimidade, através da narrativa, e o aplicamos à concepção de como o empirismo gera essa legitimidade, e, assim, podemos entendê-lo como democratização de processos das organizações. Ou seja, interessa-nos saber “qual é a legitimação que nós, portanto, temos a fornecer para a prossecução [no sentido de prosseguimento, andamento] do desenvolvimento?” (LYOTARD, 1993, p. 115) e, não necessariamente, nos debruçar sobre o legitimar ou não. Este processo de democratização pode fazer emergir um devir democrático e gerar compartilhamento (trama de narrativas).

“O conceito de emergência é típico dos enfoques pós-modernos” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 223, tradução nossa). Desse modo, as Relações Públicas pós-modernas e estratégicas referem-se a um pensamento complexo e não linear. “Os profissionais que não podem compartilhar seus conhecimentos com os membros do grupo dominante não podem agregar valor às organizações” (DOZIER; BROOM, 2006 citados por HOLTZHAUSEN, 2016, p. 225, tradução nossa). Gerar integração entre distintos públicos, que interagem mais com os grupos de interesse externos e detenham informações estratégicas, eleva-os a outro patamar em comparação aos diretivos, por exemplo.

Portanto, à primeira vista, parece que as relações públicas estratégicas são irreconciliáveis com a filosofia pós-moderna. Sem dúvida, contemplar a estratégia desta maneira tão básica não faz jus à sua utilidade e à sua complexidade. Após um exame mais minucioso, efetivamente aparecem diferentes enfoques alternativos sobre a percepção do termo “estratégico” e uma desconstrução exaustiva do termo abre novas formas de ver e investigar o exercício comunicativo nas organizações de hoje em dia (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 221, tradução nossa).

Em relação à busca por diferenciação e manutenção da ideologia³¹ ativista, apesar das dificuldades que se enfrenta, o estudo e o planejamento de processos e ações, vinculados à multidisciplinaridade, responderão negativamente à tentativa de “enquadrar”, “colocar em caixinhas” qualquer profissional ativista em sua área de atuação.

³¹ Segundo Jaeggi (2008, p. 139), ideologias são “sistemas de convencimento, mas que têm, ademais, consequências práticas. Elas têm efeito prático e são, por sua parte, efeitos de uma determinada práxis social”.

Estar capacitado para múltiplas tarefas e dominar muitas habilidades e conhecimentos impede que se encaixote os profissionais, o que costuma ocorrer quando os profissionais são muito bons no que fazem e se tornam indispensáveis num cargo específico (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 52, tradução nossa).

Sob outra perspectiva, frente às brechas entre áreas afins e as Relações Públicas, Holtzhausen (2016, p. 215, tradução nossa) escreve que é importante entendermos que “as estruturas em rede e virtuais exigirão maiores conjuntos de habilidades dos profissionais e menos especialização, simplesmente porque não necessariamente formam parte de uma estrutura hierárquica pré-determinada”. Até porque sabemos que nem todos os canais de comunicação “são necessariamente concretizados pelo setor de Relações Públicas nas diferentes empresas [...], mas para nós dizem respeito às Relações Públicas” (PERUZZO, 1986, p. 82)³². É o caso de alguns grupos internos de sensibilização e integração de funcionários, que abordamos no próximo capítulo.

Em relação ao tempo histórico, “estamos num período de permissividade, e é do ar do tempo que eu falo” (LYOTARD, 1993, p. 13). A pós-modernidade “rejeita o uso dos opostos binários do discurso prévio” e dos “óbvios” papéis³³ organizacionais “diretivo/técnico, trabalho/profissão e homens e mulheres” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 216, tradução nossa). Mudam os paradigmas sobre horário de trabalho, hierarquia e separação concreta de habilidades, designadas a uma única área, gerando “uma maior convergência de [...] conhecimentos e habilidade de marketing, publicidade, recursos humanos e relações públicas” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 215, tradução nossa), por exemplo.

Advindo da pós-modernidade, novamente o conceito de descentralização, como no caso da convergência de habilidades supracitadas, também nos ajuda a compreender melhor os papéis dentro das organizações. Afinal, “todos os papéis e todas as categorias de papéis se constroem discursivamente” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 217, tradução nossa), através de relatos.

³² Apesar de sua publicação no fim dos anos 1980, devido ao que trata e problematiza, reiteramos o uso da presente obra, dada a sua clara coesão com nossa temática de estudo.

³³ Também entendidos como função, atribuição ou ofício.

Em vez de sermos meros mensageiros deveríamos ser o canal através do qual os que tomam as decisões escutem a *voz de nossos públicos e grupos de interesse de forma alta e clara* [grifo nosso], com toda sua emoção, em vez de desinfetar e simplificar suas opiniões mediante entrevistas e grupos de discussão (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 153, tradução nossa).

Concordamos com Solano (1998) sobre a demanda social que faz com que as Relações Públicas surjam. Todavia, não nos parece que a profissão sejam completamente autônoma de interesses e livre de certo tipo de controle mercadológico.

As relações públicas surgem quando uma determinada sociedade adquire plena consciência de que existe uma necessidade de intercomunicação social e, ao mesmo tempo, de que o modelo supostamente idôneo para a satisfazer exige alguns conhecimentos ou habilidades e um esforço suscetíveis de constituir uma profissão autônoma (SOLANO, 1998 citado por ESPARCIA, 2004, p. 44, tradução nossa).

Apesar do constructo, de acordo com o exposto até aqui, observamos a prática de Relações Públicas como criadora de metarrelatos nas organizações, em favor dos que ostentam poder. Acreditamos na potencialidade da área, que também “exerce assim sua competência não somente em matéria de enunciados denotativos dependentes do verdadeiro, como também em matéria de enunciados prescritivos, tendo pretensão à justiça” (LYOTARD, 1998, p. 56). Entendemos essa “prática do discurso” como de transformação social.

Estamos convencidos de que os profissionais e as organizações têm funções importantes a cumprir, especialmente numa sociedade como a nossa, marcada pelo autoritarismo, por desigualdades e injustiças. Partilhamos da “pedagogia da indignação” de Paulo Freire e da sua firme convicção de que “mudar é difícil, mas é possível” (BUENO, 2005, orelha do livro).

Também esclarecemos que, quando tratamos do trabalho retórico e narrativo da Comunicação das organizações, “o que está em questão aqui não é vencer o interlocutor em habilidade retórica ou convencê-lo da bondade da própria posição, mas apresentar argumentos ou fatos, para deixar que cada um tire suas conclusões” (PINZANI, 2012, p. 93). Não nos esqueçamos de que o “profissional de Relações Públicas baseia seu trabalho no respeito aos princípios da ‘Declaração Universal dos

Direitos do Homem”³⁴ e, esta última, traz ao papel dos relações-públicas a mão dos Poderes do Estado (Legislativo, Executivo e Judiciário). Para Peruzzo (2011, p. 18),

junto com a sociedade civil ele [o Estado] forma uma superestrutura política, ideológica, coercitiva, repressiva e jurídica capaz de assegurar a ordem e disseminar a ideologia das forças dominantes. E, quando obtém o consenso da sociedade, institui a hegemonia e o papel da burguesia no exercício do poder.

Todavia, tratemos de abarcar outras possibilidades colocando o profissional como protagonista de sua prática, seja na organização que estiver. “Aliás, como toda tese sempre leva a uma antítese” (PERUZZO, 2011, p. 28), é necessário buscar mais acerca de outras faces distintas de uma das tríades destes poderes: a Justiça.

3.2 A JUSTIÇA SOCIAL

É interessante como a História, especialmente, nos brinda com delineamentos para um conceito de Justiça Social. A humanidade tem uma ligação mítica com a ideia de Justiça. Originalmente vinculada aos gregos, a deusa *Diké*, que era uma das mais velhas Horas³⁵, era símbolo de equilíbrio e força, “na maioria dos casos com uma venda sobre os olhos e invariavelmente com uma espada e com algum símbolo de equilíbrio e imparcialidade” (FORST, 2013, p. 29), como uma balança ou ampulheta.

Assim mesmo, de tamanha importância social, fora vinculada a diversas outras crenças e religiões, como o catolicismo, por exemplo. Sendo uma das chamadas virtudes cardeais cristãs (COMTE-SPONVILLE, 2003), estas totalizam quatro entes que

[...] agrupam todas as demais [virtudes] e que constituem os eixos da vida virtuosa. São elas: prudência, justiça, fortaleza e temperança.— *O que é a justiça?* A justiça consiste na vontade constante e firme de dar aos outros o que lhes é devido. A justiça para com Deus é chamada de “virtude de religião” (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2005, grifo do autor).

³⁴ Disponível em: <http://www.sinpropr.org.br/Codigo_de_etica/001.htm>. Acesso em: 24 ago. 2017.

³⁵ Sempre vinculadas às questões de fecundidade, fertilidade, das horas do dia ou do tempo, muito presentes na história dos deuses e do mundo na Antiguidade Clássica. Ainda, poderiam formar a tríade Paz, Ordem e Justiça. São, pois, as “três filhas de Zeus e de Témis que personificavam três estações do ano” (MARTÍNEZ; FERNÁNDEZ-GALIANO; MELERO, 1997, p. 197).

Figura 4 - A Justiça entre os Arcanjos Miguel e Gabriel, de Jacobello del Fiore (1421)



Fonte: Venetian Art, [2017?].

Para Derina Holtzhausen (2016), tomar partido e dar voz à parte que é injustiçada, no sentido de afetada negativamente ou subtraída de algum direito, em uma organização, é o caminho oposto ao da Justiça. É no dissenso, como nos diz Lyotard (1998), que ela crê estar a brecha para uma Justiça, digamos, efetiva.

Em minha opinião, a dissimetria também serve para compreender o enfoque pós-moderno do poder enquanto que multidirecional. Sem dúvida, prefiro interpretar a dissimetria como [...] fomento de conflitos e diferenças em cada um dos nós da rede de poder. Isto situará, inevitavelmente, aos profissionais como superantes de fronteiras no centro do conflito organizacional. [...] Terão de tomar partido e falar de um modo eticamente responsável ao lado da parte na qual se comete uma injustiça (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 185-186, tradução nossa).

Até aqui, pode parecer que nossa escolha de falar de Justiça, sob uma perspectiva da História e do mito, seja uma escolha rara. Não obstante, ela reaparecerá, ao tratamos de outros pontos, ao longo deste capítulo. Contudo, abordamos o mito como narrativa — exatamente sobre o que se debruça Lyotard (1997) e, em parte, o motivo pelo qual tratamos da história de Relações Públicas, em alguns pontos aqui. Afinal, segundo a obra de Michael Sandel, publicada em 2012, *Justiça — O que é fazer a coisa certa?*³⁶, não existe um conceito específico de

³⁶ O livro trata de diferentes conceitos de Justiça, através da perspectiva de vários autores, como o pensador Platão, por exemplo. Sandel apresenta dilemas morais, como quem deve morrer e quem deve ser salvo em um acidente de trem: a criança ou o velho? Ainda, à época, fala do aumento de preços devido ao furacão Charley, que invadiu o Golfo do México em 2004. Disponível em:

Justiça. Como veremos adiante, dependendo da perspectiva que adotarmos, as faces são mutáveis (ora mítica, ora legislativa, outrora equitativa ou mesmo punitiva).

3.2.1 As Faces da Justiça

Sobre a polimorfia que apresenta essa deidade, por exemplo, Forst (2013) refere-se a duas ideias de Justiça. Pelo lado da lei, cruel e punitiva, temos a jurisprudência. Já em outra face, política e social, teremos a distribuição em equidade ou o conceito “de ‘a cada um o seu’ (em latim, *suum quique*)” (FORST, 2013, p. 30). Especificamente em seu artigo sobre *suum quique*, o autor critica sobre o olhar da Justiça como sendo uma visão “descuidada”. Ou seja, que aferrar-nos somente a como os bens são distribuídos e deixa de lado a questão da injustiça.

A visão de justiça centrada nos bens também deixa de lado - em grande medida - a questão da injustiça, porque ao concentrar-se nas deficiências da distribuição a serem superadas, alguém que sofre de uma carência de bens e de recursos como resultado de uma catástrofe natural equivale a alguém que sofre da mesma carência como resultado de uma exploração econômica ou política (FORST, 2013, p. 31).

Para Honneth (2013, p. 26, tradução nossa), é o “que brinda à teoria de justiça aqui esboçada a esperança de reduzir ainda mais a brecha com a práxis política”. Afinal, “se só se constroem relações que beneficiam à organização não se fará justiça à prática como ativismo. Para isto também será necessária uma definição muito mais ampla dos grupos de interesse” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 180-181, tradução nossa), por exemplo.

[...] a melhor forma de intervir na sociedade de acordo com os requerimentos da justiça é através de medidas [programas] que assegurem justiça e reconhecimento. [...] O compromisso da justiça social com a transformação efetiva das sociedades reais requer uma métrica [balança] da justiça capaz de contemplar justiça e reconhecimento, assim como ter um alcance que exceda ao da intervenção direta das instituições (PEREIRA, 2013, p. 76, tradução nossa)

Por isso, a missão das Relações Públicas concatenadas com a Justiça Social está embrenhada com a ideia de gerar condições de reconhecimento aos sujeitos:

[...] seria mostrar-nos todas as condições institucionais, materiais e legais que deveriam ser satisfeitas para que as diferentes esferas sociais pudessem dar conta das normas de reconhecimento nas que se baseiam (HONNETH, 2013, p. 26, tradução nossa).

Ou seja, tratamos de reconhecimento adquirido a partir da tríade composta por autorrespeito, “concebido como a autopercepção de um indivíduo como uma participante livre e igual nos processos de tomada de decisões, deliberação e manifestação de reclamações”; a autoconfiança, que “consiste na forma de confiança mais básica que um sujeito pode ter e é adquirida em relações íntimas” e a autoestima, que “é o resultado do valor que os outros atribuem a nossas contribuições à sociedade” (PEREIRA, 2013, p. 66-67, tradução nossa).

Uma complexidade de fatores atrelados à Justiça Social “têm a capacidade de contemplar circunstâncias tradicionalmente associadas com a Justiça, como direitos, oportunidades e meios” (PEREIRA, 2013, p. 65, tradução nossa) que permitiriam essa tríade.

[...] as decisões assim tomadas são só provisórias, parciais e distorcidas se os cidadãos não podem expressar-se publicamente sem temor nem vergonha. Para defender este elemento da autonomia individual [...], a teoria da justiça que aqui defendo deve exigir a proteção de relações nas quais os sujeitos adquirem autorrespeito não só na esfera pública democrática, senão também em seus vínculos familiares e em seu âmbito laboral (HONNETH, 2013, p. 27, tradução nossa).

Entendemos a Justiça como a capacidade de dar voz aos públicos, “onde os sujeitos aprendem a perceberem-se a si mesmos como merecedores de respeito, e deste modo, alcancem a autonomia” (HONNETH, 2013, p. 23, tradução nossa). Especificamente, dar voz aos públicos.

Não se trata, em suma, de recorrer a eles porque eles sabem melhor do que os outros em que consiste sua situação – pelo contrário: por causa da sua situação eles possuem frequentemente fortes limitações para entender plenamente tal situação e suas razões. A razão talvez mais importante é, basicamente, de natureza ética e diz respeito à importância que a possibilidade de falar da sua situação (PINZANI, 2012, p. 100).

Novamente, referenciamo-nos à questão do reconhecimento. Afinal, tenhamos em conta que “exclusão e falta de reconhecimento geram aquela peculiar espécie de sofrimento [...] que definimos como experiência da humilhação ou da degradação” (VECA, 1997 citado por PINZANI, 2012, p. 100), que entendemos aqui como um antônimo de Democracia. Em crítica à Rawls³⁷, Pereira adverte-nos da importância de reconhecer ao Outro para a plenitude deste como cidadão. Sob o olhar da Justiça Social:

[...] a pergunta deveria ser o que é necessário para garantir a estrutura motivacional que provê a alguém suficiente confiança em si mesmo como para exercer suas capacidades de personalidade moral e ser um cidadão livre e igual ao longo do seu curso de vida (PEREIRA, 2013, p. 73).

Ou seja, condição em "que se garanta a estrutura motivacional do sujeito, assegurando as autocorrelações práticas da autoconfiança, autorrespeito e autoestima" (PEREIRA, 2013, p. 71, tradução nossa). A questão da paridade entre autoestima e autoconfiança também é trazida como centralidade da Justiça, enquanto social.

Ambas as concepções são distintas, pois, no caso da autoconfiança, há maior facilidade de "um conjunto de medidas" que a proporcione ao indivíduo. Já a segunda não compartilha da mesma verdade.

[...] a valoração das contribuições individuais à sociedade [Outros] depende dos padrões de valoração socialmente compartilhados nos que a justiça deve incidir. [...] Para alcançar este fim [autoestima], desconstruir preconceitos ou introduzir diferentes perspectivas valorativas pode ser uma contribuição significativa" (PEREIRA, 2013, p. 75, tradução nossa).

O autor trata do reconhecimento através de um paralelo de diferença entre um incremento de salário geral dado ao trabalhador e, por outro lado, de alguma questão pessoal que o leva à valorização profissional. Em ambos os casos, estamos tratando de faces diferentes do reconhecimento, *autoestima* de distintas ordens. Devido à sua complexidade e às suas relações com outros conceitos, utilizaremos a

³⁷ John Rawls foi um escritor e professor estadunidense. Apesar de ser um autor liberal, debruçou seus estudos sob compreensões contemporâneas de Justiça Social. Ao escrever o livro *Uma Teoria da Justiça*, em 1971, gera discussão sobre os limites e delineamentos acerca da Justiça e da sociedade. Seu livro, em versão traduzida de 2000, está disponível em: <<https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/uma-teoria-da-justic3a7a.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2017.

voz de Pereira (2013), em longa citação, para entendermos esse espectro de pontos de Justiça encontrados em lugares diferentes:

Por sua vez, a autoconfiança que se obtém nas relações que se cultivam na vida íntima, e a autoestima que é o produto de como são avaliadas nossas capacidades na sociedade, encontram-se mais além do alcance da intervenção direta através das instituições [organizações], e em todo caso, as instituições terão uma incidência indireta nos espaços sociais onde tais autocorrelações práticas [a tríade composta por autoestima, autoconfiança e autorrespeito] se adquirem e respaldam ao longo da vida de uma pessoa. A ninguém lhe ocorre que as instituições estabeleçam e garantam através de uma intervenção direta que alguém seja um bom pai, esposo ou amigo, ou que também estabelecem que os professores [...] realizam um maior e melhor aporte à sociedade que os contadores, e por isso devem obter maior prestígio social. Mas como a autoconfiança e a autoestima constituem as precondições da agência sem as quais não é possível pensar em cidadãos capazes de tomar parte na vida da sociedade, a justiça social deve intervir para assegurar sua aquisição e respaldo ao longo da vida das pessoas (PEREIRA, 2013, p. 67-68, tradução nossa).

Segundo o Código de Ética de profissionais de Relações Públicas (CONSELHO FEDERAL DE PROFISSIONAIS DE RELAÇÕES PÚBLICAS — CONFERP, 2009a), as deliberações profissionais são baseadas em um compromisso com a sociedade e com o diálogo e a liberdade de expressão de informações, respeitando sua honra e dignidade. Infelizmente, “um direito idêntico que, no entanto, somente se afirma na forma de suplemento”. (RANCIÈRE, 2014, p. 79).

SEÇÃO II - Das Relações com o Empregador: Artigo 3º- O profissional de Relações Públicas, ao ingressar em uma organização como empregado, deve considerar os *objetivos, a filosofia e os padrões gerais desta*, tornando-se interdito o contrato de trabalho sempre que normas, políticas e costumes até vigentes *contrariem sua consciência profissional*, bem como os princípios e regras deste código (CONFERP, 2009a, grifos nossos).

A dicotomia existente na prática e ideologia de Relações Públicas, ainda, na Seção IX, art. 28, defende “a livre manifestação do pensamento, a democratização e a popularização das informações e o aprimoramento de novas técnicas de debates é função obrigatória do profissional de Relações Públicas” (CONFERP, 2009a). No seu juramento, segundo a portaria nº 63/2003, baixada em 22 de agosto de 2003, os

profissionais, ao se formarem, proclamam sua responsabilidade com o outro e a questão social.

Juro, diante de Deus e da sociedade, que fará uso do meu trabalho, conduzir meus esforços profissionais de acordo com os princípios éticos norteadores da atividade de Relações Públicas, com responsabilidade e respeito humano e dedicar o meu trabalho para o desenvolvimento e o bem estar [sic] do povo brasileiro e da humanidade (CONFERP, 2009b).

Ainda, a cor azul é oficializada como sendo representativa da profissão. Afinal, “o Profissional dessa área, sendo um agente ativo na consolidação dos processos democráticos da sociedade e dos conceitos e imagens organizacionais, necessita desenvolver e aplicar tais atributos para atingir esses propósitos” (CONFERP, 2009b). Segundo o Código de Atenas, ou Código de Ética Internacional dos Profissionais de Relações Públicas,

[...] o homem tem em paralelo com os seus "direitos", necessidades que não são simplesmente de ordem física ou material, mas também de ordem intelectual, moral e social, e que só na medida em que essas necessidades - no que têm de essencial - são satisfeitas, é que o homem pode gozar realmente dos seus direitos; [...] que os técnicos de Relações Públicas no exercício da sua profissão podem, conforme a maneira como a exerçam, contribuir largamente para satisfazer essas necessidades intelectuais, morais e sociais dos homens (CONSELHO REGIONAL DE RELAÇÕES PÚBLICAS, [2013?]).

As Relações Públicas como ativismo (HOLTZHAUSEN, 2016) vêm como uma nova ontologia para a área de Relações Públicas e conversam, mais puramente, com o que fora apresentado segundo a Justiça (Legal, Legislativa), pois, “em poucas palavras, os profissionais das Relações Públicas devem atuar como ativistas da organização” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 225, tradução nossa). Em nossas bases de Filosofia das questões jurídicas, ainda atendemos a uma concepção universalista e suplementar.

Por outro lado, as Relações Públicas, tomadas por essa roupagem de ativismo político e social, podem ser entendidas como quebradoras de correntes e dispositivos que controlem públicos marginalizados. “Em outras palavras, ela não é mera crítica das relações de poder, mas também dos mecanismos que justificam tais

relações (uma ideia que lembra muito a crítica de Foucault aos dispositivos)” (PINZANI, 2012, p. 96).

Assim, a Ciência, como em um jogo, é tratada dentro da perspectiva de flutuação entre o real e o “novo” real, ambivalente; transformada e transformadora. A mesma relação pode ser observada na Comunicação, “porque a comunicação não tem que harmonizar nada. Ela deve ser capaz de navegar no caos” (NASSAR, 2009a, p. 160) e na tensão entre Modernidade e a Pós-modernidade.

Se é verdade que a modernidade se desenvolve na retração do real e segundo a relação do sublime do “presentificável” com o concebível, podem no seio desta relação, distinguir dois modos, para falar com um músico. O acento pode ser colocado na impotência da faculdade de “presentificação”, na nostalgia da presença que sente o sujeito humano, na obscura e vã vontade que anima apesar de tudo [Fé, Esperança]. Em vez disso, o acento pode ser colocado na potência da faculdade de conceber, na sua “inumanidade”, digamos [...], visto que não é questão do entendimento que a sensibilidade ou a imaginação estejam ou não em acordo com aquilo que o entendimento concebe, e no aumento de ser e na jubilação que resultam da invenção de novas regras do jogo, pictórico, artístico ou outro (LYOTARD, 1998, p. 24).

Dado o cenário que é exposto, desde uma retomada histórica, filosófica e teórica, “chegamos à compreensão do problema da justiça política e social, isto é, que *a questão principal da justiça é a questão do poder*” (FORST, 2013, p. 37, tradução nossa, grifos do autor). Entendemos ser mister, nesta questão, “a força humana de opor-se a relações arbitrárias de dominação, quer seja por indivíduos, classes ou grupos, ou bem pelas “circunstâncias” que são erroneamente concebidas como impossíveis de mudar” (FORST, 2013, p. 36, tradução nossa), como a dominação “sem fundamento” e implícita ou inconsciente.

3.3 O PODER DA DEMOCRACIA

Quando a referência aponta ao poder libertador, estamos nos referindo a uma Democracia real. Buscamos, portanto, definir que Democracia é essa a que nos referimos, em certa medida, com menos exaustão do que quando tratamos da Justiça Social.

Entretanto, esclarecemos que a ligação desta com as Relações Públicas é pressuposição a práxis, pois “o exercício profissional pode situar-se facilmente na mudança social, o empoderamento, a democracia, a liberdade, a conversação e os direitos humanos, inclusive quando forma parte da prática institucional” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 139, tradução nossa) de qualquer organização. A Democracia é aglutinadora e cidadã.

A democracia se fundamenta na ideia do igual respeito e exclui, portanto, a possibilidade da humilhação: pode aceitar a ideia de punir atos que são considerados ilegais, mas não pode aceitar que cidadãos (inclusive criminosos) sejam humilhados por outros cidadãos (PINZANI, 2012, p. 104).

Através da prática ativista, “cuja meta essencial seria ocupar-se das falsas e ideológicas justificações que ajudam a consolidar e ocultar relações de poder injustificáveis” (GOSEPATH, 2013, p. 56, tradução nossa), destruindo-as, “os profissionais de relações públicas contribuirão a alcançar uma forma de democracia mais sólida e mais participativa, que também beneficiará a quem representam” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 196, tradução nossa). Conforme já dissemos, o poder também possui uma face oculta (HOLTZHAUSEN, 2016).

Há uma interessante relação de vínculo sobre a liberdade trazida pela tecnologia que, junto à Democracia, gera descentralização de poder. Com o avanço tecnológico, o lugar de um poder centralizado das organizações é questionado e tensionado.

A revolução promovida pela tecnologia e pela democracia, que alçou o cidadão a um novo patamar e inverteu a relação de poder entre ele e a empresa ou instituição, entre ele e a mídia, destacou o comunicador no cenário organizacional como aquele capaz de estabelecer e cultivar relacionamentos duradouros entre a organização e as pessoas. A tecnologia e a democracia derrubaram de fato os velhos processos comunicacionais e a centralidade das organizações como únicas produtoras de narrativas (NASSAR, 2009a, p. 156).

Justamente “o movimento democrático é, assim, um duplo movimento de transgressão dos limites, um movimento para estender a igualdade do homem público a outros domínios da vida comum” (RANCIÈRE, 2014, p. 75). Como questionadora e quebradora de paradigmas, essa transgressão gera certo tensionamento, que, por sua vez, possibilita outros horizontes aos indivíduos.

De acordo com a Freedom House, 2016 marcou o décimo primeiro ano consecutivo de recuo da democracia e das liberdades civis no plano global. No entanto, não há no horizonte futuro, felizmente, possibilidades alternativas à democracia. O que existe é uma tensão nos seus limites (SCHÜLER, 2017).

Em relação à concepção da sociedade, de certa forma, somos tomados por um realismo que entende o poder que os governos têm sobre o próprio povo como uma *representatividade*. “A representação é, em sua origem, o exato oposto da democracia” e, assim, “a eleição não é em si uma forma democrática pela qual o povo faz ouvir sua voz” (RANCIÈRE, 2014, p. 70), bem como não o é o discurso organizacional que não toma as micronarrativas como parte de sua própria narrativa. Contrariamente à verdadeira Democracia, “a nossas vastas nações e sociedades modernas somente a democracia representativa convém” (RANCIÈRE, 2014, p. 68).

A Democracia é entendida como rompimento e inquietação. Afinal, ela “vem depois, interrompendo a lógica tradicional segundo a qual as comunidades são governadas por aqueles que têm título para exercer sua autoridade sobre aqueles que são predispostos a submeter-se a ela” (RANCIÈRE, 2014, p. 68). Muda a percepção do Outro e do Eu e de sua relação.

“Eu. Você. O outro.” Vivemos a era da instabilidade, com choque de princípios e fronteiras desmontadas. Até o final dos anos 1990, havia a ideia de que os valores da democracia e da sociedade de direitos estavam consolidados, em contraposição a diferentes formas de autoritarismo. A última década, no entanto, alterou este cenário (SCHÜLER, 2017).

A palavra democracia não designa, propriamente, nem uma forma de sociedade, nem uma forma de governo. “A ‘sociedade democrática’ é apenas uma pintura fantasiosa, destinada a sustentar tal ou tal princípio do bom governo” (RANCIÈRE, 2014, p. 68). Daí a participação do indivíduo, por exemplo, nas narrativas organizacionais ser legitimadora da presença de Justiça Social e Democracia, questionando metarrelatos perversos.

É isso que implica o processo democrático: a ação de sujeitos que, trabalhando no intervalo das identidades, reconfiguram as distribuições do privado e do público, do universal e do particular. A democracia não pode jamais se identificar com a simples dominação do universal sobre o particular. (RANCIÈRE, 2014, p. 80)

É justamente por isso que os relatos geolocalizados não podem ser suprimidos, por qualquer tipo de metarrelato, que objetive, tão somente, empoderar a organização. Sabemos que a expansão de metarrelatos está vinculada à Modernidade (período que se estende entre os séculos XVI e XX). Essa “ordem” significava a necessidade de seguirmos as chamadas máximas universais – o que é, na crítica de Lyotard (1998), o metarrelato. Estes são como “verdades absolutas”, generalizações do mundo moderno.

O que podemos deduzir de sua interpretação das metarrelatos é que o objetivo último destes seja, na sociedade ou na ciência, o controle, o qual converte seu propósito em político. Os metarrelatos podem ser combatidos, através dos pequenos relatos, que sempre serão locais e temporais (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 186, tradução nossa).

Todavia, essas teorias ou concepções Modernas “não se baseiam na realidade, porque o mundo em que vivemos é, e sempre foi, complexo e caótico” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 227, tradução nossa). “Os pós-modernos, em particular, creem que o caos é a única maneira em que o poder hegemônico pode quebrar-se e fragmentar-se, o que permite que as vozes marginalizadas se façam ouvir” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 228, tradução nossa). Novamente, estamos atrelados à questão do poder e suas faces, como a hegemonia³⁸.

O poder no contexto organizacional [...] está muito presente em todas as hierarquias [...]. Esta é a cara aberta do poder organizacional. Mas [ele] também possui uma cara oculta. O poder aberto e o poder oculto não são dicotômicos, senão que, na perspectiva pós-moderna, atuam conjuntamente para criar distintas formas de opressão (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 160, tradução nossa).

De certa forma, há um jogo sobre essa relação, uma espécie de “corrente servil”, e a liberdade presente à existência da Democracia. Ainda, sobre máximas aglutinadoras, “tudo que pode unir os homens entre eles parece uma corrente servil à democracia individualista (FOUILÉE, 1910 citado por RANCIÈRE, 2014, p. 86). Para Lyotard, esse jogo social confere horizonte e sentido a ideias humanas, não alcançando um lugar-comum absoluto.

³⁸ “Termo associado sobretudo a Gramsci, para quem denota o controle dissimulado de todas as posições de poder ou influência institucional pelos membros de uma única classe” (BLACKBURN, 1997, p. 179).

Três observações devem ser feitas a respeito dos jogos de linguagem. A primeira é que suas regras não possuem legitimação nelas mesmas, mas constituem objeto de um contrato explícito ou não entre os jogadores (o que não quer dizer todavia que estes as inventem). A segunda é que na ausência de regras não existe jogo, que uma modificação, por mínima que seja, de uma regra, modifica a natureza do jogo, e que um 'lance' ou um enunciado que não satisfaça as regras, não pertence ao jogo definido por elas. A terceira observação acaba de ser inferida: todo enunciado deve ser considerado com um 'lance' feito num jogo (LYOTARD, 1998, p. 17).

É através do jogo, por exemplo, que se relativizam e provam as inconstâncias e as instabilidades da Democracia; do caos em que vive constantemente.

Portanto, o processo democrático deve constantemente trazer de volta ao jogo o universal em uma forma polêmica. O processo democrático é o processo desse perpétuo pôr em jogo, dessa invenção de formas de subjetivação e de casos de verificação que contrariam a perpétua privatização da vida pública. A democracia significa, nesse sentido, a impureza da política, a rejeição da pretensão dos governos de encarnar um princípio uno da vida pública e, com isso, circunscrever a compreensão e a extensão dessa vida pública (RANCIÈRE, 2014, p. 81).

Observamos como a questão do jogo parece perene, tanto para Lyotard, quanto para Rancière. Apesar de diferentes, os autores conversam, quando se minimiza a liberdade, através dos discursos políticos e de poder.

A democracia não é nem a forma de governo que permite à oligarquia reinar em nome do povo nem a forma de sociedade regulada pelo poder da mercadoria. Ela é a ação que arranca continuamente dos governos oligárquicos o monopólio da vida pública e da riqueza a onipotência sobre a vida. Ela é a potência que, hoje mais do que nunca, deve lutar contra a confusão desses poderes em uma única e mesma lei da dominação (RANCIÈRE, 2014, p. 121).

A Democracia, pois, é ação consciente, pensada e planejada sob valores como a liberdade. “Portanto, não bastam palavras bonitas sobre políticas públicas de comunicação, sobre democracia, sobre participação. Se elas não forem incorporadas às práticas sociais e às políticas de governo, acabam se tornando vulgata” (PERUZZO, 2017, p. [4]).

3.4 A COMUNICAÇÃO QUE NAVEGA SOB O CAOS

Historicamente, o Caos é representado com ambivalência, sempre com certa dificuldade de se lidar. Na cultura síria, por exemplo, é tratado como um monstro que luta com o Deus do Sol, Marduque (CAMPBELL, 2005). Em realidade, a entidade Caos é da ordem do feminino. Em outros termos, do matriarcal. É, por um lado, vista como mãe de tudo, dos maiores deuses e, paradoxalmente, rejeitada, está para a “presença demiúrgica do abismo como ‘maléfica’, ‘geradora de trevas’ e ‘obscena” (CAMPBELL, 2005, p. 277). É interessante salientarmos a presença do espectro do caos em diversas culturas da Antiguidade. Na cultura grega está a relação do deus-Sol Apolo e a serpente Píton³⁹.

Por sua vez, na romana, temos São Jorge, que mata o assolador Dragão⁴⁰. Na pós-modernidade, o Caos pode tomar a forma metafórica de um obelisco de *pixels*, *bytes*, *bits* e algoritmos; de informação, composta por um “caudal de mensagens que, independentemente do seu conteúdo – como profetizou McLuhan – se tornaram uma noosfera, ou, antes, uma imagosfera” (LOURENÇO, 1998, p. 33). Essa “esfera do pensamento humano” está saturada de informação.

Temos o sentimento de vivermos num mundo, não com um déficit, uma carência de informação, mas saturado de informação e incapaz de gerir ou de integrar de modo construtivo a massa colossal de dados de informação que já circula nas já famosas auto-estradas [sic] da comunicação (LOURENÇO, 1998, p. 31-32).

³⁹ Trata-se do desequilíbrio entre patriarcado-matriarcado, tendo o primeiro grosseiramente ganho do segundo, conforme Brandão (1986, p. 104). Para ler o mito, ver Franchini e Seganfredo, 2007, p. 25-27.

⁴⁰ Para ler o mito, ver Amorim (2008).

Figura 5 - Representação assíria de Tiamat (Caos) e o deus-sol Marduque (2016)



Fonte: Site Annunaki (2016)

Aqui está o reino do dissenso sobre o consenso, do qual fala Lyotard (1998). E o sentido de “navegar sobre o Caos”, tratado por Nassar (2009a), pode ser melhor compreendido também através do entendimento acerca desses “sentidos” binários.

Lyotard rejeita o consenso a favor do dissenso porque o primeiro *indica conformidade e cooptação pelo poder*. O dissenso promove a heterogeneidade, e em vez de aceitar o acordo (consenso) se chega a um acordo para estar em desacordo (dissenso). Isto obrigará a reconhecer e respeitar as diferenças e a enfrentá-las na vida cotidiana. [...] Através do consenso, o intelectual é cooptado em metarrelatos particulares (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 52, tradução nossa, grifo nosso).

Para os pós-modernos, a Comunicação ideal é impossível, “porque os desequilíbrios de poder são inerentes a todas as situações comunicativas e influem sobre todas elas” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 219, tradução nossa). Não obstante, o processo de comunicar é atingido, em cheio, pelo excesso de informação, inevitável na realidade em que vivemos.

Simbolicamente, em matéria de informação, vivemos sob o regime de absoluto bombardeamento informativo, numa espécie de vigília contínua, sem termos a possibilidade, por assim dizer, de fecharmos os olhos. Assim o que parece urgente é escapar a esse fluxo, descobrir um refúgio, em suma, defender “o direito a não ser informado”. Ou, com maior dose de provocação, o direito ao silêncio. Dir-se-á que é um “desiderato” fácil de atingir. Basta calar a rádio ou

apagar o televisor. Possível como gesto individual ou utopia às avessas, esse cenário tem menor verosimilhança [sic] que o de imaginar deter as cataratas do Niágara ou de Iguassu (LOURENÇO, 1998, p. 32).

Em relação à referida concepção nietzschiana, algo complexo e denso, tratamos dela, na leitura crítica do próprio autor. Na obra *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música* (originalmente assim titulada e publicada, em 1872, em língua alemã), ao discorrer sobre o assunto, primeiramente, Dias (1997) trata dos “impulsos artísticos da natureza”.

Nietzsche abre *O nascimento da tragédia* apontando para dois “impulsos artísticos da natureza”: o apolíneo e o dionisíaco. Apolo é o princípio de individuação, é o princípio de luz que faz surgir o mundo a partir do caos originário; é o princípio ordenador que, tendo domado as forças cegas da natureza, submete-as a uma regra. Dá forma às coisas, delimitando-as com contornos precisos, fixando seu caráter distintivo e determinado, seu sentido individual, modelando o movimento de todo elemento vital, imprimindo a cada um a cadência – a forma do tempo –. Apolo impõe ao devir uma lei, uma medida (DIAS, 1997, p. 14).

De certa forma, essa imposição da razão sobre a sensação abre brechas para que a divindade, presente no homem, personagem principal de sua própria vida, propicie uma espécie de empoderamento. Parece-nos muito curioso que a desordem, o caos, a desmesura e a felicidade estejam associadas na mesma fala supracitada.

Dioniso, o nome grego para o êxtase, é o deus do caos, da desmesura, da fúria sexual e do fluxo de vida; é o deus da fecundidade da terra e da noite criadora do som: é o deus da música, arte universal, mãe de todas as artes. Seu espaço está sob o mundo das aparências, das formas, da beleza, da justa medida. Nascido da fome e da dor, perseguido e dilacerado pelos deuses hostis, Dioniso renasce a cada primavera, e aí cria e espalha alegria. Despertadas as emoções dionisíacas, o homem, em êxtase, sente que todas as barreiras entre ele e os outros homens estão rompidas, que todas as formas voltam a ser reabsorvidas pela unidade mais originária e fundamental – o Uno primordial (*das Ur-Eine*) – onde só existe lugar para a intensidade (DIAS, 1997, p. 14-15).

Por conseguinte, em espécie de fechamento, o autor aprofunda a importância do Uno primordial. A junção dos polos de “ser” e do “dever ser”, quando o dionisíaco

sobressai ao apolíneo, seria a constante presente na vida humana. Tratamos da “vontade mesma para além da representação”, ou seja, da verdade.

Nesse mundo das emoções inconscientes, que abole a subjetividade, o homem perde a consciência de si e se vê ao mesmo tempo no mundo da harmonia e da desarmonia, da consonância e da dissonância, do prazer e da dor, da construção e da destruição, da vida e da morte. Não é necessária uma atenção redobrada para se ver que a distinção do apolíneo e do dionisíaco, tal como Nietzsche a concebe, apoia-se certamente na oposição de Schopenhauer entre a representação e a vontade. Apolo, visto como deus do brilho, da aparência, da bela aparência e da ilusão, simboliza o mundo da representação, isto é, da individuação [ser indivíduo] e da razão suficiente; Dioniso, identificado como deus da fúria sexual e do fluxo de vida, como figura que reúne em sua natureza dor e prazer, manifesta o Uno Primordial, a vontade mesma para além da representação (DIAS, 1997, p. 15).

É justamente sobre esse aspecto último que se debruça o cenário de comunicação, nas e das organizações, em que acreditamos estarem as Relações Públicas. Essa “definição nietzschiana”, a que se refere Nassar (2009a, p. 160), em sua ponderada conclusão de artigo, intitulado *Comunicação Organizacional, entre Apolo e Dionísio*, sobre perspectivas profissionais das Relações Públicas.

Essa complexidade crescente que se vê na Comunicação Empresarial não é apolínea, mas dionisíaca, como na definição nietzschiana. Ela mistura tudo, festa com luto, riso com choro, porque a comunicação não tem que harmonizar nada. Ela deve ser capaz de navegar no caos (NASSAR, 2009a, p. 160).

Curiosamente, no decorrer da construção deste trabalho, a edição de 2017 do evento *Fronteiras do Pensamento*⁴¹, que trata de questões como a pós-modernidade, sofreu uma feliz alteração. A economista, estudiosa sobre questões éticas do livre-mercado e ativista pelos direitos de pessoas transgêneros, Deirdre McCloskey, será um dos nomes de maior destaque no evento (NETO, 2017). Em relação à mudança e às incertezas, como no caso da produção e gestão de eventos, nos recordamos da seguinte passagem sobre sinais da pós-modernidade, no hoje:

⁴¹ O *Fronteiras do Pensamento* é um evento que analisa o hoje e o futuro, permeado sob temáticas pautadas à discussão, tais como “a liberdade de expressão, a diversidade de ideias e a educação de alta qualidade” (SCHULER, 2017). O evento promove conferências com participações internacionais, que desenvolvem em suas falas conteúdos múltiplos: uma intersecção entre pensadores, artistas, cientistas e líderes com destaque em seus campos de atuação. Mais informações estão disponíveis em: <<http://www.fronteiras.com/o-projeto>>. Acesso em: 29 out. 2017.

A mais evidente é que a mudança é tão onipresente na sociedade pós-moderna, que temos que aceitar a mudança e a incerteza, aprender a viver com ambas e ajudar nossas organizações a negociar com estas complexidades para ajudá-las a garantir sua sobrevivência. [...] A mudança é positiva e a *diferença* e o *caos* [grifo nosso] são o terreno ideal para pensar de uma maneira diferente e dar soluções inovadoras aos problemas existentes (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 229, tradução nossa).

Como nos diz Heráclito de Éfeso, “nada persiste, nem permanece o mesmo” (apud SOUZA; KUHNEN, 1996, p. 110). A trajetória da Ciência, compreendida sob esse aspecto, seria esta: partimos do paradigma dado como *real* e, através de um processo de indução (empírico), criaríamos categorias, que são conceitos, de onde se constroem as Teorias, como a Epistemologia. Esses conceitos sofrem um processo de dedução (teórico) e geram um novo paradigma do real; verdade que, portanto, passaria a um processo de indução, categorização/conceituação e novo paradigma do real, diferente dos anteriores *ad eternum*. É sobre esse fluxo que se gera a Ciência, ou, melhor dizendo, o próprio conhecimento.

4 MÉTODOS DE PESQUISA E MICRORRELATOS COMO OBJETO DE ESTUDO

Como é difícil reconhecer a opressão que não experimentamos e, ao mesmo tempo, é difícil entender e articular até a opressão que experimentamos (ACKERLY, 2000 citado por PINZANI, 2012, p. 91).

Neste capítulo, discursamos sobre nosso objeto de estudo. Tocamos no tema dos *prides*⁴² (um tipo de ERGs⁴³) e contamos a experiência de pessoas entrevistadas que estão abertas a estar ou já estiveram vinculadas aos ditos grupos. Queremos abordar essas vivências, por ainda estarem à margem das pautas de estudo. “É essa ignorância da natureza do homem que lança tanta incerteza e obscuridade na verdadeira noção de direito natural” (ROUSSEAU, 2005, p. 152), como a inclusão enquanto ser cidadão⁴⁴. Afinal:

[...] dignidade humana [...] se baseia, [...] como mostrou Rainer Forst, no reconhecimento do direito das pessoas de participar de um discurso de justificação dos estados de coisas que afetam sua vida, quando tais estados dependem da ação humana (como no caso de normas jurídicas ou de *decisões políticas, de instituições* ou de sistemas econômicos) (PINZANI, 2012, p. 101, grifo nosso).

Ressaltamos, em particular, o uso de história de indivíduos como elementos para estudos narrativos. A pesquisa narrativa “como método, [...] começa com as experiências expressas nas histórias vividas e contadas pelos indivíduos” (CRESWELL, 2014, p. 68). É através da busca de um lugar de fala real que justificamos a técnica.

Os procedimentos para implantar esse tipo de pesquisa consistem em focar no estudo de *um ou dois indivíduos*, reunir dados por meio da coleta das suas histórias, relatar as suas experiências individuais e ordenar cronologicamente o significado dessas experiências (CRESWELL, 2014, p. 68, grifo nosso).

⁴² Aos quais nos referimos como substantivos masculinos, ou seja, “o” *pride*. Embora seja discutível, isso se deve à origem da palavra inglesa *pride*, que em sua tradução significa “orgulho” ou, ainda, da referência advinda de “o/um grupo *pride*”.

⁴³ *Employee Resource Groups* (ERGs), também chamados *Affinity Groups* e *Business Network*, são grupos de funcionários unidos por características semelhantes (etnia, gênero, orientação sexual, geração, religião, deficiência física etc.) que recebem apoio da empresa na qual trabalham (SHERIDAN, 2013).

⁴⁴ “Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: ter direitos civis”. Disponível em: <<http://www.inclusive.org.br/arquivos/26910>>. Acesso em: 20 out. 2017.

Como nossa pesquisa é de caráter exploratório, buscamos compreender as diferentes perspectivas pertinentes ao tema. Utilizamos de proposições a partir de abordagens qualitativas, logo, não empregamos perspectivas quantitativas. Conforme orienta Michel (2009):

[...] pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica, particular, contextual e temporal entre o pesquisador e o objeto de estudo. Por isso, carece de uma interpretação dos fenômenos à luz do contexto, do tempo, dos fatos. O ambiente da vida real é a fonte direta para obtenção dos dados, e a capacidade do pesquisador de interpretar essa realidade, com isenção e lógica, baseando-se em teoria existente, é fundamental para dar significado às respostas (MICHEL, 2009, p. 36-37).

Em função dos objetivos estabelecidos, conversamos, com frequência, acerca dos norteadores trazidos por John Creswell (2014), principalmente na perspectiva teórica sobre nossos procedimentos metodológicos e sobre a ética, em relação à pesquisa narrativa⁴⁵. Adotamos, também, as técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, dentro do método de documentação (GIL, 2008).

Em relação a nossos métodos de pesquisa, veremos que “o uso de uma lente interpretativa também pode levar ao chamado para a ação e transformação — os objetivos da justiça social —, em que o projeto qualitativo termina com passos distintos de reforma e um incremento à ação” (CRESWELL, 2014, p. 42-43). A seguir, detalhamos nossos procedimentos metodológicos, com inferências às questões éticas, humanas e de Justiça Social.

4.1 METODOLOGIA E JUSTIÇA SOCIAL EM PESQUISA QUALITATIVA

Dispomos, sobretudo, da abordagem de pesquisa narrativa, que conversa muito com o conceito de *metarrelatos*, cunhado por Jean-Fraçois Lyotard (1998). A técnica de coleta de relatos centra os microrrelatos como fonte de elementos para esse estudo. As particularidades da realidade deste público nos parecem um

⁴⁵ Devido às nossas limitações de tempo, intercorrências que ocorreram e do tipo de projeto (Trabalho de Conclusão de Curso), toda vez que referenciar-nos a “pesquisa narrativa”, significa aplicação de técnica com algumas ressalvas, como falta de fotos, documentos iconográficos e relatos de terceiros, por exemplo, na coleta de história de vida. Uma inspiração na abordagem narrativa ou de narração oral nos parece ser, humildemente, onde podemos ter chego.

caminho que gere, minimamente, mais autonomia a esse indivíduo. Privilegiar esse microrrelatos é justamente uma forma de se contrapor aos metarrelatos, propostos pelas organizações, tais como as políticas internas, conteúdos em *site* institucional, discursos totalizantes e ditadores.

Neste sentido, a afirmação da autonomia individual está ligada à possibilidade que o indivíduo tem de utilizar um determinado vocabulário para descrever-se, sem submeter-se à imposição de um vocabulário (e de uma descrição) pelos outros (VECA, 1997 citado por PINZANI, 2012, p. 100).

Não é o foco de nossa pesquisa observarmos o impacto de *prides* na vida das organizações e de todos seus públicos, o que necessitaria outro tipo de estudo, que nos escapa. Interessam-nos as histórias que questionem essas práticas como possibilidade promissora de voz e integração dos públicos LGBT⁴⁶, dentro da realidade deste grupo. Inicialmente, nosso critério era colher relatos de funcionários em empresas que sediaram alguma edição do Summit LGBTI⁴⁷ e tratar de estudar as práticas, a partir de uma análise da empresa, e não da vida do funcionário. Devido às dificuldades encontradas, no processo de pesquisa, alteramos nossos critérios.

As pessoas entrevistadas estão empregadas sob regime CLT ou contrato de trabalho, são transexuais, oriundas da cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, estão na faixa de idade aproximadas (42 e 43 anos) e em processo de transição. Felizmente, parece-nos que as alterações só enriquecem o trabalho.

A justiça social para transformar as sociedades reais toma as instituições [organizações] como meios, mas como eu disse, isto também envolve a dois espaços que se encontram mais além do alcance direto das instituições. O primeiro desses é o da vida íntima,

⁴⁶ Reiteramos: acrônimo que significa lésbicas, *gays*, bissexuais (orientação sexual), transexuais, travestis e transgêneros (identidade de gênero). Disponível em: <<http://ggemis.blogspot.com.br/2014/08/lgbt-lgbti-lgbtq-ou-o-que.html>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

⁴⁷ O Summit LGBTI é um evento organizado por empresas de TI de Porto Alegre e região e tem como objetivo tratar de assuntos de Diversidade Sexual e de Gênero no ambiente corporativo. Tendo sua primeira edição em novembro de 2014, com edições sediadas pela SAP, HP/HPE, DELL, ThoughtWorks e, agora, pela ADP, o SUMMIT LGBTI chega na sua 8ª edição buscando reunir e informar cada vez mais empresas interessadas em trabalhar a Inclusão e a Diversidade, independentemente da área de atuação. Com temas variados, como homofobia e empregabilidade Trans, a 8ª edição do SUMMIT LGBTI trata das Famílias, abordando o impacto que estas têm no desenvolvimento pessoal do ser humano, LGBTI ou não. Essas e mais informações sobre a 8ª (e última) edição disponíveis em: <<https://apridefamilysummit.splashthat.com/>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

e [...] o segundo espaço está relacionado com os padrões compartilhados de valoração (PEREIRA, 2013, p. 73-74, tradução nossa).

Seguimos o critério proposto por Creswell (2014), de trabalharmos com um ou dois indivíduos. Constituímos um *corpus* de entrevistadas de duas pessoas: um homem e uma mulher, nesse caso. Contudo, foi realmente difícil e moroso o processo de coleta destas histórias. Tivemos uma empresa que, tão vinculada em seu discurso de filosofia à *Justiça Social e Diversidade*, contemplada em todos seus sentidos, desistiu do processo, já nos meandros finais do projeto. Lamentamos inexoravelmente a falta de sua participação e disponibilizamos na íntegra as mensagens, via e-mail (APÊNDICE A) e *Whatsapp* (APÊNDICE B), trocadas no processo de busca de entrevista.

Desta maneira, executamos entrevistas qualitativas em profundidade, ou seja, diálogos com pessoas que fazem parte de nosso *corpus* de pesquisa. Manuseamos um roteiro pré-estruturado que nos serviu de orientação, mas que possibilitasse outras questões emergirem. Muitas questões surgiram com o decorrer da conversa. Mais adiante, detalhamos esse esforço de pesquisa, bem como seus resultados.

A entrevista “é considerada um instrumento de excelência da investigação social, pois estabelece uma conversação face a face, de maneira metódica, proporcionando ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária” (MICHEL, 2009, p. 68) e, sendo semi-estruturada, proporciona uma liberdade ao entrevistado, explorando questões com maior amplitude (MICHEL, 2009).

Isto posto, tangibilizamos como essas pessoas veem práticas de entes sociais (como a escola, família e empresa) e se elas atendem ou não à Justiça Social e Democracia de modo mais concreto, segundo sua experiência de vida. Devido à importância dos conceitos de Justiça Social e Democracia, neste estudo, lembramos que nos referenciamos aos termos como substantivos próprios e, para tanto, utilizamos inicial maiúscula.

Analisamos, portanto, duas histórias. Experiências pessoais de nosso *corpus* de análise, narradas pela própria entrevistada ou entrevistado até a sua realidade atual, do modo mais livre e confortável possível. Por exemplo: cada entrevistado começa sua história por onde entende que ela começa. Evidentemente, atentamos

para o quanto esse *pride* possa ter feito diferença na vida das entrevistadas⁴⁸, em seu percurso de vida.

Partiremos do método de documentação, através da pesquisa bibliográfica:

[...] é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2015, p. 51).

Em complemento, contamos com a pesquisa documental, que “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 2008, p. 51). Assim, trabalhamos com um grupo de materiais, formado por matérias, notícias e reportagens de jornais, livros, fotografias e gravações, para tratar do presente tema e de sua relação com o objeto que estudamos. Para Cellard (2008, p. 298), “a técnica documental [...] é uma das técnicas decisivas para a pesquisa em ciências sociais e humanas”.

Aqui empregada, a abordagem narrativa “consiste na aplicação da narração ao descobrimento das razões que levam a uma pessoa a desenvolver determinadas emoções” (MODZELEWSKI, 2015, p. 212, tradução nossa) e atitudes frente ao mundo.

A emoção contém também ricas e densas percepções do objeto, altamente concretas e repleta de detalhes. [...] Não é só um juízo abstrato somado ao elemento tangível. Não só consiste em julgar [...], senão que a experiência envolve em si mesma uma tormenta de recordações e percepções concretas que rodeiam esse conteúdo proposicional e que agregam mais do que está presente no juízo. A experiência da emoção está, portanto, carregada cognitivamente de uma maneira que uma explicação por meio de um conteúdo proposicional não capturaria (MODZELEWSKI, 2015, p. 212, tradução nossa).

Em relação ao processo de análise destas experiências vividas, servindo-nos do que prega Riessman (2008). A partir dele, Creswell (2014, p. 69) aponta-nos que

⁴⁸ Como entendemos que tratamos de “pessoas” entrevistadas, e por uma questão de privilegiar o tão posto à margem Feminino da linguagem, usamos deste gênero (a/as entrevistada/entrevistadas), quando citado o nosso *corpus*. Em absoluto, isso não necessariamente significa que a pessoa ouvida se identifica com esse gênero.

“histórias narrativas podem ser analisadas de formas variadas. A análise pode ser feita com base no que foi dito (tematicamente), na natureza do contar da história (estrutural) ou em para quem a história foi direcionada (dialógica/desempenho)”.

Entre as abordagens mais populares da pesquisa narrativa, temos o estudo biográfico, a autoetnografia, a história oral e a história de vida (CRESWELL, 2014). Dentro desta última abordagem, trabalhamos com a história de experiência pessoal, que é, segundo Creswell (2014, p. 70), utilizando-nos do que prega Denzin (1989), "um estudo da experiência pessoal de um indivíduo vivida em um ou múltiplos episódios, situações particulares ou em contexto coletivo".

De certa forma, ao realizarmos este projeto, sentimo-nos um pouco como He, condutora de um processo de pesquisa retratado por Clandinin, que é tomado como exemplo por Creswell quando trata da estrutura de uma história. A pesquisadora He:

[...] tem o olhar voltado para o passado [...] e também voltado para frente, para o enigma de quem elas são e em quem estão se transformando na sua nova terra. Ela olha para dentro de si, para os motivos pessoais que a levam a realizar esse estudo, e para fora, para o significado social do trabalho. (CLANDININ; CONNELLY, 2000, p. 156 citados por CRESWELL, 2014, p. 176).

A partir do que expusemos até aqui, debruçarmo-nos um pouco mais sobre a realidade LGBT, especialmente a T, é necessário. Para tanto, tocamos em pontos como a presença de novas estruturas organizacionais, chamadas *prides*, e de nosso caminho de pesquisa percorrido.

4.2 O “T” DA QUESTÃO

Apesar de sabermos que nem todos os canais de comunicação “são necessariamente concretizados pelo setor de Relações Públicas nas diferentes empresas, [...] para nós dizem respeito às Relações Públicas (PERUZZO, 1986, p. 82)⁴⁹, como é o caso dos *prides*. Motiva-nos entender essa vivência, propiciada por esse grupo de voz, também entendido como prática de comunicação interna.

Concebemos esses *prides* como uma nova “prática no contexto das novas estruturas organizacionais” (HOLTZHAUSEN, 2016, p. 23, tradução nossa) ou

⁴⁹ Apesar de sua publicação no fim dos anos 1980, devido ao que trata e problematiza, reiteramos o uso da presente obra, dada a sua clara coesão com nossa temática de estudo.

mesmo uma filosofia de sensibilização e integração LGBT. Ainda, podem ser comumente conhecidos como comitês da diversidade e programas para ajudar na inclusão corporativa (BEZERRA, 2017).

Esclarecemos o uso da terminologia *pride*, porque encontramos sua presença nas organizações que, inicialmente, pretendíamos estudar. Apesar do caráter mercantil perene à realidade de estar vinculado diretamente ao Capitalismo, devido ao seu pertencimento como iniciativa de esperança e inclusão à comunidade LGBT, entendemos esses grupos como possibilidades de “comunicação-ação para a prática da liberdade” (PERUZZO, 2017, p. [9]).

Inclusive, a temática da presença LGBT, e sua inclusão e sensibilização interna nas organizações, é pauta atual de estudos da área de Comunicação e Interculturalidade⁵⁰, e, sobre finanças, economia e negócios, presente na agenda da mídia especializada (BEZERRA, 2017). Segundo Ricardo Sales (2017), apenas os periódicos:

Brazilian Administration Review, Cadernos EBAPE.BR e Revista de Administração Contemporânea publicaram artigos sobre diversidade nas organizações no intervalo de 2010 a 2015. Há, ainda, relato de um estudo sobre o tema desenvolvido no Brasil por pesquisadores da Universidade do Vale do Itajaí e publicado em um periódico norte-americano (SALES, 2017, p. 64).

Ao considerarmos como a questão da transexualidade vem se popularizando e tomando outros horizontes, como pauta de série especial no programa televisivo e dominical Fantástico⁵¹ ou como personagem-chave em uma trama de novela (Figura 6). Na novela *Força do Querer*, a personagem Ivan — que nasceu Ivana — passa por todo processo de encontro consigo mesmo e de transição, apesar das dificuldades e impossibilidades apresentadas, em sua realidade. Ainda, em proporções latino-americanas não fictícias, neste no segundo semestre de 2017,

⁵⁰ Como as produções de Ricardo Sales, um dos fundadores do grupo de estudos em diversidade e interculturalidade da ECA/USP e pesquisador na área de políticas e estratégias de comunicação, que estuda os temas diversidade nas organizações, visibilidade LGBT na comunicação e sexualidade do trabalho. Suas produções mais recentes estão disponíveis em: <<https://usp-br.academia.edu/RicardoSales>>. Acesso em: 23 out. 2017.

⁵¹ Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu/>>. Acesso em: 24 out. 2017.

assumiu, no Uruguai, a primeira mulher transexual, como representante política no Senado⁵².

Figura 6 - Cena da personagem Ivan na telenovela *Força do Querer*, escrita por Glória Perez



Fonte: Notícias na TV (2017)

Apesar de variações, segundo Jayme (2010), travestis, transexuais, transformistas e *drag queens* agrupam-se à letra “T” do acrônimo LGBT e de suas variações. A pessoa travesti interfere em seu corpo, traços, trejeitos e pode construí-lo como forma e semelhança de um corpo do sexo de nascimento oposto ao seu. Por outro lado, as transexuais dizem "nascer no corpo errado" (JAYME, 2010, p. 169) e, por isso, fazem (ou desejam fazer) a cirurgia de transgenitalização — mudança de sexo biológico. As transformistas variam de aparência e, de acordo com a necessidade, ocultam o sexo que possuem. Já as *drag queens* podem ou não ter a preocupação em ocultarem-se. "A maquiagem é carregada, a roupa exagerada, com altas plataformas, cabelos coloridos etc." (JAYME, 2010, p. 170).

Segundo a lei, as pessoas travestis e transexuais podem trocar o nome, vindo a ter o chamado nome social, e as posições e perspectivas sobre definições em relação à transexualidade podem variar. Campbell (2005) ajuda-nos a construir essas histórias.

⁵² MICHELLE Suárez ya es senadora: es la primera legisladora trans de la historia de Uruguay. **El País**, Montevideu, 10 out. 2017. Disponível em: <<https://www.elpais.com.uy/informacion/michelle-suarez-senadora-primera-legisladora-trans-historia-uruguay.html>>. Acesso em: 27 out. 2017.

É interessante compreendermos nossas escolhas, antes de tratarmos de nosso *corpus* de análise. Além da congruência do tema com a atualidade, nossa escolha está baseada em nossos valores pessoais e incentivos sociais sofridos, pois há um espaço de lacuna social e de oportunidade de estudo. Inquietações que nos movem à sede de conhecimento e investigação junto à conjuntura, apontada anteriormente. Ademais, reverberados por outros estudiosos, acreditamos no potencial ético, humanizador e político desse profissional e das Relações Públicas.

A seguir, contamos as histórias resultantes dos relatos coletados. Para isso, é imprescindível que esclareçamos dois pontos. Primeiramente, pode parecer ofensivo ou agressivo que utilizemos palavras de baixo calão nas narrativas colocadas ao longo das histórias. Isso se dá para mantermos, naquele momento, a intensidade, veracidade e espontaneidade das próprias falas. Em segundo lugar, apesar de entendermos não ser comum e, inicialmente, pensarmos em um conto como forma de narrativa de vida, relataremos nossas histórias com citações diretas.

Não obstante, pode parecer que alguns diálogos da conversa que tivemos com Rita e Guilherme⁵³ pareçam longos demais. Contudo, entendemos que narramos em quantidade suficiente para, obstinados, com dinamismo, dar voz à realidade transexual e das pessoas entrevistadas, por sua própria voz.

4.3 ALÉM DE SIMPLES CONCEITOS (E O QUE NÓS ENCONTRAMOS POR LÁ)

A partir daqui, tratamos sobre duas histórias de vida. “Nem todas as ostras formam pérolas” e “Dois lobos que viviam dentro de Guilherme” são histórias que apresentamos como ponto de partida para uma análise das experiências de nossas entrevistadas com a realidade em que vivemos. Como tratamos de um conteúdo que prevê o sigilo de nomes e marcas, bem como o consentimento das ouvidas, anexamos, ao trabalho, os termos de concessão de direitos de imagem (ANEXO B).

Em relação à codificação do estudo narrativo (Figura 7), seguimos a proposta de Creswell (2014). Adotamos a proposta, devido à sua congruência com o colhido, servindo como fechamento dos relatos que contamos. Acerca disso, diz-nos o autor:

⁵³ Ressaltamos que os nomes das organizações e marcas, bem como das pessoas entrevistadas, foram alterados, a fim de garantir o sigilo de suas identidades. Curiosamente, as próprias pessoas ouvidas escolheram como gostariam de ser chamadas neste estudo, e isso, inclusive, nos parece passível de inferências

“criei códigos que se relacionam à história, tais como a cronologia, o enredo ou o modelo do espaço tridimensional, e os temas que podem surgir a partir da história” (CRESWELL, 2014, p. 166).

Figura 7 - Modelo para codificação de um estudo narrativo



Fonte: Creswell (2014, p. 166)

Segundo o autor, ainda, é possível escolher qualquer uma das abordagens propostas ou mesclá-las. Inicialmente, optamos por codificar os relatos colhidos sob a perspectiva estrutural do enredo. A intenção era explorar como as formas pelas quais elas se comunicam com o mundo, contribuem para moldar sua identidade e examinar a presença da empresa na construção de seu *self*⁵⁴.

A análise pode prosseguir usando a abordagem da estrutura do enredo ou o modelo tridimensional [...]. O pesquisador não saberá qual abordagem usar até que realmente inicie o processo de análise dos dados. Ele pode desenvolver um código, ou “história”, e começar a redigir a história com base nos elementos analisados (CRESWELL, 2014, p. 166).

Contudo, devido ao que emergiu, optamos por estruturar nossa escrita segundo Riessmann (2008 citado por CRESWELL, 2014, p. 177), através da estrutura geral da escrita, pautada em “relato do que os participantes disseram (temas), de como disseram (ordem de sua história) ou como interagiram com os outros (diálogo e desempenho). A partir de temas ou categorias, estruturas embutidas da escrita, pois, apresentaremos as histórias, para ilustrarmos “os desafios e as complexidades, as harmonias e as tensões” (CLANDININ; CONNELL,

⁵⁴ Para Jung, o *self* ou “si-mesmo” é a totalidade da psique, conjunto de características psíquicas de uma pessoa, o centro e a meta do ser humano. “O si-mesmo inclui a totalidade da psique de um modo geral, ou seja, o consciente e o inconsciente” (JUNG, 2011, p. 395).

2002 citados por CRESWELL, 2014, p. 236) da realidade para uma pessoa transexual.

Nossa intenção é, baseados em uma abordagem temática, ou seja, “quando o pesquisador analisa ‘o que’ é falado ou escrito durante a coleta de dados” (CRESWELL, 2014, p. 156), tocar em pontos de conflito e de nossas experiências enquanto pesquisadores, tendo delicadeza em análise conceitual sobre o estudo. Como em muitas outras histórias e na própria História, os diálogos apareceram editados e adequados à narrativa⁵⁵.

A seguir, compartilhamos o que duas pessoas transexuais viveram até hoje. Reiteramos que ambas vivem em Porto Alegre, de onde são naturais, e, atualmente, estão empregadas sob regime de contrato de trabalho ou CLT (carteira assinada). A primeira história é sobre a vida de Rita — como ela mesma se define, uma mulher transexual e *nerd* —, de seus medos e angústias. A segunda, por sua vez, fala de hombridade e de como a vida de um homem trans, Guilherme, chega próxima de um ponto de equilíbrio consigo mesmo, ao contrário de seu passado conflituoso.

4.4 NEM TODAS AS OSTRAS FORMAM PÉROLAS

O nome Rita significa “pérola”⁵⁶. Parece muito curioso que a vida de Rita possa ser tão bem associada ao processo de surgimento de pérolas em uma ostra⁵⁷. Por algum dano exterior ou invasão, com o intuito de se proteger, a ostra libera uma espécie de líquido que, ao encobrir todo o corpo estranho dentro de si, forma essa tão preciosa e rara forma esférica. A relação com o tempo e com a dor é reativa, tanto para Rita, quanto para a ostra.

“Tratado sobre a vida de antes do transicionar”

Lucas: Entendi. Foi assim que tu conseguiste tomar alguma espécie de consciência do teu eu?

Rita: Na verdade, eu sempre soube e, quando tomei consciência do que era, tive mais certeza ainda. É o seguinte: eu sabia, mas não

⁵⁵ Evidentemente, as entrevistas transcritas (APÊNDICE D e E) são fidedignas e discorrem a fala das entrevistadas na íntegra.

⁵⁶ Conforme Regina Obata (2002, p. 167).

⁵⁷ COMO a ostra produz a pérola? **Mundo Estranho**, São Paulo, 3 out. 2016. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/mundo-animado/como-a-ostra-produz-a-perola/#>>. Acesso em: 3 nov. 2017.

entendia aquilo, não tinha nenhum parâmetro, não havia internet para me auxiliar. Antigamente não havia, era década de 80. O que eu tinha era uma televisão com dois canais e não passava nada sobre isso. Então, é uma questão complicada, porque eu me sentia completamente isolada. Eu não sabia que mais pessoas passavam por essa situação. E isso foi em qual período? Foi por muito tempo. Me sentia assim na adolescência e também na vida adulta. Para ter uma ideia, há períodos da minha vida que pareceu aquele filme *Click*⁵⁸, do Adam Sandler, onde ele fica no automático. Minha vida passou muitos anos no automático, eu sendo uma pessoa que eu não era. Têm momentos da minha vida que eu lembro como se estivesse fora do meu corpo, em uma situação vista de cima.

Lucas: E essa fase meio obscura, assim digamos, era esse período?

Rita: Sim.

Quando questionada sobre sua relação com o tempo, ainda, nossa entrevistada aponta a disparidade e a confusão em que pessoas trans vivem. Isso porque não se encontram em nossa sociedade binária (homem/mulher). O processo de transição de Rita aconteceu já na maturidade, aos 36 anos.

“Tratado sobre a verdade de transicionar”

Lucas: É como se o tempo fosse relativo, assim, perdido?

Rita: Não, não, não. Vamos de novo. Eu não tinha consciência do que estava acontecendo. É diferente de ser homossexual. A pessoa *gay* gosta de pessoas do mesmo sexo, mas se identifica com o seu gênero, é seguro quanto a ele. A princípio, comecei a achar que era isso, mas ainda não estava segura, não conseguia me ver como homossexual, nem como heterossexual, não me via como nada, porque não me sentia como homem, mas também tinha a questão de não ter nascido mulher. Me sentia perdida. A situação que se põe na sociedade é a da classificação de homem ou mulher e na sexualidade também é de homossexual ou heterossexual.

Lucas: Entendi...

Rita: Então, eu tenho 43 anos e, quando era pequena, eu não tinha nenhuma referência. Eu não sei como começaram as divulgações da questão identidade de gênero, mas isso foi depois que eu comecei a minha transição e eu notei mais pessoas nesta situação. Quando eu comecei a ver que tinha esse “caminho do meio”, que é essa possibilidade de ser quem tu é e buscar a transexualidade. Não é uma questão de assumir, mas expor e colocar para fora aquilo que tá dentro de ti. É simplesmente exteriorizar o que ficou reprimido durante muito tempo, tanto tempo te tornou outra pessoa. Eu sempre senti que era diferente, a relação com as pessoas, tanto com homens quanto com mulheres, era diferente.

⁵⁸ *Click* é um filme norte-americano de comédia dramática, fantasia e ficção científica de 2006. Conta a história de Michael que, misteriosamente, ganha um controle remoto com que pode controlar a vida ao seu redor, indo ao passado e ao futuro em um clicar. Mais informações em: CLICK. **Omelete**. [2006?]. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/filmes/click/>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

Podemos observar como Rita conta sua história, principalmente seu passado, entrelaçando temas como sexo, revolta, solidão, não-aceitação e diferenças sociais, enquanto atitudes preconceituosas. Já registramos, anteriormente, que os sentimentos e as emoções são passíveis de inferência (MODZELEWSKI, 2015) e, no caso, importantes para a compreensão do microrrelato (LYOTARD, 1993, 1998) que expusemos. Abaixo, colocamos o primeiro relato de si mesma e sobre a infância da entrevistada.

“Memorial de uma infância revoltada”

Lucas: Quem é você?

Rita: Meu nome é Rita, nasci e me criei na Zona Sul de Porto Alegre.

Lucas: Como foi sua infância?

Rita: A minha infância foi um pouquinho conturbada, porque as pessoas não me viam como alguém normal, elas já desconfiavam. Eu não sabia muito bem o que eu era e me reprimia muito, autorrepressão bem grande.

Lucas: Como assim “não sabia muito bem o que tu era”?

Rita: Assim, quando tu nasce em um gênero, o qual tu não te identifica, as coisas são um pouco diferentes, a visão de mundo é outra. Meus gostos eram atípicos, eu sentia que era mulher, mas não sabia que de fato eu poderia ser transexual. Então, eu criei uma barreira, porque eu não enxergava a “luz no fim do túnel”. Não havia saída, pois eu não possuía conhecimento de outros gêneros. Para mim, existia homem e mulher. Então, quando eu era criança, esperava minha mãe sair, vestia as roupas que ela usava e rezava para virar mulher.

Ainda, ela nos esclarece que um dos momentos em que se achava “fora do seu corpo” era o sexo, nunca pleno. De acordo com o que também nos diz, considera-se assexuada e não hiperssexualizada – este último caso é como as pessoas transexuais são vistas pela sociedade.

“Sexo aos 10 anos e assexuada aos 43”

Lucas: Se relacionar na infância significava beijar outros meninos?

Rita: Não, era sexo mesmo (risos).

Lucas: Tu iniciaste a vida sexual cedo?

Rita: Foi muito nova, muito nova mesmo. Acredito que eu deveria ter 10 anos, mas foi consentido, não houve nenhuma violação.

Lucas: Então a primeira vez foi com dez anos?

Rita: Hã... *(pausa)*. Acho que foi dez porque não lembro direito, mas foi nessa idade. Não foi nada não consensual.

Lucas: Cita alguns momentos em que tu se sentiu assim, fora do teu corpo.

Rita: No trabalho, muitas vezes. Saindo com os amigos, lembro que o pessoal me convidava para sair, beijavam pessoas e eu não conseguia beijar, porque não era da minha natureza fazer isso na balada e eu não queria. Mas, mesmo assim, eu comparecia para cumprir meu papel na vida social, como um robô. Eu não me sentia plena, brigava muito e não entendia nem porquê estava fazendo aquilo. Me sentia diferente. Eu não era um homem *gay*, entendeu? Eu tinha relações com outros homens, mas não me sentia homem, eu não conseguia ser integral em nada, nem nas minhas relações sexuais. Odiava quando um homem me queria como homem, eu não conseguia ter vontade de transar com essa pessoa, porque não era eu. Então, quando acontecia a relação, eu me imaginava como mulher, eu sentia que era um homem e uma mulher ali e se me tirasse essa fantasia, acabava o relacionamento. A pessoa não podia falar nada, sabe, era uma coisa do tipo “fica quieto e me deixa fantasiar”.

Abrindo outro parênteses para o tema sexo, ele hoje é relativo e visto como desnecessário. Ela nos conta sentir nojo, inclusive, de homens que possam vir a desejá-la. Para nós, de certa forma, isso toca o tema de *self*, autoestima e autoconfiança.

“Sexo aos 10 anos e assexuada aos 43 II”

Lucas: É importante sexo para ti? Como foi essa relação com o sexo?

Rita: Eu não tenho nenhuma relação com sexo. Eu não consigo entender como alguém vai gostar de mim sendo o que eu sou agora. Então eu não gosto de ter relacionamento, não sinto a menor vontade de ter relacionamento sexual com ninguém agora, sabe. Até mesmo porque os hormônios tiram completamente a libido. Sou muito grata por isso, na verdade, eu não tenho a menor vontade. Hoje em dia, sexo, para mim, é completamente nulo. Até se eu fosse me definir seria completamente assexuada.

Lucas: Entendo. Mas, antigamente, não era assim, então?

Rita: Não. O que acontece é que a pessoa é dona do teu corpo, ela te toca para te... para fazer sexo, a pessoa acaba fazendo isso contigo. E é um veneno, nesse sentido. Então, hoje em dia, sou tranquila em relação a isso, porque é tudo muito bem controlado. Eu tenho uma consciência da pessoa que eu sou hoje, que não é o que eu quero ser ainda. Há muita coisa que eu tenho que galgar, que construir, desconstruir e tem muita coisa que eu quero mudar, sabe. Eu não consigo ficar satisfeita com alguém me olhando ou desejando isso que eu sou hoje, porque está desejando uma coisa que eu não gosto – o mesmo acontecia antes da mudança. Isso faz com que eu fique depressiva em alguns momentos, não consigo entender, acabo tendo contato com homens que têm uma mente doente, em alguns momentos.

Lucas: Tu acreditas que a massa da população entende as pessoas transexuais como hiperssexualizadas?

Rita: Sim, os homens que procuram transexuais e travestis, nos veem de maneira sexual, têm algumas transexuais que, por trabalharem com sexo, são realmente hiperssexualizadas. Mas é

uma questão da profissão que elas exercem, como em todos os gêneros. Eu não sou assim e, às vezes, quando converso com algumas pessoas, percebo que elas me notam como simples objeto sexual. Essa sensação é muito ruim. E eu não consigo entender como alguém consegue sentir uma coisa por mim no estágio em que eu estou.

A infância é um período fortemente correlacionado com a dor e a repressão. O sexo ocorre nessa etapa da vida e, ao que nos parece, há uma nebulosidade sobre os limites entre ser adulta e o que traz de sua meninice, até hoje. O que há de criança internamente e que existe ainda em Rita carrega consigo as lembranças confusas e, parece-nos, embaraçadas de revolta pelas vivências de seu passado.

“Memorial de uma infância revoltada II”

Lucas: Após iniciar a vida sexual, algo mudou na sua infância ou não?

Rita: Acredito que foi uma infância meio perturbada, em muitos sentidos. Lembro que minha família queria que eu fosse uma pessoa que eu não conseguia ser, não me aceitavam como eu era. Tentavam me modificar e eu resistia a isso com revoltas. Fui uma criança muito dolorida por dentro: eu queria fugir de casa, brigava com meus pais, eles conflitavam comigo, me senti tolhida, eu não podia conversar com algumas pessoas, ter certas atitudes, chorar... Um dia ocorreu até uma briga com minha mãe, porque me emocionei e chorei ao final de um filme. Eu não podia demonstrar afeto, carinho por nada, porque era tudo coisa de “veado”. E essa repressão, por parte da família, me causou problemas na vida adulta e eu acabei reproduzindo, com eles e com a sociedade, o mesmo que recebi na infância. Eles não tinham uma pessoa legal perto deles, eles tinham tudo aquilo que eles plantaram em mim. E eles tinham de volta, porque chegou a um ponto que eu não aguentava mais.

Lucas: Entendi. E foi assim quando tu conseguiste tomar alguma espécie de consciência do teu eu?

Rita: Na verdade, eu sempre soube e, quando tomei consciência do que era, tive mais certeza ainda. É o seguinte: eu sabia, mas não entendia aquilo, não tinha nenhum parâmetro, não havia internet para me auxiliar. Antigamente, não havia, era década de 80. O que eu tinha era uma televisão com dois canais e não passava nada sobre isso. Então, é uma questão complicada porque, eu me sentia completamente isolada, eu não sabia que mais pessoas passavam por esta situação.

A relação entre a rua e a casa é tema de bibliografia de destaque na área de Comunicação e Cultura Brasileira⁵⁹. A vida de Rita é partilhada conosco como violenta e revoltada, mas, é justamente por receber tanto disso, que ela, inclusive na

⁵⁹ A exemplo da obra de Roberto DaMatta, *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil* (1997).

fala, às vezes beira a rispidez. É na rua que ela encontra os maiores desaforos, preconceitos e violência; em casa, está seu templo e lar. Como veremos, um medo constante de morte lhe acompanha. Apesar disso, Rita aprendeu a não se preocupar tanto com a logística quando está em algum evento palestrando por se sentir segura ali.

“A Casa, a Rua e o ‘outro mundo’ T”

Rita: Tenho uma ideia muito ruim de mim mesma.

Lucas: Qual ideia?

Rita: Eu vou deixar pra tu entender, não vou falar. Não faça essa pergunta.

Lucas: E o que as pessoas enxergam?

Rita: O que as pessoas não sabem, é que eu levei muita porrada nessa vida. Eu saio na rua todo dia pra ser xingada, há horários de ônibus que eu não posso voltar pra casa, porque passa a porcaria do lixeiro, caminhão de lixo, e toda a vez que passa o caminhão de lixo me xingam. Eu não tenho paz. Eu tenho que sair de casa com um escudo, gasto horrores com serviços de transporte particular pra ir e voltar em segurança do trabalho. Às vezes, nem olho quanto vou pagar. Evito pegar ônibus por conta dos olhares preconceituosos, há casos de indelicadeza onde olham, apontam e chamam a atenção dos outros, como se estivessem em um circo e eu fosse a atração principal. Então, eu chego em casa, fico quieta com meus filhotes, dou uma voltinha na rua e volto para dentro de casa de novo, o único lugar que eu realmente me sinto segura. Quando vou nos eventos palestrar, as pessoas são avisadas de que sou uma mulher transexual e acabam criando uma proteção, ficam com medo e não se tornam uma preocupação, porque eu aprendi a não me preocupar tanto.

A nossa personagem principal é solitária. Na verdade, no que se refere à família – que considera ser seus dois filhotes de cachorro, Candy e Ichiro –, não vê há certo tempo seus pais e, ao que nos parece, eles fizeram falta na sua vida.

“O que família quer dizer”

Lucas: Tu crês que alguma espécie de responsabilidade, nesse processo de construção e desconstrução, no sentido de ataque a esses pontos de confiança, de autoestima e de insuficiência tua, é da família e da escola?

Rita: Eu não tenho contato nenhum com a minha família, com ninguém, vai fazer mais de dois anos. Mesmo antes de me afastar, não existia relacionamento com eles, nem afetivo, nem conversas. Então, eu aprendi a ser assim. Não tenho relação nem com a minha mãe. O que eu lembro da escola, é que as pessoas que eram gays sofriam muita discriminação. Eu aprendi a me defender na escola, mas, na vida adulta, no dia a dia, é assim em vários momentos, mas,

felizmente, algumas crianças estão com a cabeça muito aberta. Muitas pessoas repressoras que se acham donas da verdade, acabam passando pra criança suas limitações. Mas não é culpa da criança aquilo, é culpa da família, dos pais que são ignorantes e não querem se abrir pra nada, não passam valores para criança e ela acaba ficando assim.

Lucas: Foi assim contigo?

Rita: Bastante. Minha família era racista. O meu pai é filiado ao PT, um bando de corrupto. Não o vejo faz 15 anos, ele é separado da minha mãe. No colégio, eu era uma criança muito violenta, em alguns momentos, porque eu carregava o peso de uma criação onde eu não podia expressar meus sentimentos, não podia fazer nada. Então, a única coisa que me restava era a violência. Isso acabou formando um adulto idiota, mas, quando me libertei disso, percebi que não posso ficar perto dessas pessoas, porque elas me fazem mal.

Todavia, parece que, no presente, as coisas são diferentes. A presença de amor na vida de Rita tem nome, quatro patas e muito temperamento. Ainda na questão sobre família, ela nos conta da presença de filhos em sua vida, a Candy e o Ichiro.

“O que família quer dizer II”

Lucas: Tu disseste antes, quero saber como são teus filhotes. Conta da tua relação com eles.

Rita: Os dois têm quatro patas e aqueles orelhões gigantescos. São carentes.

Lucas: Como são os nomes deles?

Rita: Candy e Ichiro. Pensei que a raça Shitsu fosse japonesa e quis colocar Ichiro, porque acreditei que significava primeiro filho, em japonês. Mas, depois, descobri que Ichiro é chinês ou indiano.

Lucas: Que amados. Então, a gente pode dizer que a Candy e o Ichiro são a tua família?

Rita: São a minha família, com certeza. A Candy me entende, quando estou triste ou irritada ela vem para cima de mim e me lambe para me deixar melhor. Eu vejo nos olhos deles que eles sabem como estou me sentindo. Então, foi muito engraçado: eu deixei eles no sítio para cuidarem deles um dia antes de eu ir viajar. Choveu muito nessa noite e, sempre que chove, eles dormem comigo. A Candy dorme na minha cabeça, porque ela fica com medo que eu não consiga dormir. Senti muita falta deles. Achei tão estranho aquela sensação de vazio, porque eles preenchem muito a minha vida. Quando eles estão em casa, a casa fica silenciosa, eles ficam ali me olhando, a Candy no meu peito e o Ichiro nos meus pés. São os presentes da minha vida. Não consigo me imaginar sem eles, tanto que, no verão, só viajo para lugares em que possa levar eles. Nunca vou para o nordeste, porque não faz sentido ir sem eles estarem junto. Não é completo. Se tiver que ir para o nordeste ou pra Quintão, eu vou pra Quintão, se eu puder levar eles.

Quando questionada sobre essa relação com a fantasia, tema emergente que nos surpreendeu existir em ambas as entrevistas, a mulher, cujo nome significa “pérola”, conta-nos que sua história seria um filme denso e treloucado. Em um relato de autopercepção, podemos entender como as experiências de violência são definidoras de sua leitura de mundo.

“Autopercepção e violência”

Rita: É impossível, hoje em dia, na sociedade que a gente está, uma trans ou travesti se encaixar. Vai se encaixar apenas em um pequeno espaço onde toleram elas. Tem uma amiga que, quando morava em Porto Alegre, a família adorava ela, mas, quando voltaram pro interior, não foi mais a mesma família de antes. Então, as pessoas toleram. Travesti e trans é ótimo quando estão longe e de bem de vida, que não incomodam a família. Quando voltam para casa, é um problema. São coisas assim. Isso tudo vai refletir no resto da sociedade. Mas sabe por que eu percebo isso? Porque eu aprendi que eu tenho que analisar muito bem o ambiente em que eu estou, para saber de onde vão vir as agressões e me proteger delas antecipadamente. Isso é péssimo! Então, vivo eternamente uma tensão. Nunca sei em quem confiar de verdade, mesmo confiando naquelas pessoas que já conheço. É difícil alguém se aproximar, tenho poucos amigos e poucas pessoas em quem eu realmente confio. Confio nas minhas amigas trans, porque elas passam pelo que eu passo. Por isso, falo com elas, elas me entendem quando digo que eu não consigo mais olhar na conta do banco. Não tem noção do que eu já passei por causa disso. As pessoas tentam menosprezar as coisas que eu sinto, tendem a fazer isso.

Lucas: Tu és uma pessoa mais confiante do que tu eras?

Rita: Depende o que tu chama de confiança. Não sei te dizer. Têm altos e baixos, nessa minha relação com a autoestima, muitos altos e baixos.

Podemos ver o quanto a violência e a dor marcam as perspectivas de presente e de si mesma em Rita. O acumulado de vivências, experiências tristes ou de contato com o preconceito e a não aceitação, inclusive própria (o que ela chama de ser uma pessoa “idiota”), ainda mexem com ela. A constância de medo e morte vem daí.

“Autopercepção e violência II”

Lucas: Mas isso é consequência do que tu viveste na escola, na família e nos meios sociais?

Rita: É um pouquinho de cada coisa, não sei se tão pouquinho assim, porque, até hoje, trago muitas questões da minha infância. É difícil. Não me deixavam chorar, expressar meus sentimentos pelas

peessoas, eu não podia muitas coisas. Tudo por ignorância. Me sinto idiota por ter aceitado isso por tanto tempo e não ter ido embora antes. Me culpo por não ter conseguido, por não ter força, coragem, conhecimento e discernimento, naquele tempo. Chegou o dia onde havia apenas duas opções: ou eu fazia a transição, ou eu me matava.

Lucas: Então, seria algo como uma sensação de viver com a morte constante, violência constante, mesmo que não aconteça nada?

Rita: É, é isso.

Lucas: Acreditas que, nesse processo de transição, tu começaste a ficar mais confiante, mais consistente, “menos idiota”?

Rita: Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Troquei um problema por outro, mas estou mais feliz por estar comigo mesma. Não que isso retornou em confiança; ao contrário, comecei a ter medo de coisas que não tinha. Eu não posso ir em qualquer banheiro, não saio mais com meus amigos, não saio mais de casa.

Rita vincula a possibilidade de um futuro melhor à Ficção. Na verdade, para ela, a Ficção dos anos 1990 já vislumbrava o dito presente, em alguns aspectos, e seu futuro idealizado seria uma reprodução, a partir desse mundo tecnológico e igualitário de *Star Trek*.⁶⁰

“O futuro em um mundo ideal”

Rita: Eu consigo imaginar um futuro melhor. Não consigo entender como alguém consegue imaginar o futuro sem assistir *Star Trek*, porque foram essas pessoas que previram todo um futuro que a gente está vivendo, que a gente possivelmente vai viver também. Então, imaginar um futuro onde as pessoas serão super empáticas, onde há pessoas como o Capitão Car, que é extremamente lógico e não se deixa levar... Me identifico com ele, os valores que ele têm estão acima de tudo e ele impõe isso para ele mesmo, mas não para as pessoas. Ele é um líder. Os valores dele são seguidos pelas pessoas, ele consegue sair de situações terríveis, onde está prestes a morrer, apenas conversando e dialogando. Isso, para mim, é fantástico. Não há agressão, só conversa, não há violência. Eu não sou perfeita nisso, mas eu gostaria de ser tão perfeita quanto aquelas pessoas que estão ali, aquele mundo criado pelo Gene Roddenberry me inspira.

Lucas: Ok. E se a tua história fosse um livro ou filme seria um tipo *Star Trek*, de ficção científica? Como seria e que título ele teria?

Rita: Uma coisa bem chata, violenta ou um Tarantino da vida.

Lucas: Que título mais ou menos teria e por quê?

Rita: Não tenho nem ideia, nunca parei para pensar nisso... “transloucada”? (risos)

Lucas: Trans e tresloucada?

⁶⁰ Também conhecida como Jornada nas Estrelas, *Star Trek* é uma série de televisão estadunidense de ficção científica, criada por Gene Roddenberry, exibida pela primeira vez em 1966. Em 2017, uma nova franquia, *Star Trek: Discovery*, foi lançada. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/series-tv/artigo/star-trek-o-guia-definitivo-para-comecar-a-assistir-do-zero/>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

Rita: Nesse sentido, assim. Mas, sei lá, é como eu falei: acho que o Tarantino é o melhor exemplo, porque tem muitos altos e baixos. Tem momentos malucos e não tão malucos também (*risos*). Mas é uma história meio *Pulp Fiction*. Minha vida está mais pra *Pulp Fiction*, que é uma loucura estranha.

Para Rita, essa sociedade ilógica e perturbadora está regida pela questão do poder. Como se todos vivêssemos sobre castas, queremos impor nossa posição e lugar de poder aos que devem submeter suas vontades aos “peixes gordos” (HOLTZHAUSEN, 2017, p. 17, tradução nossa) – ou seja, às empresas e seus donos. Falando consigo mesma, em ironia, questiona o “gostar” de pessoas transexuais como uma espécie de moda ou movimento puramente fugaz e hipócrita.

“Empresa adentro”

Rita: Eu observo muito as pessoas, o rosto, a maneira que falam. Há uma amiga minha, que ela fica “puta”, porque ela nunca parou para pensar naquela situação. Na empresa jurídica onde outra amiga minha trabalha tem um segurança que só se veste de terno e gravata. Ele precisa do terno para trabalhar, mas ele nunca vai chegar no nível da pessoa que ele atende, porque aquela roupa, mesmo que sirva nele, deve ser alguma coisa que ele comprou na promoção. No entanto, ele vai tentar exercer todo poder que é dado para ele. Como uma máscara, cara feia na entrada e na saída mostrando seu poder sobre quem entra e sai na empresa.
Lucas: Entendi.

Rita: Então, algumas formas de pensar e gostar das pessoas trans, seguinte, não são gostar. Se gosta só porque “todo mundo gosta” e não adianta me convencer do contrário. Eu observo muito as pessoas, o rosto, a maneira que falam...

A relação de Rita com a empresa é muito próxima. Parece-nos que, salvo quando está em casa ou em viagem, ela passa o restante de seu dia no trabalho, dividindo seu tempo também com Ichiro e Candy.

“Empresa adentro II”

Lucas: Tu almoças na empresa?

Rita: Sim, na minha mesa, mas há dias que não almoço. Não gosto de me expor quando estou comendo, porque, às vezes, acaba dando problema. Como te falei antes, as pessoas cisgênero percebem, mas me sinto mal quando alguém não respeita o meu gênero e usa o masculino para se referir a mim, como, às vezes, acontece nas lojas. Nessas situações, me retiro.

Lucas: Tu acreditas que a forma como tu foste tratada, em alguns estabelecimentos, e, principalmente, nas empresas que tu

trabalhaste, tem uma influência muito grande sobre tua vida, teu estilo de vida?

Rita: Acredito que as empresas não estão preparadas para receber pessoas transgênero. Na verdade, elas nem sabem como fazer isso. As que contratam é apenas para enfeite, porque está na moda.

Lucas: Não é sério, não é de verdade?

Rita: Não existe empresa séria em relação à identidade de gênero. Isso é fachada. Se existe, no Brasil, eu não tenho conhecimento. O que eu mais vejo é as empresas investirem nas aparências, quando há oportunidade para o público LGBT, é para aquele que é imperceptível a sexualidade, ou para o público cisgênero, padrãozinho, loiro do olho azul.

Lucas: E fora do Brasil?

Rita: Não sei, nunca estive fora do Brasil.

Lucas: E tu acreditas que a empresa não te ajuda a buscar uma razão ou ela piora a situação?

Rita: Não tem nada a ver com a empresa, é coisa minha. Não quero que a empresa me ajude em nada, não quero dever favor para ninguém. A questão da empresa na vida das pessoas não existe. As pessoas vão na empresa trabalhar e ganhar dinheiro, ninguém gosta de trabalhar, isso é humanamente impossível. Alguém gostar de trabalhar? Não acredito que exista alguma empresa de fato engajada com questões LGBT e feministas. Talvez uma ou outra que aborda questões dos gays, mas, acredito que com o foco no gay branco, bonitinho, que ninguém imagina que é gay. Então, é para isso as políticas das empresas para gays, brancos, não afeminados. Não serve para o gay afro-descendente, pobre e afeminado.

A conversa ainda segue sobre alguns convites de ações internas de uma das empresas em que trabalhou. Rita não quis falar sobre diversidade, porque entendia como falácia naquela organização. Em concordância, comentou, voluntariamente, sobre a questão da *comunicação violenta* que havia internamente, em outras companhias em que já esteve.

“Empresa adentro III”

Lucas: Sobre a questão da expressão violenta dos homens, de maneira geral e de experiência de vida, a comunicação nas empresas, principalmente com as pessoas trans, é sempre violenta assim?

Rita: Sim.

Lucas: O que é uma comunicação violenta?

Rita: Aquela coisa de empresas, que pessoas gostam de fazer piadas com o outro, gostam de falar para as pessoas de questões físicas, raciais etc. É a maneira que eles se cumprimentam, em ter aquela questão de forçar situações, principalmente, que elas não são. Principalmente, esses homens. Fora palavrão e tudo mais! Um homem começar a falar mais alto e mais grosso, isso é uma questão violenta. Tentar se impor perante as outras pessoas, tentar se impor às outras ideias, simplesmente pelo fato de impor mesmo. Nunca consegui chegar em um consenso com pessoas violentas. Têm

empresas que são muito! Que as pessoas têm que competir e muito violentas. Empresas em que as pessoas não são parceiras umas das outras, que elas têm que competir para poder galgar. É, empresas violentas. Estou sendo sincera.

Apesar de não ver o seu futuro propriamente dito, Rita entende o da humanidade com uma certa esperança: as crianças.

“Não há futuro para mim, mas ele é o império das crianças”

Lucas: Tu te referes a sonhos quando tu dormes, não a sonhos como: eu gostaria de... queria isso. Não?

Rita: Não, eu não tenho mais essas relações com o mundo, minha relação com o mundo não é essa.

Lucas: Ah, ok.

Rita: Hoje em dia, felizmente, algumas crianças estão com a cabeça muito aberta. Conversei com duas meninas de colégio, duas meninas. Com 12 e 13 anos, as gurias são um amor! Ouvir elas... fiquei encantada! Têm uma ingenuidade, uma doçura pra falar sobre gênero, sobre sexo, sexualidade, sobre identidade de gênero, sobre orientação sexual. E elas falam tudo direitinho (*risos*). Um amor ouvir! Eu sei que têm crianças que têm um nível muito maior de maturidade sobre isso, mas têm outras que não, por causa de uma relação com a família muito opressora.

Ao longo de toda conversa, Rita saboreava alguns bombons. Dizia nunca os comer, porque quer emagrecer. “Não converso. Não me abro nunca. Só para minhas amigas transexuais. Com pessoas cis a gente não conversa. Têm coisas que a gente não fala e que eu nunca vou te falar”, respondeu, ao ser questionada sobre quanto e com quem conversava de si mesma, entre um bombom e outro. Mais precisamente, eram quatro bombons que havia ganhado em uma viagem a Torres. Eles acabaram junto com a entrevista.

4.5 DOIS LOBOS QUE VIVIAM DENTRO DE GUILHERME

Para uma das mais extremas e violentas ideologias do homem, o machismo, ser protetor é uma característica fundamental do dito *macho alfa*. “Protetor decidido” é um dos significados do nome Guilherme⁶¹, escolhido pelo nosso entrevistado como seu pseudônimo. Guilherme não concorda com o machismo, mas a inferência nos

⁶¹ Conforme Regina Obata (2002, p. 97).

pareceu curiosa. Apesar de seu mundo ser masculino, sabe muito bem que tipo de homem é.

“Que tipo de homem Guilherme é”

Lucas: Quem é você?

Guilherme: Meu nome é Guilherme e eu sou técnico em Radiologia. Trabalho em um grande hospital de Porto Alegre e vivo com meus pais, em um bairro na capital.

Lucas: Guilherme, essa coisa do preconceito é mais do homem?

Guilherme: Não acho que seja mais do homem, mas o homem pode se tornar mais violento do que a mulher. Por exemplo, se eu entrar em um banheiro feminino, eu posso até sofrer olhares, mas ninguém vai me agredir lá dentro. Acho muito difícil. Agora, no masculino, o homem vai querer mostrar quem é o macho dentro do banheiro! E, sobre isso, eu acho um absurdo. Eu não quero me tornar um homem como esses. É machista.

A transição de Guilherme ainda está ocorrendo. Há mais ou menos quatro meses nesse processo, o técnico em Radiologia buscou muita informação em materiais *online* e *offline*, antes de se encontrar. Isso o motivou a realizar um passo importante: conhecer, em carne e osso, outro homem transexual.

“Transição: em carne e osso”

Guilherme: Aí eu comecei a fazer terapia e aí minha cabeça começou a mexer. Eu comecei a me questionar de como é que as pessoas tinham coragem de tomar essa atitude de transacionar e que eu nunca teria essa coragem. Fiquei quase dois anos lendo sobre, vendo documentários, filmes e reportagens, depoimentos, livros...

Lucas: Coisas da Internet?

Guilherme: É. E aí eu peguei e... Chegou no ponto que eu disse assim “ah, eu quero conhecer uma pessoa trans!”, um homem trans, porque eu não conhecia ninguém.

Lucas: Mas nem mulheres trans?

Guilherme: Mulher, sim, mas homens trans, não. Eu queria conversar com um homem trans, do tipo ver ele em carne e osso na minha frente. Aí, eu conversei com essa minha amiga que está lá dentro do hospital X e aí ela me passou o celular de dois caras que estavam fazendo a transição. Ela conversou com eles e perguntou se eles não se importavam de me encontrar para uma conversa informal. Um deles é de Canoas! Aí eu liguei para ele, marquei um encontro. A gente conversou a tarde inteira e aquela conversa foi fundamental para eu tomar coragem. Porque daí eu sentei na frente de uma pessoa trans, “de carne e osso”, que vivia tudo aquilo ali.

A Ficção fez parte do processo de aceitação e comunhão entre um Guilherme que fingia e um Guilherme verdadeiro. Como Rita, é muito interessante que ambas

as pessoas entrevistadas se identifiquem com aspectos de Ficção para suportar a realidade. Em uma espécie de *estado de casulo*, como as crianças, a realidade é muito difícil de se compreender sem a Fantasia (BETTELHEIM, 2008).

“Transição: em carne e osso II”

Lucas: Como tu soubeste?

Guilherme: Eu acho que quando vi *Meninos não choram*, o filme. Mas, para tu ver que, lá naquela época, isso de ser trans não existia. Não tinha chegado até mim, que eu lembre, nenhuma informação sobre isso, a não ser o que alguém falava de travesti. Mas, especificamente, uma mulher que “transicionou” para o gênero masculino, não. No filme, eu me identifiquei, eu senti as mesmas coisas. Mas não havia saído disso. Eu nem sabia que existia tratamento hormonal.

Lucas: E a questão do incômodo com a falta de pênis?

Guilherme: Conforme eu fui me relacionando e o tempo passando, isso foi cada vez mais difícil.

O relato impacta pela fala, principalmente, dos dias em claro, devido à menstruação. Das relações da descoberta de, propriamente, ser criança, de estar no interior, do corpo mudar e da falta, na infância, de não ter a percepção de mudanças e não saber como intervir: isso faz parte da autopercepção de Guilherme de si mesmo.

“Estar em claro” como autopercepção”

Lucas: Então, tu te percebeste LGBT aos 15 anos?

Guilherme: Sim, com 15 anos eu me dei conta de que gostava de meninas. Foi um conflito muito grande. Passou o tempo, eu fui tendo alguns namorados e beijei a primeira menina com 17 anos. Vi que era aquilo que eu queria, mas ainda relutante. Sabe, foi muito difícil para eu me aceitar.

Lucas: E como era a relação com o seu corpo?

Guilherme: Não existia isso. Fui me dar conta disso muito depois.

Lucas: Então, tu te percebeste trans muito depois de se perceber LGBT?

Guilherme: É. Na verdade, hoje em dia, e depois de fazer terapia, eu sei que, por exemplo, quando os meus seios começaram a crescer, isso com 11 anos, eu dava socos para eles não crescerem. Isso é uma coisa que eu fui me dar conta agora, fazendo terapia. Porque eu era uma criança do interior — onde morei até uns 11, quase 12 anos —, então, acho que é diferente, porque eu não precisava ser nada, eu não precisava ser homem ou mulher. Eu brincava do que queria. Fui sentir essa dificuldade mais além. Por exemplo: com 15 anos, quando eu menstruei, eu passei, acho, um mês em claro. Para mim, foi um horror e aquilo era um desespero. Só que eu não sabia o porquê eu sentia aquilo.

A fala que segue é uma mostra de o quão, muito generosamente, Guilherme aplica sua perspectiva de educação como processo de mudança. Ele nos ensina sobre o seu processo de transição. Ainda, o seu desconforto com a falta de pênis no sexo e o peso da terapia como forma de suporte em “transicionar”⁶² são revelados.

“Transição em carne e osso III”

Lucas: E a terminologia correta, me ajuda, seria “processo de transição” e o “de tratamento” separados? Ou juntos?

Guilherme: Não, na verdade, o tratamento com a testosterona é a vida inteira, para sempre. Tu vai ter que usar a testosterona para sempre, toda vida

Lucas: Mas a transição acaba em algum momento?

Guilherme: É, porque no momento que tu transiciona, em todas as características, e está adaptado, eu acho que aí tu já não está mais em transição, né.

Lucas: E hoje, é assim?

Guilherme: Agora, depois de eu ter começado a transição, já faz quatro meses. Desde que eu comecei a terapia, há quase três anos, eu mudei muito. A minha autoestima. Eu saí de uma depressão que vivi a vida inteira. Eu me sinto muito melhor, com muito mais disposição! E coisas que eu não gostava, por exemplo, comprar roupa — eu detestava comprar roupa, ter que ir em uma loja —, e, hoje em dia, é um prazer fazer isso. Então, passou todo esse período, eu tive namoradas e uma questão muito forte para mim e que me incomodava, assim extremamente, era na hora do sexo.

Apesar de encontrar homens interessantes, na sua época, em um corpo de mulher, nunca se encontrou no sexo. O preconceito motivava Guilherme, que, com mulheres, encontrou mais prazer e satisfação sexual — apesar da falta de um pênis, questão que era sufocada à época.

“Sexo sem pênis”

Lucas: Mas como foi a tua primeira relação sexual?

Guilherme: Eu tive a minha primeira relação sexual, aos 18 anos, com um homem. A única coisa que eu pensava é que estava com fome e queria que terminasse. Mas eu fiz aquilo porque era justamente por causa do preconceito que existia e também do meu, de achar que não podia gostar de mulheres. Então, que eu tinha de ter um relacionamento com homens, o que eu tentei várias vezes! Mas as relações sexuais com homens mesmo, devo ter tido umas 3 vezes. E nenhuma delas foi...

Lucas: Infeliz?

⁶² Na verdade, essa expressão virou uma espécie de neologismo. Apesar de existir na Língua Inglesa, parece-nos que é um substantivo que virou verbo. E, ainda, neste caso devemos considerar que o termo dá vida à discussão toda, principalmente em relação à cirurgia de transgenitalização (mudança de sexo biológico).

Guilherme: É, esses dois namorados que eu tive, transei uma vez só com um e, com outro, umas duas vezes. Eram caras bacanas, mas não adiantava. Não era o que eu queria, não sentia atração, nem desejo.

Lucas: E com mulheres, como foi?

Guilherme: Com meninas foi aos 18 e 19 anos. A primeira relação que eu tive com mulher foi tudo o que eu queria sentir, apesar de não ter pênis. É, mas ali, não sei se pela empolgação de estar me permitindo, essa questão estava sufocada. Não importava muito naquele momento. Talvez, saindo da adolescência, todas aquelas questões hormonais, de viver e sentir o corpo de outra mulher, era o que eu queria. Isso fez com que eu sufocasse por um tempo toda essa questão.

O período infantil de Guilherme foi muito camponês e rústico. Nascido em Porto Alegre, nosso entrevistado e personagem principal cresceu e amadureceu na capital gaúcha. A liberdade reinava na infância, coisa que a consciência, advinda da adolescência, não suportava. Já na puberdade, acreditando ser o único e sem informação, Guilherme lamentava não ter nascido diferente.

“Infância em um corpo diferente”

Lucas: Tu me falaste, em alguma passagem, que essa consciência vem desde tua infância. Conta um pouco disso.

Guilherme: Na verdade, eu morava no interior, nasci em Porto Alegre, mas morei em Goiás, numa fazenda. Então, assim, até os 7 anos de idade, eu acho que, pra mim, eu era o que eu queria ser. Eu não tinha consciência de que não tinha nascido homem, né. Eu podia fazer o que quisesse, brincar e ser o que quisesse. Eu brincava só com brinquedo de menino, que eu gostava e minha família nunca me negou. Quando eu via o meu pai e meu avô, procurava me espelhar nos gestos deles. Isso é uma coisa que a minha mãe me conta, que eu procurava imitá-los. Eu não tinha consciência, porque acho que eu não... não sabia que existia isso. Sempre fui mais masculino, a vida inteira, desde a infância. Aí, viemos para Porto Alegre e, até os 15 anos de idade, acho que não tinha consciência... eu pensava, assim: “ah, que bom seria ter nascido homem”. Antes disso, eu tive alguns namoradinhos, mas com essa idade eu descobri que gostava de meninas. Aí também foi um conflito muito grande pra mim, já aqui na capital. E, naquela época, imagine que faz muito tempo isso, não se ouvia falar de lésbicas, era um preconceito muito grande.

Para Bettelheim (2008), a partir dos contos de fada, a fantasia se faz necessária para a constituição do *self* e seu fortalecimento. Em um filme, cujo enredo toca na vida de um rapaz gentil e de realidade tênue, com um mundo de solidão, que nasce em um corpo de mulher, Guilherme se vê representado. Sua autoestima é o clímax dessa trama.

“Ficção como fonte de Esperança”

Lucas: Como tu quererias que fosse a sociedade?

Guilherme: Eu acho que sem o preconceito e a discriminação, isso para mim é a questão mais importante. Não só pela questão de gênero, mas as pessoas sofrem por tudo. Acho que, para o mundo melhorar, as pessoas pararem de julgar as outras.

Lucas: Se teu trajeto de vida fosse um livro ou filme, como seria?

Guilherme: Se fosse que nem o filme *Meninos não choram*? Pois é. Eu acho que antes, sim, mas agora, não. Depois de começar a transição, acho que seria voltado para uma coisa mais leve ou mostrando menos as coisas negativas e mais as positivas.

Lucas: Quais coisas positivas, por exemplo?

Guilherme: A autoestima, minha vontade de viver, né? Agora isso existe. Principalmente isso: hoje, eu gosto de mim. E eu não gostava. Isso mudou totalmente. Hoje em dia, estou mais em paz. No passado, eu brigava o tempo inteiro.

O sofrimento é pauta para o contato tão forte e repetitivo de Guilherme com a produção cinematográfica sobre a vida do garoto transexual, pauta que emerge no Cinema. Assistiu mais de uma vez ao filme, o que o fez pensar e refletir sobre sua própria vida. A terapia foi o processo final de fortalecimento e lapidação de si, uma aproximação com o equilíbrio interno.

“Ficção como fonte de Esperança II”

Lucas: Por quê?

Guilherme: Porque eu não tinha encontrado uma profissional que... ninguém tinha falado alguma coisa para mim que me fizesse parar. Eu acabava fugindo disso tudo. Para mim, a única saída em todos esses anos era morrer e renascer. Eu tenho 42 anos e faço terapia há 3 anos. Para tu ver como essa questão me perturba há muito. Quando lançaram o filme *Meninos não choram*, em 2000, acho, eu assisti ele no cinema três vezes. Eu me identifiquei com aquele filme e aí, eu não sei o que eu fiz, que eu sufoquei tudo isso. É como se eu escondesse tudo que eu sentia e deixasse de pensar. E assim minha vida foi indo, entre altos e baixos, sempre questionando isso. E sempre com aquele sofrimento muito grande porque eu não tinha nascido homem.

Trouxemos a ideia de estupro, porque, especificamente, nos causava curiosidade como uma pessoa que vive nesses dois meios corporais, principalmente tão influenciada pelo filme *Meninos não choram* (há uma passagem violenta nele), via essa realidade. Mesmo distinta, a questão que mais a desconforta e incomoda ainda é estrutural e continua sendo um problema: o banheiro.

“Violência”

Lucas: E essas questões de estupro ou violência física, é comum na tua realidade ou na de vocês, homens trans? É uma violência recorrente?

Guilherme: Olha, meus sexos com homens não foram não consensuais, mas sabemos que o Brasil é o país com mais casos de violência com pessoas trans. Está em primeiro lugar no mundo! E eu não conheci nenhuma pessoa, mas a gente ouve muitos relatos nas mídias. Acredito que haja. Por exemplo, uma questão que, pra nós, é muito séria é o uso do banheiro. Porque eu, antes, entrava no banheiro feminino e sentia o preconceito das mulheres. E, mesmo me achando muito masculina para entrar lá dentro, eu entrava. Só que, agora, estou neste processo de mudança, por exemplo, como minha voz está começando a mudar, eu já estou começando a usar o banheiro masculino, como em shopping, festas. Mas é complicado, porque eu entro no banheiro masculino e me deparo com banheiros onde as portas não têm trancas. Em alguns, não há portas e, às vezes, só têm mictórios – principalmente, em festas. Os caras todos bêbados, dentro do banheiro ou banheiros com portas muito altas do chão, onde todo mundo vê como tu estás, em que posição. E o que tu sente é, por exemplo, quando entra em um banheiro masculino desses, que as portas não têm trancas, quando tem porta, só com mictório. E aí, como é que tu faz? Porque se um cara que é muito preconceituoso te vê, é capaz de dizer quem é o macho e tentar te mostrar [*alusão com as mãos ao estupro*]. E todos os meus amigos sentem o mesmo medo. Agora que eu estou começando a usar o banheiro masculino, estou sentindo esse receio de sofrer violência ou preconceito dentro do banheiro.

Lucas: Não sei se foi por isso, mas esse café em que estamos conversando não distingue o banheiro. Tu escolheste vir aqui por isso?

Guilherme: Até que não, mas eu prefiro assim. Isso resolveria o problema.

O fragmento a seguir aconteceu depois da entrevista. A pedido, foi dito novamente, para gravarmos e transcrevermos aqui. Não havíamos percebido, mas uma grande consideração apareceu na fala de Guilherme: ser mulher é um dos maiores motivos pelos quais alguém merece ser violentado. Essa é a fala de um homem que já esteve na pele de uma mulher.

“Violência II”

Lucas: Em que medida?

Guilherme: Ah, mulheres trans e travestis sofrem muito mais preconceito. Porque a sociedade entende que, do meu ponto de vista, parece que eu deixar de ser do gênero feminino para o gênero masculino, tudo bem. Eu estou virando homem, estou virando macho. Evolui! O contrário, não. É como se tu tivesse te diminuindo. Eu acho que é inferiorizar-se... é, a pessoa vai deixar de ser macho para virar mulherzinha? É uma leitura muito pontual minha, mas eu acho que é a realidade. Tá, tudo bem tu ser lésbica... tu é “pegador”,

tu "tá pegando" as mulheres, entendeu? E até aí, tudo bem. Ser gay, por exemplo, é outra coisa. Claro que gênero não tem a ver com orientação sexual, mas eu coloco assim como eu vejo que a sociedade age em relação a essas coisas. Então tu virar macho... (pausa) parece ser mais fácil.

Lucas: É como se esses preconceitos conversassem, viessem juntos?

Guilherme: Exatamente. Apesar de não ser a mesma coisa. Mas acaba que isso vem junto.

Lucas: Então tu não tens uma vida desconfortável, com medo constante, pensamento de morte. Ou já passou por isso?

Guilherme: Já passei, mas agora depois que eu comecei a transição mudou muito.

Obviamente, o processo de transição e encontro não pode ser descrito como tranquilo e fluído. Foi truncado e complexo, muito complexo. Ainda segue assim, em alguns pontos. Mas isso não se deve à família, surpreendentemente, o que ocorreu de forma muito normal.

“Família não é um problema”

Lucas: Para a tua família, como foi isso tudo?

Guilherme: Os meus pais me aceitaram desde o início, tanto quando eu me identifiquei como lésbica e também quando eu decidi fazer a transição.

Lucas: Qual a formação deles?

Guilherme: A minha mãe não completou a faculdade e o pai foi até a quarta série. Então, ela e meu pai costuram. Eles têm uma lojinha de ajuste de roupas.

Lucas: Com que idade tu contaste para eles sobre tuas questões?

Guilherme: Quando eu senti o que estava acontecendo eu falei, isso foi com 15 anos.

Lucas: E foi tranquilo para eles?

Guilherme: Sim, desde o início e para todos, meus pais e minhas irmãs. Eu tenho duas irmãs, uma mais velha e uma mais nova, as duas heterossexuais cisgênero. Foi tranquilo para eles.

Como apoio fundamental, os pais de Guilherme ajudaram ele a se manter bem e estável, em uma realidade muito oposta à harmonia. Mais ainda, isso parece ter feito toda a diferença na história de vida que narramos. Realmente, estar entrelaçado, conscientemente, com outras vidas pelo amor é uma fortuna, em seus diversos sentidos.

“Família não é um problema II”

Lucas: E nesses períodos mais depressivos da tua vida, tu contaste com o auxílio deles?

Guilherme: Eles sempre estiveram presentes, sempre tentaram me ajudar. E agora que estou fazendo a transição, eles me apoiaram e estão curtindo junto comigo a transição. Eu tenho muita sorte de ter a família que eu tenho, meus tios, minhas primas... todo mundo me apoiou e me acolheu.

Lucas: Tu achas que faz muita diferença?

Guilherme: Faz uma diferença muito grande. Eu tenho amigos, nessas reuniões que eu vou, e eles não têm apoio nenhum da família. Muita gente, a maioria das pessoas não conta com o apoio da família. Esse apoio que eu tenho, eles não têm.

A importância da família, que perpassa diversos outros temas, respostas e percepções de Guilherme, pode ser definida em um grande e importante significado: por ele, a chave da força para lutar.

“Amor e basta”

Lucas: Então, podemos dizer que a família significa amor?

Guilherme: Com certeza. É fundamental tu ter o apoio da tua família.

Esse amor é impulsionador para se expor e pleitear por seus direitos. Guilherme entende colocar-se e militar pela causa transexual como uma possibilidade que já não o amedronta – pelo contrário, o motiva. “Talvez”, diz ele, “isso encorajasse outras pessoas”. A ignorância é consequência e pode ser evitada com contato, diálogo e informação. Muito propício para uma comunicação-ação educativa como prática libertadora (PERUZZO, 2017).

“Comunicação é ação”

Guilherme: E o que acho que seria interessante e que eu até estaria disposto, é que o hospital pegasse meu exemplo para pautar uma ação interna ou externa. O que eu penso: nosso quadro de funcionários lá deve ser uns três mil funcionários. Talvez quantas pessoas têm essa mesma vontade? Nós temos um jornalzinho interno, lá dentro do hospital mesmo. Por que não pegar aquele jornal e contar minha história? E mostrar para todos que o hospital apoia a causa?

Lucas: E em relação à ignorância alheia?

Guilherme: Olha, eu acho que agora eu lido com mais tranquilidade em relação a isso do que antes da transição. Eu tive alguns colegas, principalmente os homens, que chegaram na minha frente e perguntaram: "Explica o que acontece contigo? Eu não entendo, eu não sei tudo isso". Eles chegam e tudo bem. Tanto pela abordagem, muito bacana, o jeito de chegar com respeito. E tu vê, assim, com ignorância. Só querendo entender, sabe? Eu tive uma recepção e um acolhimento muito bom. Estou tendo, não sei se sorte ou se, de repente, pelo jeito com que eu lido com essa questão, estou conseguindo respeito. Eu acho que, no momento que tu te coloca, tu

te posiciona, tu consegue ter mais respeito. Mas, claro, isso não é uma regra. A gente vê que, não sei se eu tenho sorte de pegar pessoas que têm uma mente um pouco mais evoluída.

Parece-nos feliz que Guilherme, assim como nós, acredita que a Comunicação pode tornar-se verbo, ativismo. “Ir lá e dar a cara a tapa” é um ato de coragem, o que nos parece sempre necessário e mostra o quanto o tema não é irrelevante ou banal.

“Comunicação é ação II”

Lucas: Faz diferença ir lá, “dar a cara a tapa”, estudar e falar?

Guilherme: Eu acho que faz. Precisa! Antes, eu achava que não. Que eu ia transicionar e ficar ali. Porque aqui é meu mundo, ninguém vai saber. Mas agora, não. Eu já penso diferente. Eu preciso chegar pra, talvez, daqui a algumas gerações, as pessoas conseguirem realmente entender o que acontece contigo, teu sofrimento e tudo que tu passa uma vida inteira e porque tu tá tomando essa atitude. As pessoas pensam: “Ah, porque isso aí é bobagem!”, que tu resolveu fazer isso agora e inventar moda e não é assim.

A rua traz uma vivência a Guilherme, diferente da perspectiva de Rita. Para ele, o maior desconforto está nos banheiros: a presença de muitos homens juntos, mas não como em um estádio de futebol. Festas e banheiros despertam medo em nosso entrevistado.

“A rua é diferente do banheiro!”

Lucas: E como é sair na rua?

Guilherme: Em relação a medo, eu não tenho. Mas eu sei que o preconceito e a violência estão aí. Mas eu não vou deixar de fazer as coisas pelo preconceito, pela violência que eu possa sofrer, se as pessoas se derem conta de que eu sou homem transexual. Isso não é maior que a minha vontade de sair. Eu tenho consciência, só que isso não me barra. Nem para eu ir em um estádio de futebol, um ambiente que é cheio de homem. E a gente sabe que um ambiente que é cheio de homem junto, bebendo, pode ser mais perigoso. E eu quero ir.

Lucas: E tu tens alguma sensação de medo constante, em algum outro lugar?

Guilherme: Não, na rua não. Mas no banheiro, sim. Eu acho que eu teria medo se... *(pausa)* É que o que acontece agora é que para algumas pessoas eu passo como homem, para outras, como mulher.

Especificamente na empresa de Guilherme, podemos notar que houve apoio e, até agora, ele foi acompanhado, com respeito, no processo de transição. As iniciativas, nesse sentido, nos parecem tímidas. Inclusive, dependendo da

terceirizada para fazer seu crachá — artefato importante que imprime o empoderamento da persona, o seu nome —, ocorreu com tranquilidade.

“Na empresa em que Guilherme trabalha”

Lucas: Na empresa em que tu trabalhas, não houve problema para conseguir um crachá com nome social?

Guilherme: Conversei com minha chefe, expliquei que iria começar a transição, que iria fazer tratamento hormonal, mudar a aparência, o nome.... Então ela, que não conhecia quase nada sobre isso, me perguntou como funcionava, quanto tempo iria demorar para acontecer as mudanças, tudo no intuito de entender.

Lucas: Isso foi acompanhado e respeitado pela empresa?

Guilherme: Sim, sempre respeitado. Quando conversei com minha chefe, ela me aconselhou para entrar em contato com RH, para resolver a questão do nome no crachá e também no dosímetro, que é um aparelho medidor da dose de radiação recebida; o nome também consta ali. Então, primeiro, ela entrou em contato com o RH para mudar o meu nome no crachá, e, depois, com a empresa terceirizada que faz essa leitura do dosímetro. Todo mês nós trocamos. Eu pensei que essa empresa poderia complicar, mas foi bem tranquilo. A empresa prontamente mandou o dosímetro com meu nome social. Eu achei muito bacana isso, porque nenhuma das duas empresas barrou a mudança.

Guilherme, apesar de sofrer com as reações alheias, reconhece a ignorância alheia como fruto do sistema em que vivemos. Ele entende que isso faz parte de um processo de esforço seu e das pessoas que o rodeiam para lhe dar apoio e confiança — algo aparentemente surpreendente.

“Na empresa em que Guilherme trabalha II”

Lucas: Tu sentes algum desconforto, por parte do restante dos colegas, em relação à transição?

Guilherme: Eu estou lá faz 15, 16 anos. Eu sei que vai levar um tempo para eles se adaptarem. Muita gente erra, mas eu percebo um grande esforço da maioria para se referir a mim com o gênero masculino. Eu imaginei que seria pior, eu sentia medo, mas estou recebendo um apoio muito grande, com o qual não contava.

Já em relação à presença de *pride*, apesar de entender o risco em segregar e poder gerar uma superexposição das pessoas participantes, Guilherme considera que é mais positivo do que negativo. Sua relação com a exposição, particularmente, também influencia a percepção — inclusive, de ceder esta entrevista. Infelizmente, as empresas ainda não estão prontas e preparadas para a diversidade. Ele fecha as questões que envolvem empresas e suas responsabilidades sobre inclusão e sensibilização de diversidade, tratando dessas

novas estruturas organizacionais. Guilherme aborda o paradoxo dessas estruturas e como ela afeta os seus colegas de trabalho.

“Na empresa em que Guilherme trabalha III”

Lucas: Tu acreditas que a presença de um grupo interno na empresa, de voz, sensibilização e integração é uma coisa boa ou segrega?

Guilherme: Acho que seria bom, sim. É melhor, mas, ao mesmo tempo, eu fico pensando assim, "se tivesse, será que não seria uma exposição ou um desconforto?". Mas a minha cabeça está mudando em relação a isso. Antes, quando comecei a transicionar, eu queria ficar na minha. Fazer a transição, deu, ninguém ia saber e ia passar. Agora, não. Estou querendo "dar a cara a tapa". Então, se uma empresa chega e começa a questionar, a falar disso, nós temos um funcionário assim etc., começa a se ensinar as pessoas, o que diminui a ignorância em relação a isso. Porque tem muita gente na ignorância, assim como eu tinha. Imagina, eu que sofro na pele! Tem muita gente assim dentro das empresas. Então, seria muito importante. Até para as pessoas que estão dentro da empresa saber lidar com essa pessoa.

Ainda, ele nos fala sobre a percepção que tem sobre o preconceito e as vivências de violência verbal. Apesar de a empresa o acolher, o que consideramos muito positivo, a realidade e a cultura da organização eram ríspidas com ele. Certamente, não é uma questão de vivência e, sim, de essência de Guilherme pode ser, em qualquer momento e quesito (corpo ou nome, por exemplo) ele mesmo.

“Da organização e seus preconceitos”

Lucas: Como foi seguir um mercado de trabalho? Tu sentiste algum preconceito em alguma parte do processo?

Guilherme: Eu já sentia, antes mesmo de ser técnico. Eu entrei para o hospital fazendo estágio em Técnico em Radiologia e lá eu fiquei no hospital. Agora, assim, eu era bem masculina. Mas lá o que eu sentia de alguns colegas eram piadinhas

Lucas: Como cochichos?

Guilherme: Não, que os meus colegas de trabalho falavam para mim. "Ah, mas quando tu transa com tua namorada não te falta nada?" Ou, outra muito comum, que eu já ouvi na vida, várias vezes, é "Tu não gosta de homem porque nenhum te pegou direito, de jeito!".

Para ele, o hoje é muito mais de paz do que de conflito. “A minha guerra interna, o inferno que eu vivia, está se desfazendo”, relatou. Antes de encerrar, Guilherme quis fazer uma observação sobre a questão de sua empresa. Em um

adendo, já no final da conversa, Guilherme fala da questão da transição em sua carreira profissional.

“Da organização e seus preconceitos II”

Lucas: Encerramos por aqui...

Guilherme: Só um parêntese, sobre o meu trabalho. Está sendo muito bacana e eu estou sendo apoiado nessa transição. Eu não senti nenhuma resistência no RRHH. Minha chefe disse para mim que eu sou o primeiro caso. Só que aí me questiono: será que apoia? Eles têm que fazer isso porque eles sabem que, como empresa grande, não vão "queimar o filme" deles com funcionário. Mas não sei até que ponto é verdade ou não... eu estaria disposto a dar minha cara a tapa.

Lucas: E se tu fosses uma pessoa que tivesse passado pela transição e, em busca de emprego, tentasse trabalho no hospital, o que aconteceria?

Guilherme: Eu, com certeza, ia sentir resistência. Agora, depois da transição, se eu for buscar uma vaga no mercado de trabalho, eu acredito que vou encontrar dificuldade. Eu permaneço lá porque eu já estava lá.. Vejo que muitos amigos com os quais converso têm dificuldade de conseguir emprego por essa questão do preconceito. É muito mais fácil a pessoa estar empregada, transicionar e permanecer, eu acho.

Em relação ao futuro, há uma correlação com o hoje de Guilherme. A paz é já presente na sua vida. E os planos que ele tem, em relação ao seu amanhã, são de construção de imagem, física e mentalmente imbricadas, e de harmonia consigo mesmo. A ausência de guerra faz mais parte do presente e, por ele mesmo, floreira no futuro.

“O futuro pertence à reconciliação de si”

Lucas: Teu hoje é muito mais de paz?

Guilherme: Sim. A minha guerra interna, o inferno que eu vivia, está se desfazendo.

Lucas: Como tu vê o teu amanhã?

Guilherme: Uma pessoa em paz. É o que mais percebo estar conquistando e que eu não tinha. Então, por enquanto, o meu foco está nisso. Quanto mais eu for construindo a minha imagem, quanto mais eu for transicionando, mudando bem meu físico, mais eu vou me identificar comigo mesmo. E me sentirei em paz.

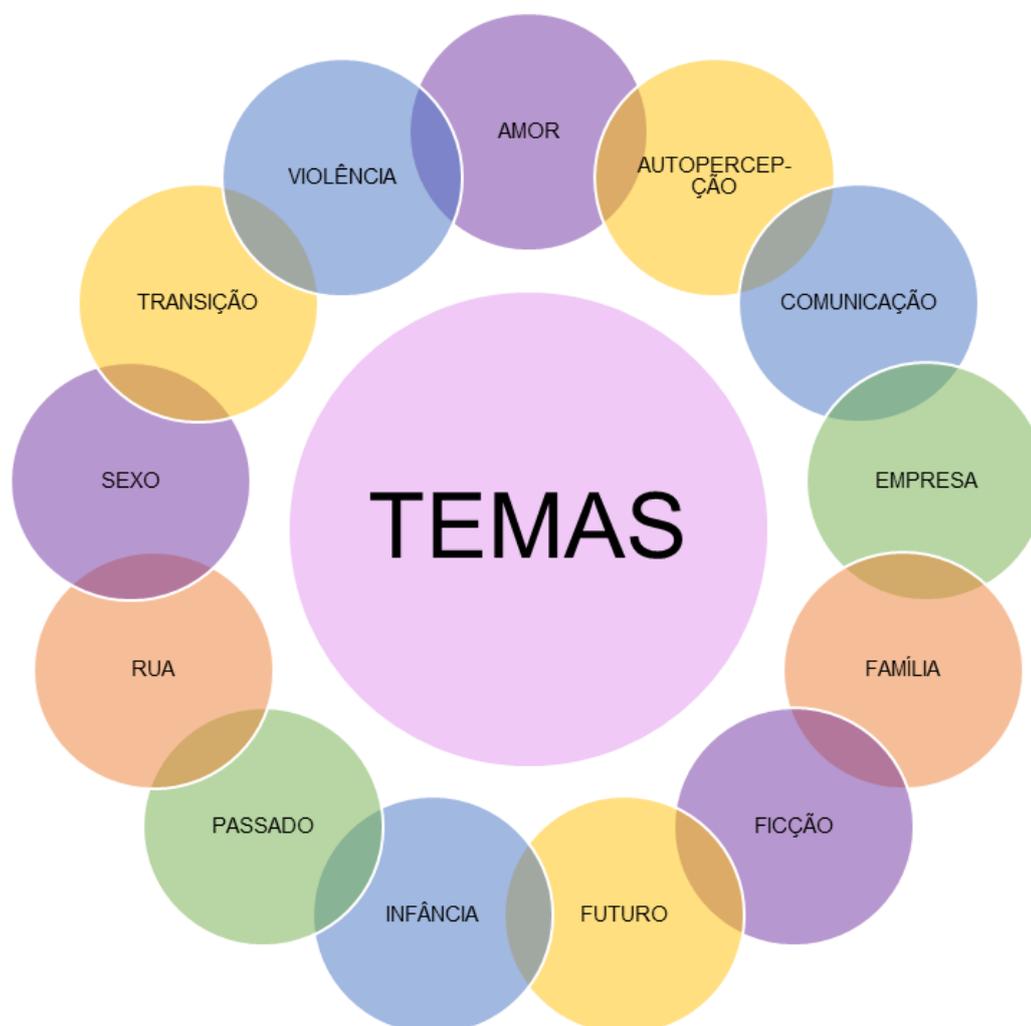
Já no fim da conversa, questionamos Guilherme sobre se ele entendia, depois de uma constante luta interna para ser o que é ou o que lhe era imposto — dois lobos constantemente em fúria —, que se encontrava em um ponto de

equilíbrio. “Ele está começando”, disse ele, “e espero que ele se mantenha”, sorrindo. E nós também torcemos por isso.

4.6 ESQUEMATIZAÇÃO POR TEMAS

Dessa forma, identificamos os 13 temas abordados nas histórias (Figura 8). A esquematização privilegia, conforme já assentamos, pontos em comum, encontrados nos relatos e experiências vividas por nossas narradoras personagens⁶³.

Figura 8 – Esquema de codificação por Temas abordados



Fonte: o Autor baseado em Creswell (2014, p. 166)

⁶³ Segundo Costa-Sánchez (2014, p. 173, grifos da autora, tradução nossa), a presença desse tipo de narrador ocorre quando “a voz narrativa é predominantemente um narrador *intradiegético* e *homodiegético* (eles pertencem à diegese e são protagonistas)”. Diégese é a realidade própria da narrativa

As entrevistas, tendo em conta o furor de sentimentos ou sensações vinculadas ao enredo dessas histórias, claramente demonstram como há ou havia algo pouco ou nada resolvido; um caráter de caos dentro de si. Realmente, soa difícil articular palavras que possam demonstrar o que essas pessoas sentem e pensam, inclusive, sobre si mesmas. Razão pela qual privilegiamos os microrrelatos (LYOTARD, 1993, 1998) neste estudo.

A impossibilidade de articular suas exigências e até de descrever sua própria situação em termos e de um ponto de vista que não seja aquele das classes dominantes resulta numa inevitável perda de autonomia, já que esta pressupõe um sujeito capaz de afirmar-se perante os outros como um ator capaz de fundamentar verbalmente suas ações, suas intenções, seus desejos, suas necessidades etc. É fundamental, portanto, fazer com que os indivíduos envolvidos possam definir eles mesmos os aspectos relevantes de sua situação (PINZANI, 2012, p. 101).

Diante do apresentado, seguimos para o nosso capítulo de encerramento, onde nossas inferências, aprendizados e esforço de pesquisa serão melhor explanados. Certamente, objetivamos alcançar o proposto e responder às questões norteadoras deste trabalho, entendemos, portanto, esses microrrelatos como recortes críveis e contemporâneos da nossa realidade social. O ativismo político e social parece-nos, cada vez mais, ter sentido na prática de Relações Públicas.

Ainda no universo das antíteses, algumas manifestações sinalizam mudanças em curso também no nível da sociedade civil, especialmente a partir das forças progressistas, tais como: [...]a formação de redes cooperativas e alternativas, colocando a pessoa humana e a questão do planeta como bases de um novo sentido para o desenvolvimento. São temas desafiantes que revelam uma sociedade em constante movimento de mudança e que merecem aprofundamento (PERUZZO, 2011, p. 28).

Gostaríamos de poder fazer inferências e articulações bem mais completas em relação ao exposto, desde o princípio de construção deste estudo. Os metarrelatos que escolhemos como verdades aqui, as teorias, colidem em certos pontos com as histórias narradas e tentamos, dentro de nossas limitações, que estas últimas não estivessem sobrepostas em momento algum. Parece-nos que ainda há muito mais a considerar desse objeto.

5 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTUDO

Torna-te o que tu és (PÍNDARO apud JÚNIOR; OLIVEIRA; ANDRADE, 2016, p. 122).

Nos sentimos envolvidos em relatar nossas considerações em primeira pessoa do singular. O nosso “Eu” parece envolver-se com o trabalho e pautar a voz narrativa. Contudo, permanecemos na mesma pessoa narradora até aqui estabelecida. Isso se deve a variedade de pensamentos dos sujeitos que compõem este estudo. Manifestamos os pensamentos a que chegamos, através da realização do presente estudo, em forma de relatos. Nossas considerações enfatizam a relevância do estudo para a área, afinal, toca em pontos importantes como ética, exercício profissional, Justiça Social, diversidade⁶⁴ e humanidades, vinculados às Relações Públicas.

Observamos a abrangência de campo de estudo e que há muito mais a desbravar, do pouco já estudado. Um exemplo seria questionar como as organizações trazem às marcas metarrelatos ou se verdadeiramente e em que medida uma empresa pode se preocupar com o Outro, em seus complexos meandros de humanidades, ou seja, seus públicos. Gostamos muito de encontrar em Peruzzo (1986), Holtzhausen (2016) e na própria professora orientadora deste trabalho uma mente amorosa e aguerrida em palavras, vivências que servem de lição ao tratar da Comunicação que ouve o outro e melhora o mundo.

É importante envolvermo-nos com o Outro e perceber se ele está bem. É preciso falar de pessoas, de seres humanos e de suas emoções. Enquanto humanidade, estamos vivendo tempos para além do possível, de algo além do real, do improvável e do puramente discursivo. Tampouco sentimos saber ao certo se, no cerne da questão da presença dos *prides*, não está uma nova forma de criar, tão somente, ambientes propícios à acumulação de trabalho e esgotamento do potencial trabalhador. Ou se a motivação é pelo consenso para “sucumbir” às estratégias organizacionais, por exemplo. A própria autora Cicilia Peruzzo (2011) traz um pouco desse jogo de interesses no artigo *Relações Públicas no capitalismo cognitivo*.

⁶⁴ Especificamente, aqui, referimo-nos às questões pertinentes à temática LGBT.

É interessante ressaltar a necessidade do binarismo e da intrínseca relação entre transgeneridade e transexualidade. Podemos observar quanto espaço há para que se trate da comunicação nas e das organizações frente a esses paradigmas (“nascer no corpo errado” é um deles). Infelizmente, constatamos que ser uma mulher trans é mais delicado do que ser um homem trans, no sentido de que, pelo que vivemos e presenciamos, o feminino e tudo envolvido com “ela” é um problema para o masculino, heteronormativo (que estabelece a heterossexualidade e categoriza rigidamente, como metarrelato em relação a sociedade, o masculino e feminino) e violento mundo em que vivemos.

Tivemos grandes esforços de pesquisa para poder ouvir as pessoas entrevistadas. À última edição do *LGBTI Summit* nos havia motivado a um determinado tipo de estudo e, a partir de lá, já começamos a articular como poderíamos construir um trabalho assim, darmos visibilidade às minorias, como as pessoas trans.

Tratamos diversas vezes de buscar contato com as já poucas pessoas que precisávamos ouvir e lamentamos as pedras encontradas no caminho, como a desistência de uma organização referência, por dar espaço a essa diversidade e pelo medo de algumas pessoas em serem ouvidas ou permitirem que as verdades saiam de sua organização. De certa forma, a frustração se fez presente em alguns momentos. O todo também influencia nessa parte chamada organização, e vice-versa. A restringe e atravanca, às vezes.

Sinceramente, como esse TCC, todo nosso empenho de estudo e de trabalho é porque gostaríamos que vivêssemos em um mundo mais justo e mais gentil. Aprendemos a deixar as emoções pautarem a análise, das questões pessoais falarem um pouco mais alto e a ter resistência. Em busca do que se acredita, tiramos o melhor das situações.

Pode parecer desmedidamente sentimental tratarmos do que pusemos aqui como conclusão, mas seria uma incongruência falar de diversidade, humanidade, cultura e não apontar, enquanto pessoas e profissionais, como nos sentimos mais estruturados e em que mudamos. Entendemos projeto como o ápice da etapa de vida acadêmica em qualquer graduação, a realização de um sonho. Surpreendeu-

nos positivamente que o tema *Comunicação* emergisse das conversas de modo orgânico.

Outro dia, lemos em algum lugar que “somos seres absolutamente incompreensíveis”. Acreditamos que isso seja verdade. Aprendemos da teoria, do caos e das emoções que trazem informações e dados, mas tocamos mais profundo ainda e chegamos ao caos das emoções e experiências de vidas transexuais, das pessoas que entrevistamos, em um mundo de informações e de dados descontraídos e confusos sobre si mesmas.

Infelizmente, podemos inferir que as empresas ainda não estão prontas e preparadas para a diversidade. Mesmo assim, temos a certeza da infinitude de possibilidades e limites humanos e de seus potenciais para o bem, tanto quanto para o mal. Vemos as Relações Públicas sob o mesmo aspecto, ora servente dos lucros de “peixes gordos”, ditos por Holtzhausen, ora integradora de vidas.

Este trabalho é pioneiro, pois, da Faculdade de Comunicação Social (Famecos), e ainda no curso de Relações Públicas, que trata da temática de diversidade, equidade, integração e sensibilização sobre o público transexual. Obtivemos essa informação ao consultar a professora responsável pelos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) desta unidade acadêmica, Glafira Furtado. Ficamos humildemente honrados e instigados a seguir o caminho da Pesquisa e, portanto, à área acadêmica.

Finalizamos estas linhas parafraseando Carlos Drummond de Andrade o que, particularmente, remete-nos muito à Sócrates. Entrelaçadas, vemos o valor do auxílio da empresa e dos entes sociais a pessoas LGBT, especialmente as “T”, e a solidão de nascerem em corpos errados. Vemos como a comunicação navega pelo caos, como a história nos ensina do amanhã e do presente e também de como a mudança é permanente. Por mais que possa assustar no começo, é uma realidade dada. Vemos um grande caminho a percorrer, enquanto alunos, pesquisadores e seres humanos que somos. Vemos a nós mesmos, simplórios. Vemos o “Eu” deste trabalho e o que ele nos diz: “Vejo muitas outras coisas, que não ousou compreender...” (DRUMMOND, 2013, p. 18)

REFERÊNCIAS

- ADP BRASIL. **A Pride Family Summit**. Disponível em: <<https://apridefamilysummit.splashthat.com>>. Acesso em: 24 out. 2017, não paginado.
- A FORÇA DO QUERER: Joyce descobre que Eugênio deu grana para Ivan e se revolta. **Notícias da TV**, São Paulo, 14 set. 2017. Disponível em: <noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/forca-do-querer-joyce-descobre-que-eugenio-deu-grana-para-ivan-e-se-revolta-16813>. Acesso em: 23 out. 2017, não paginado.
- AMARAL, Nelson Marcondes do. [A opinião pública: nota de rodapé 1]. In: CANFIELD, Bertand R. **Relações Públicas**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1970.
- AMORIM, Galeno. **São Jorge e o Dragão**. São Paulo: Callis, 2008.
- ANDRADE, Silvia. A lenda de Tristão e Isolda: um périplo para a imortalidade. **Homo Liteatus**, 7 jan. 2016. Disponível: <homoliteratus.com/lenda-de-tristao-e-isolda-um-periplo-para-imortalidade/>. Acesso em: 19 out. 2017, não paginado.
- ARMANO, David. Os ativismos que as marcas devem estar preparadas. **Edelman Significa Blog**. 13 abr. 2017. Disponível em: <<https://edelman.com.br/post/5-tipos-de-ativismo-para-os-quais-toda-marca-deve-estar-preparada-mesmo-se-nao-for-se-posicionar/>>. Acesso em: 13 abr. 2017, não paginado.
- ATIVISMO. In: BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 27.
- BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BÉDIER, Joseph. **O romance de Tristão e Isolda**. São Paulo: Martins Fortes, 1994. Disponível em: <www.eduardoguerreirolosso.com/BEDIER-Tristão_e_isolda.pdf>. Acesso em: 30 out. 2017.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 22 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- BEZERRA, Paulo. Diversidade sexual e de gênero faz parte do negócio. **Istoé Dinheiro**, São Paulo, 6 jan. 2017. Disponível em: <<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/economia/20170106/diversidade-sexual-genero-faz-parte-negocio/447827>>. Acesso em: 2 abr. 2017, não paginado.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1986. Disponível em: <<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/mitologia-grega-vol-1-junito-de-souza-brandc3a3o.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2017.
- BRINKER, Maria Alana. Conheça Betsy Plant, a primeira relações públicas da história. **Comunicação & Tendências**, 22 jun. 2016. Disponível em:

<<http://www.comunicacaoetendencias.com.br/betsy-plant-primeira-relacoes-publicas-da-historia>>. Acesso em: 6 abr. 2017, não paginado.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação empresarial no Brasil: uma leitura crítica**. São Paulo: All Print, 2005.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 2007.

CANFIELD, Bertand R. **Relações Públicas**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1970.

CASTEL, Robert. Rupturas irremediáveis: sobre Tristão e Isolda. **Lua Nova**, n. 43, p. 171-188, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451998000100010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 19 out. 2017.

CAVALCANTI, Jardel Dias. Wagner, Tristão e Isolda, Nietzsche. **Digestivo Cultural**. 13 set. 2011. Disponível em: <www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3405&titulo=Wagner,_Tristao_e_Isolda,_Nietzsche>. Acesso em: 19 out. 2017, não paginado.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Compêndio do Catecismo da Igreja Católica**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html#A COMUNIDADE HUMANA](http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html#A%20COMUNIDADE%20HUMANA)>. Acesso em: 24 ago. 2017, não paginado.

CONSELHO FEDERAL DE PROFISSIONAIS DE RELAÇÕES PÚBLICAS (CONFERP). **Código de Ética**. 20 maio 2009a. Disponível em: <www.conferp.org.br/codigo-de-etica/>. Acesso em: 4 set. 2017.

_____. **PT 063/03**. 25 maio 2009b. Disponível em: <www.conferp.org.br/2009/05/25/pt-06303/>. Acesso em: 16 nov. 2017.

CONSELHO REGIONAL DE RELAÇÕES PÚBLICAS — 1ª REGIÃO. **O Código de ética internacional dos Profissionais de Relações Públicas**, [2013?]. Disponível em: <<http://www.abrpnacional.com.br/files/atenas.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2017.

COSTA-SANCHÉZ, Carmem. Storytelling y audiovisualización de la comunicación corporativa: las claves de la campaña “Gracias por elegirnos” (Balay). **Revista Organicom**. São Paulo, v. 11, n. 20, 2014, p. 163-176. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/301215458_Storytelling_y_audiovisualizacion_de_la_comunicacion_corporativa>. Acesso em: 01 nov. 2017.

CURVELLO, João José Azevedo. A perspectiva sistêmico-comunicacional das organizações e sua importância para os estudos da comunicação organizacional. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org.). **Comunicação organizacional: Histórico, fundamentos e processos**. v. 1. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 91-105.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. Disponível em:

<jornalismoufma.xpg.uol.com.br/arquivos/a_casa_e_a_rua.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2017.

DIAS, Rosa Maria. A influência de Schopenhauer na filosofia da arte de Nietzsche em O nascimento da tragédia. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 3, p 7-21, 1997. Disponível em: <http://gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/upload/cn_03_01%20Dias.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2017.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. A flor e a náusea. In: _____. **A rosa do povo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 13-14.

_____. O amor bate na aorta. In: _____. **Brejo das almas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 17-18.

ESPARCIA, Antonio Castillo. Investigación sobre la evolución histórica de las relaciones públicas. **Revista Historia y Comunicación Social**. v. 9, p. 43-62, 2004. Disponível em: <revistas.ucm.es/index.php/HICS/article/view/20180>. Acesso em: 19 out. 2017.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. A contribuição do olhar feminista. **Revista Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 1-11, jan./jun. 1998. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/3367>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

FIORE, Jacobello del. Enthroned Justice Flanked by St. Michael the Archangel and the Angel Gabriel. **Venetian Art**, [2017?]. Disponível em: <<http://library.bc.edu/venetianart/items/show/1212>>. Acesso em: 29 out. 2017.

FORST, Rainer. Dos imágenes de la justicia In: PEREIRA, Gustavo (Org.). **Perspectivas críticas de justicia social**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p. 29-46.

FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmen. **As 100 melhores histórias da mitologia**: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana. Porto Alegre: L&PM, 2007. Disponível em: <www.miniweb.com.br/literatura/Artigos/100_melhores_mitologia.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

_____. Papel da Educação na Humanização. **Revista Paz e Terra**, São Paulo, n. 9, p. 123-132, out. 1969. Disponível em: <<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1127>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GAIMAN, Neil. **O mistério da Estrela - Stardust**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZAGA, Rafael. Star Trek: o guia definitivo para começar a assistir do zero. **Omelete**, 25 set. 2017. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/series->

tv/artigo/star-trek-o-guia-definitivo-para-comecar-a-assistir-do-zero/>. Acesso em: 5 nov. 2017, não paginado..

GOSEPATH, Stefan. En defensa de la justicia distributiva. In: PEREIRA, Gustavo (Org.). **Perspectivas críticas de justicia social**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p. 46-59.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, [1992?].

GUIMARÃES, Carla. Michel Temer, o presidente decorativo. **El País Brasil**, São Paulo, 5 jul. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/opinion/1498504003_490124.html>. Acesso em: 20 ago. 2017, não paginado..

HEGEMONIA. In: BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 179.

HOLTZHAUSEN, Derina R. **Las Relaciones Públicas como Activismo: Enfoques Posmodernos**. Barcelona: UOC, 2016.

HONNETH, Axel. El entramado de la justicia: sobre los límites del procedimentalismo contemporáneo. In: PEREIRA, Gustavo (Org.). **Perspectivas críticas de justicia social**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p. 11-28.

HORAS. In: MARTÍNEZ, Constantino Falcón; FERNÁNDEZ-GALIANO, Emilio; MELERO, Raquel López. **Dicionário de Mitologia Clássica**. Lisboa: Presença, 1997. p. 197

JAEGGI, Rahel. Repensando a ideologia. **Civitas**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 137-165, 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/4326/3268>>. Acesso em: 29 out. 2017.

JAYME, Juliana Gonzaga. Travestis, transformistas, drag queens, transexuais: montando corpo, pessoa, identidade e gênero. In: CASTRO, Ana Lúcia de (Org.). **Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <http://master.fclar.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/StrictoSensu/Sociologia/livro_analucia_org.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2017.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUSTIÇA. In: COMTE-SPONVILLE, André. **Dicionário Filosófico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 334-335.

KEEN, Andrew. **Vertigem Digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Princípios de marketing**. 7. ed. Rio de Janeiro: Prentice-hall, 1999.

JÚNIOR, Eudes Quintino de Oliveira; OLIVEIRA, Pedro Bellentani Quintino de; ANDRADE, Gabriela Bellentani de Oliveira. Cirurgia transexual: realidade médica, legal e social. **Revista Jurídica da Escola Superior do Ministério Público de São Paulo**. v. 10, n. 2, jul./dez. 2016. p. 115-130. Disponível em: <www.esmp.sp.gov.br/revista_esmp/index.php/RJESMPSP/article/view/310/149>. Acesso em: 16 nov. 2017.

LATTIMORE, Dan e outros. **Relações públicas: profissão e prática**. Porto Alegre: McGraw-Hill, 2012.

LOURENÇO, Eduardo. **O Esplendor do Caos**. Lisboa: Gradiva, 1998.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

_____. **O pós-moderno explicado às crianças: correspondência 1982-1985**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2009.

MODZELEWSKI, Helena. Educación de las emociones como medio para realizar una teoría crítica de la justicia. In: PEREIRA, Gustavo. **Perspectivas Críticas de Justicia Social**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p. 205-224.

NASSAR, Paulo. Comunicação Organizacional, entre Apolo e Dionísio. **Revista Organicom**, São Paulo, v. 6, n. 10/11, p. 154-160, 2009. Disponível em: <<http://www.revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/viewFile/200/300>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

NETO, Fernando Ribeiro Leite. É possível ser uma pessoa ética e estar engajada na busca por lucro? **Fronteiras do Pensamento**, 18 out. 2017. Disponível em: <www.fronteiras.com/artigos/e-possivel-ser-uma-pessoa-etica-e-estar-engajada-na-busca-por-lucro>. Acesso em: 30 out. 2017.

NOGUEIRA, Bruno Torturra. O sobrinho de Freud explica. **Revista Trip**. São Paulo, 9 fev. 2012. Disponível em: <revistatrip.uol.com.br/trip/o-sobrinho-de-freud-explica>. Acesso em: 7 ago. 2017, não paginado.

OBATA, Regina. **O livro dos nomes**. São Paulo: Nobel, 2002.

PAIVA, Jair Miranda de. Esboço para uma ontologia da educação como ontologia do presente. **Sophia: colección de Filosofía de la Educación**, n. 17, 2014. p. 77-100. Disponível em: <www.redalyc.org/html/4418/441846098005/>. Acesso em: 22 ago. 2017.

PEARSON, Carol S.; MARK, Margaret. **O herói e o fora-da-lei**. São Paulo: Cultrix, 2001.

PEREIRA, Gustavo. Capacidades como una métrica de justicia y reconocimiento. In: _____. **Perspectivas Críticas de Justicia Social**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p. 60-77.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Ideias de Paulo Freire aplicadas à Comunicação popular e comunitária. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, jan./abr. 2017. p. 1-16. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24207>>. Acesso em: 24 mar. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2017.1.24207>.

_____. **Relações Públicas no Capitalismo Cognitivo**. **Revista Organicom**. São Paulo, v. 8, n. 15, 2011, p. 14-29. Disponível em: <<http://www.revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/view/407>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

_____. **Relações Públicas no Modo de Produção Capitalista**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1986.

PINZANI, Alessandro. Teoria crítica e justiça social. **Civitas**. Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 88-106, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/11149>>. Acesso em: 21 out. 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

RAWLS, John. **Uma Teoria da Justiça**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Disponível em: <<https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/uma-teoria-da-justic3a7a.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2017.

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SALES, Ricardo Gonçalves de. **Políticas de respeito à diversidade sexual no ambiente de trabalho: análise das percepções sobre o papel da comunicação em organizações participantes do Fórum de Empresas e Direitos LGBT**. 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SANDEL, Michael J. **Justiça — O que é fazer a coisa certa?** 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. Disponível em: <http://acispar.com.br/COMSUS_/mat-apoio/Justiça%20%20o%20que%20é%20fazer%20a%20coisa%20certa.pdf>. Acesso em: 30 out. 2017.

SCHÜLER, Donaldo. **Heráclito e seu (dis)curso**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

SCHÜLER, Fernando. **Civilização – A sociedade e seus valores**. **Fronteiras do Pensamento**, Porto Alegre, 22 mar. 2017. Disponível em: <www.fronteiras.com/artigos/civilizacao-n-a-sociedade-e-seus-valores>. Acesso em: 22 ago. 2017, não paginado.

SEIB, Carmem. **Como cultivar a si mesmo**. São Paulo: Paulinas, 2002.

SHERIDAN, Kevin. **Construindo uma Cultura Magnética: como atrair e manter profissionais talentosos para criar uma força de trabalho engajada e produtiva**. São Paulo: DVS, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/pBJUFn>>. Acesso em: 3 nov. 2017.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Teoria da Opinião Públicas. In: CITELLI, Adilson. **Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 439-448.

SODRÉ, Muniz; YAMAMOTO, Eduardo Yuji. Comunicação e Pós-modernidade. In: CITELLI, Adilson. **Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 82-92.

SOUZA, José Cavalcanti de; KUHLEN, Remberto Francisco. **Os Pré-socráticos: Fragmentos, Doxografia e Comentários**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Disponível em: < http://files.filosofia-com0.webnode.com/200000001-90f1191ea9/_Colecao_Os_Pensadores__Vol_01.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2017.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015. p. 51-61.

THE GREAT Showman Dead. **The New York Times**, New York, 8 apr. 1891. Obituary. Disponível em: <www.nytimes.com/learning/general/onthisday/bday/0705.html>. Acesso em: 10 ago. 2017, não paginado.

VASCONCELOS, Raquel Célia Silva de. Considerações sobre o conceito de legitimação em Lyotard. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 6., 2014, Santa Maria. **Anais eletrônicos...** Santa Maria: Editora Realize, 2014. Revista Fiped, v. 1, p. 1-17. Disponível em: <editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade_2datahora_04_06_2014_10_13_26_idinscrito_130_dc56a6d33a896caba6872fe69f641c73.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2017.

WHO is Marduk. **Annunaki**, [2017?]. Disponível em: <www.annunaki.org/who-is-marduk/>, 2016. Acesso em: 4 maio 2017.

YLLERA, Alicia. **Tristán e Iseo**. Madrid: Alianza, 1996.

APÊNDICE A – CONVERSA POR E-MAIL COM REPRESENTANTES DA EMPRESA DESISTENTE

Re: PESQUISA PRIDE

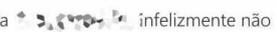


vie 20/10/2017 06:21 p.m.

Para: 

Cc: Lucas Pimenta <lucaspimentaa@outlook.com>; nekamachado@gmail.com <nekamachado@gmail.com>;

Lucas,

Considerando que as perguntas seguem direcionadas a grupos específicos e não a políticas gerais da  infelizmente não poderemos seguir com o apoio à pesquisa. Isso viola nossas políticas internas.

Desejamos sucesso!

Abraços,



2017-10-19 17:08 GMT-02:00 

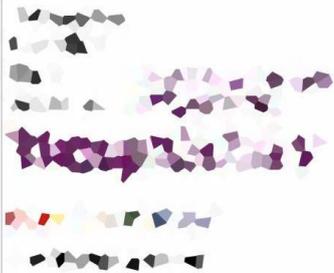
Oie Lucas, tudo bem?

Peço desculpas, seus emails se perderam no meio dos muitos que recebo no dia :(.

Se quiseres ligar pro escritório hoje/amanhã ou mesmo pro meu telefone pessoal: 

Também podemos marcar um café/chá em algum lugar da PUC, como ficar melhor pra você.

Abraço,



2017-10-19 15:52 GMT-02:00 Lucas Pimenta <lucaspimentaa@outlook.com>:

Olá 

Espero que não pareça desconfortável a minha insistência em tentar falar contigo. Já liguei várias vezes nesses últimos dias, buscando conversar com você ou com a . Deixei recados com a .

Infelizmente, meu tempo exíguo se acaba. Gostaria de deixar claro a grande importância que esse trabalho tem para mim, enquanto pessoa e profissional, e que isso me motiva a continuar persistindo em falar com a .

Espero que possamos conversar o quanto antes, dada a necessidade.

Muito, muito obrigado pela disponibilidade em ajudar nesse projeto.

Abraço!

Lucas da Costa Pimenta

Estudante de Relações Públicas, PUCRS - Brasil
+55 51 9 95258651 - whatsapp
Facebook: [facebook.com/lucaspimentaa2](https://www.facebook.com/lucaspimentaa2)
Antes de imprimir, pense no meio ambiente!

De: Lucas Pimenta <lucaspimentaa@outlook.com>
Enviado: lunes, 16 de octubre de 2017 06:05:35 p.m.
Para:    
Assunto: PESQUISA PRIDE

Oi , tudo bom?

Tentei te ligar mas não lhe encontraram no espaço de trabalho..
Poderia ligar para você hoje ainda?

Obrigado,

Lucas da Costa Pimenta
Estudante de Relações Públicas, PUCRS - Brasil
+55 51 9 95258651 - whatsapp
Facebook: [facebook.com/lucaspimentaa2](https://www.facebook.com/lucaspimentaa2)
Antes de imprimir, pense no meio ambiente!



Re: RV: RV: TCC - Presença de prides nas empresas

Lucas Pimenta

lun 16/10/2017 06:04 p.m.

Elementos enviados

Para: [Redacted]

Cc: [Redacted]

Oi [Redacted], tudo bom?

Que bom que poderás me ajudar. Obrigado pelo esforço e auxílio, [Redacted]

Att.

Lucas da Costa Pimenta

Estudante de Relações Públicas, PUCRS - Brasil

+55 51 9 95258651 - whatsapp

Facebook: facebook.com/lucaspimentaa2

Antes de imprimir, pense no meio ambiente!

De: [Redacted]

Enviado: lunes, 16 de octubre de 2017 03:56 p.m.

Para: Lucas Pimenta

Cc: [Redacted]

Assunto: Re: RV: RV: TCC - Presença de prides nas empresas

Lucas,

Copio a [Redacted] que vai poder te ajudar a responder de uma maneira geral sobre nossas políticas.

Abs!

[Redacted]

2017-10-13 19:15 GMT-03:00 Lucas Pimenta <lucaspimentaa@outlook.com>:

Oi [Redacted]

Sim, ajudaria muitíssimo!

Obrigado,

Lucas da Costa Pimenta

Estudante de Relações Públicas, PUCRS - Brasil

+55 51 9 95258651 - whatsapp

Facebook: facebook.com/lucaspimentaa2

Antes de imprimir, pense no meio ambiente!

De: 
Enviado: viernes, 13 de octubre de 2017 05:19 p.m.
Para: Lucas Pimenta
Cc: nekamachado@gmail.com
Asunto: Re: RV: RV: TCC - Presença de prides nas empresas

Lucas,

Há um grupo interno chamado "Minorias de Gênero e Sexualidade". Se tratando de políticas internas, posso verificar se alguém tem disponibilidade de conversar contigo de uma maneira geral.

Isso ajudaria?

Abs!



2017-10-09 18:44 GMT-03:00 Lucas Pimenta <lucaspimentaa@outlook.com>:

Oi , tudo bem.

Bom, primeiramente, agradeço a resposta e a disposição. Em relação as considerações, claro que podemos ajustar isso!

Seria mais contundente com a intenção e disponibilidade de vocês, impessoalizando, se eu ouvir mais de uma pessoa. Ou até mesmo o grupo todo.

Eu ainda não sei com clareza como vocês se organizam, se há um comitê interno, um grupo de troca, uma plataforma online etc.

Poderia fazer uma escuta coletiva, sem problema algum.

Reitero: isso não personifica a perspectiva, uma vez que não é entrevistar apenas uma pessoa de um grupo específico – apontado como inviável –, e contribui de uma maneira mais ampla, como através de ouvir destas e destes que são beneficiados pelas políticas e formas de atuação em prol de diversidade e inclusão existentes na . Parece-lhe mais possível?

Obrigado!

Lucas da Costa Pimenta

Estudante de Relações Públicas, PUCRS - Brasil

+55 51 9 95258651 - whatsapp

Facebook: [facebook.com/lucaspimentaa2](https://www.facebook.com/lucaspimentaa2)

Antes de imprimir, pense no meio ambiente!

De: 
Enviado: lunes, 09 de octubre de 2017 04:22 p.m.
Para: Lucas Pimenta
Cc: nekamachado@gmail.com; 

Asunto: Re: RV: RV: TCC - Presença de prides nas empresas

Olá, Lucas! Tudo bem?

No geral, não temos óbice nenhum de contribuir com pesquisas acadêmicas. Inclusive, entendemos a importância desse tipo de estudo.

Entretanto, infelizmente o approach de entrevistar apenas uma pessoa de um grupo específico aqui é inviável, uma vez que pessoaliza e essa não é nossa ideia. Nosso ponto, enquanto empresa, é contribuir

de uma maneira mais ampla, como através de estudos de nossas políticas e formas de atuação em prol de diversidade e inclusão.

Assim, não temos como contribuir na indicação de uma pessoa específica que trabalhe aqui para responder os questionamentos.

Se pudermos ajudar de alguma outra forma, por favor, nos avise.

Abraços!



2017-10-09 12:40 GMT-03:00 Lucas Pimenta <lucaspimentaa@outlook.com>:

Prezada ,

Tomando a liberdade, pois as questões são poucas, envio abaixo nosso roteiro.

Em cópia está minha orientadora, se necessário qualquer validação em relação ao projeto.

ROTEIRO DE COLETA DE HISTÓRIA DE VIDA

Então, _____, me fala um pouco sobre você, quem é, onde você nasceu e como foi sua infância e adolescência.

Quando você se percebeu LGBT?

Qual e onde foi a primeira vez que você se lembra de ter vivenciado alguma experiência negativa por ser LGBT?

E como é sua vida hoje?

Você acredita que a sociedade e a família, enquanto entes sociais, têm impacto no processo de construção de confiança, estima e suficiência de um indivíduo?

E a empresa têm esse impacto também?

Devido ao que conversamos, como você vê sua vida no amanhã?

Agradeço imensamente o auxílio.

Att.

Lucas da Costa Pimenta

Estudante de Relações Públicas, PUCRS - Brasil

+55 51 9 95258651 - whatsapp

Facebook: [facebook.com/lucaspimentaa2](https://www.facebook.com/lucaspimentaa2)

Antes de imprimir, pense no meio ambiente!

De: 

Enviado: lunes, 02 de octubre de 2017 08:24 p.m.

Para: Lucas Pimenta
Cc: [Redacted]
Assunto: Re: RV: RV: TCC - Presença de prides nas empresas

Ok! Ficamos no aguardo.

Abs!

2017-10-02 17:23 GMT-03:00 Lucas Pimenta <lucaspimentaa@outlook.com>:

Oi 🙋🏻👋🏻, tudo bom?

Eu construí um roteiro, mas ele está pendente de aprovação.
 Assim que possível, te encaminho.

Obrigado!

Lucas da Costa Pimenta
Estudante de Relações Públicas, PUCRS - Brasil
 +55 51 9 95258651 - whatsapp
 Facebook: [facebook.com/lucaspimentaa2](https://www.facebook.com/lucaspimentaa2)
Antes de imprimir, pense no meio ambiente!

De: [Redacted]
Enviado: miércoles, 27 de septiembre de 2017 12:31 p.m.

Para: Lucas Pimenta
Cc: [Redacted]
Assunto: Re: RV: RV: TCC - Presença de prides nas empresas

Oi Lucas,

Estou verificando a possibilidade internamente.

Tu tens as perguntas para que eu possa compartilhar?

Abs!

👋🏻🙋🏻

2017-09-06 18:53 GMT-03:00 Lucas Pimenta <lucaspimentaa@outlook.com>:

Oi 🙋🏻👋🏻,

Então, precisamente, ouvir alguém T (transexual, travesti, transgênero) que possa falar sobre sua vida, seu trabalho e o pride, preconceito. Claro, que essa pessoa trabalhe na 🏳️🌈.
 Seria isso.

Obrigado,

Lucas da Costa Pimenta
Estudante de Relações Públicas, PUCRS - Brasil
 +55 51 9 95258651 - whatsapp
 Facebook: [facebook.com/lucaspimentaa2](https://www.facebook.com/lucaspimentaa2)
Antes de imprimir, pense no meio ambiente!

De: [Redacted]
Enviado: miércoles, 06 de septiembre de 2017 / 07:24 p.m.
Para: Lucas Pimenta
Cc: [Redacted]
Asunto: Re: RV: RV: TCC - Presença de prides nas empresas

Oi Lucas,

O que tu precisas exatamente?

Abs!

[Redacted]

2017-09-05 21:33 GMT-03:00 Lucas Pimenta <lucaspimentaa@outlook.com>:

Oi [Redacted]

Não quero ser levado como desagradável mas, felizmente, meu trabalho começa a chegar ao fim. Estou em meu segundo capítulo. Essa é a aproximação que estou construindo com as entrevista, faltando pouco para chegar efetivamente nelas. Gostaria, portanto, de saber como ficou a situação do meu pedido de ajuda. Você poderão meu auxiliar nessa empreitada?

Obrigado!

Abraço,
Lucas da Costa Pimenta
Estudante de Relações Públicas, PUCRS - Brasil
 +55 51 9 95258651 - *whatsapp*
 Facebook: [facebook.com/lucaspimentaa2](https://www.facebook.com/lucaspimentaa2)
Antes de imprimir, pense no meio ambiente!

De: [Redacted]
Enviado: jueves, 24 de agosto de 2017 10:51 a.m.
Para: Lucas Pimenta; [Redacted]
Cc: [Redacted]
Asunto: Re: RV: TCC - Presença de prides nas empresas

Oi Lucas,

Desculpe a demora na resposta.

Qual a pergunta que você quer responder no seu TCC?
 Qual será a metodologia de pesquisa?

Estou adicionando a nossa advogada no e-mail tb.

Abs

On 22 Aug 2017, at 20:39, Lucas Pimenta <lucaspimentaa@outlook.com> wrote:

Oi queridas, tudo bom?
 Reenvio e-mail acerca do auxílio que necessito, pois, se encerra meu prazo.
 Muito obrigado pela atenção!

Abraço,

Lucas da Costa Pimenta

Estudante de Relações Públicas, PUCRS - Brasil

+55 51 9 95258651 - whatsapp

Facebook: [facebook.com/lucaspimentaa2](https://www.facebook.com/lucaspimentaa2)

Antes de imprimir, pense no meio ambiente!

De: Lucas Pimenta <lucaspimentaa@outlook.com>

Enviado: lunes, 07 de agosto de 2017 10:05 p.m.

Para: 

Assunto: TCC - Presença de prides nas empresas

Olá  tudo bom?

Conforme falamos, envio e-mail para pontuar a possibilidade de estudar a  no meu trabalho de conclusão de curso, devido a presença de pride (ou de uma filosofia dessa essência).

Meu trabalho objetiva encontrar na práxis como as Relações Públicas podem ser uma prática profissional ativista (social, política) e, creio, a presença de pride e/ou uma filosofia dessa ordem numa organização, ao se tangibilizar à Comunicação Interna, pertence às Relações Públicas.

Logo, necessito de apoio para a realização do estudo. Espero poder encontrá-lo com vocês.

Grato,

Lucas da Costa Pimenta

Estudante de Relações Públicas, PUCRS - Brasil

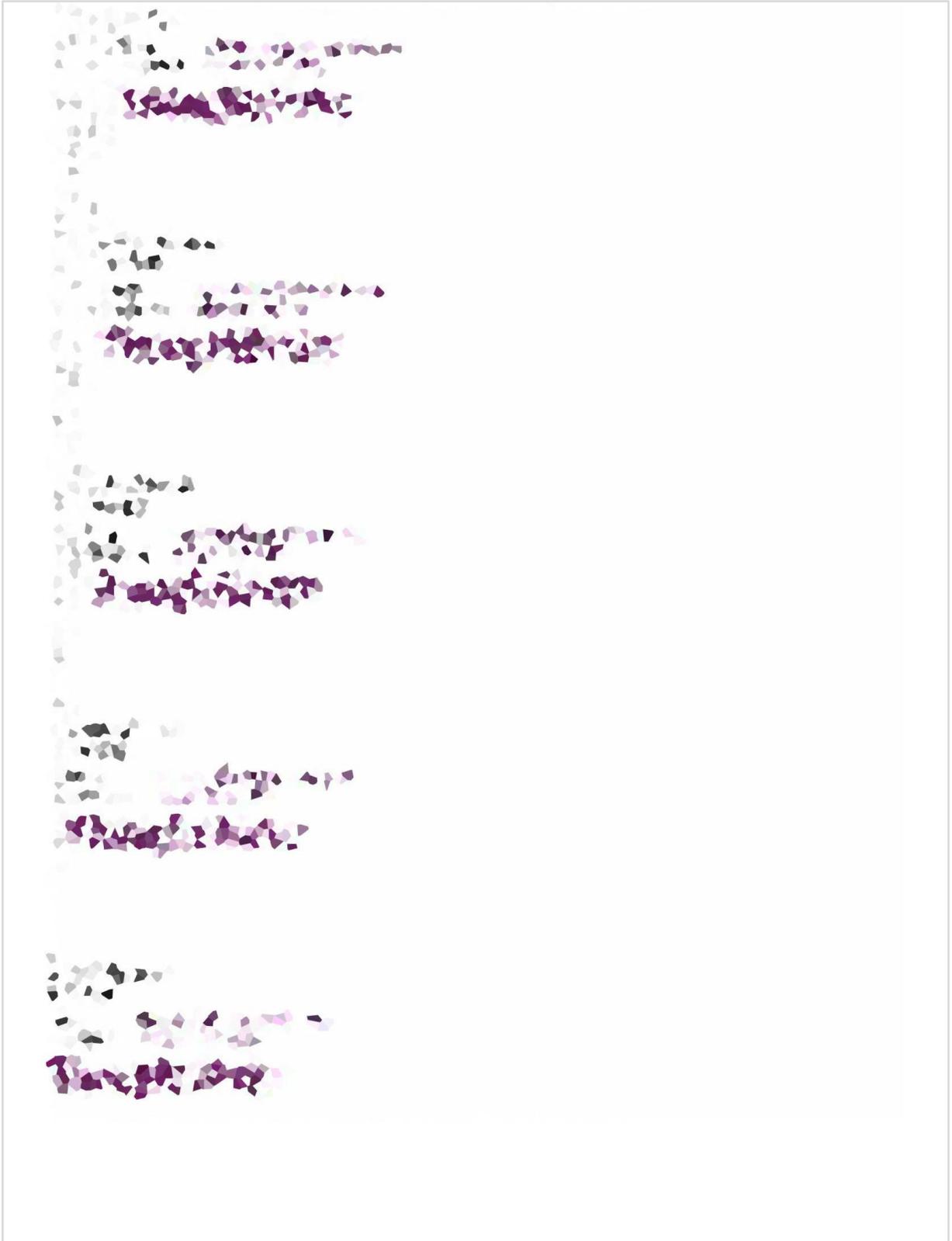
+55 51 9 95258651 - whatsapp

Facebook: [facebook.com/lucaspimentaa2](https://www.facebook.com/lucaspimentaa2)

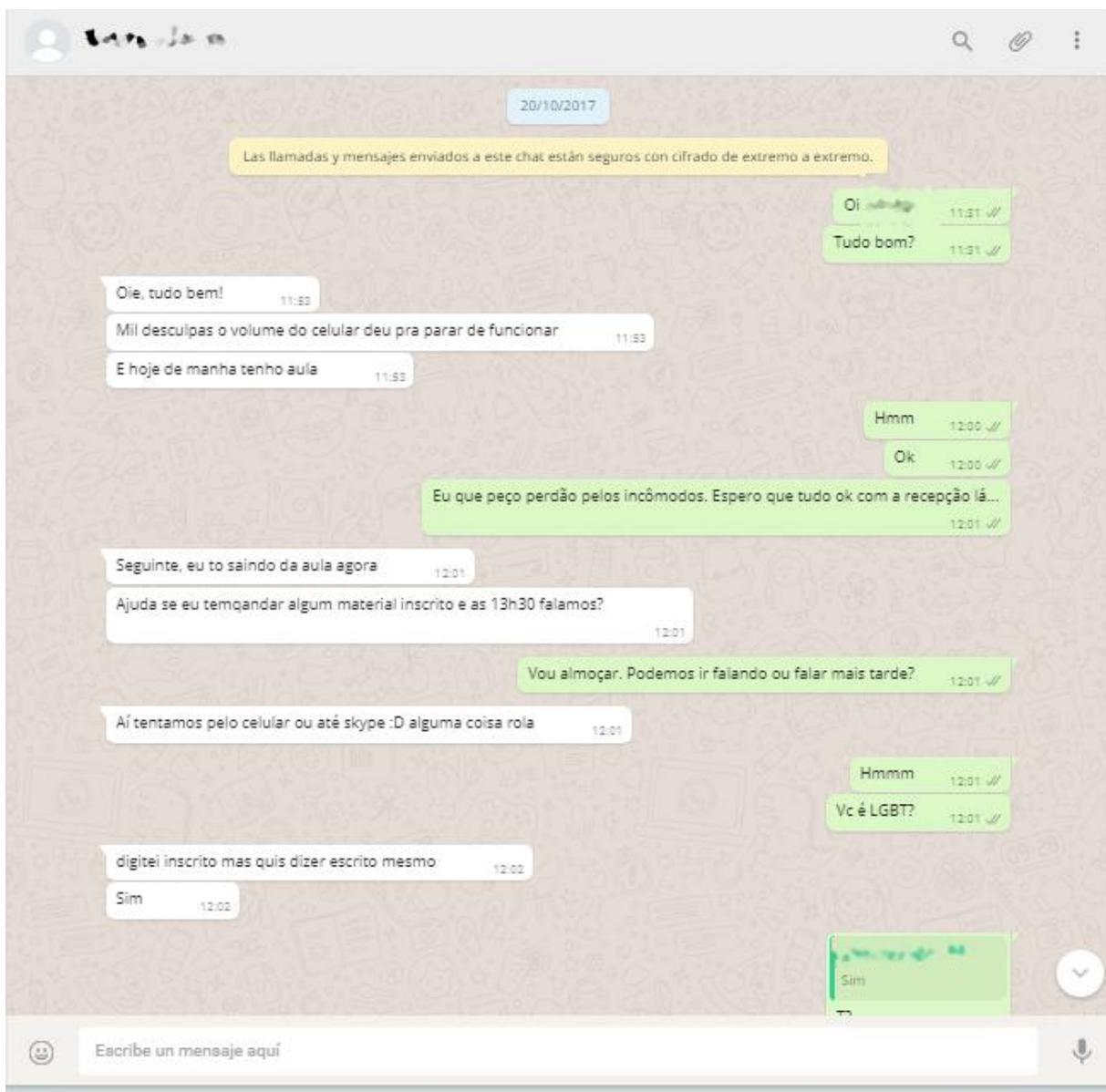
Antes de imprimir, pense no meio ambiente!

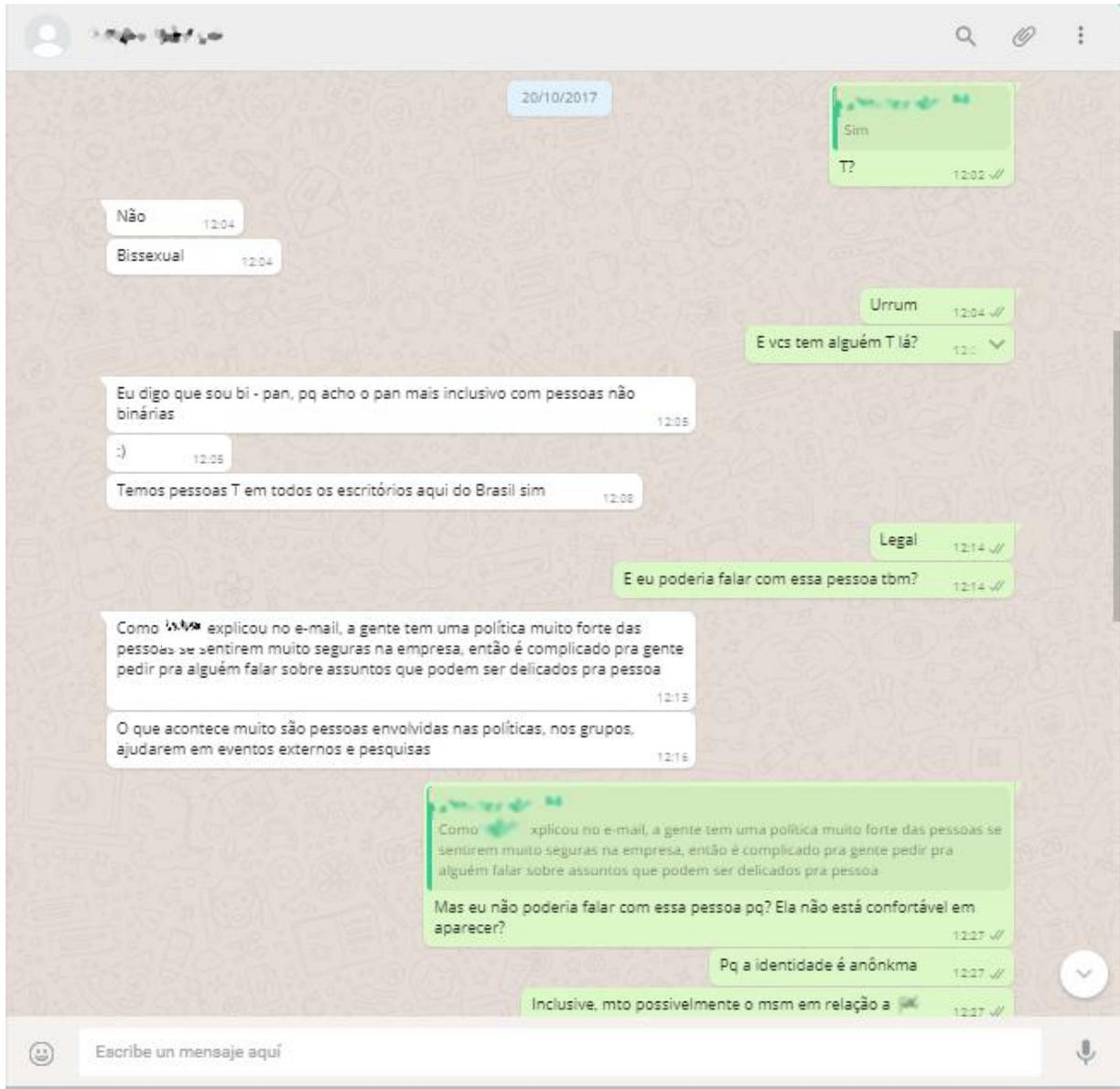


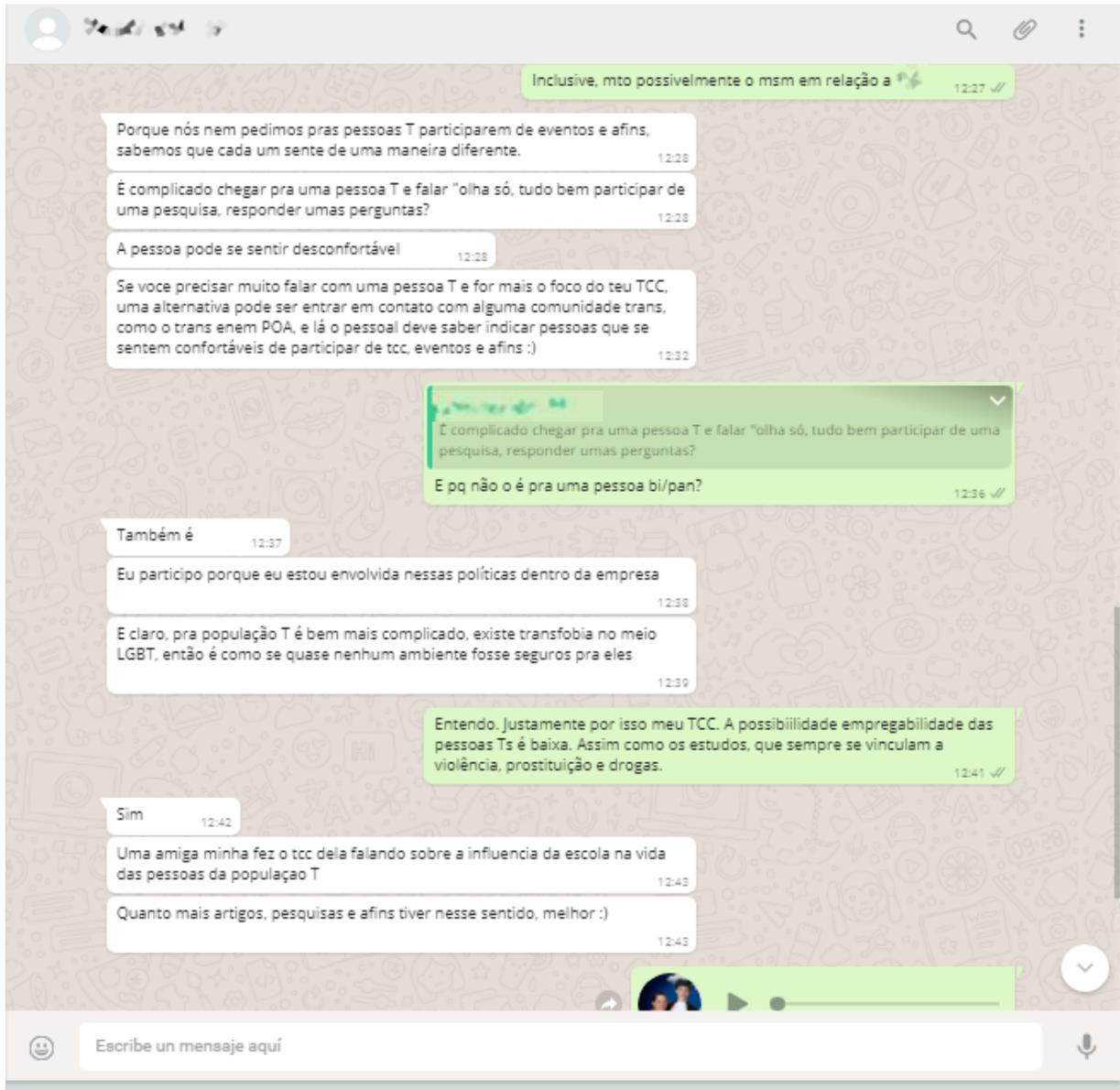
--

APÊNDICE B – CONVERSA POR WHATSAPP COM REPRESENTANTE DA EMPRESA DESISTENTE









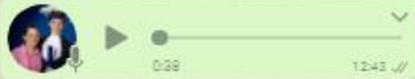
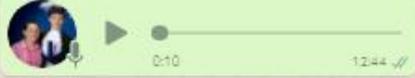



E conseguiu chegar pra uma pessoa e o vídeo tá lá ou tá lá sem participar de uma pesquisa. 20/10/2017 perguntas?
 E pq não o é pra uma pessoa bi/pan? 12:36 ✓

Também é 12:37
 Eu participo porque eu estou envolvida nessas políticas dentro da empresa 12:38
 E claro, pra população T é bem mais complicado, existe transfobia no meio LGBT, então é como se quase nenhum ambiente fosse seguros pra eles 12:39

Entendo. Justamente por isso meu TCC. A possibilidade empregabilidade das pessoas Ts é baixa. Assim como os estudos, que sempre se vinculam a violência, prostituição e drogas. 12:41 ✓

Sim 12:42
 Uma amiga minha fez o tcc dela falando sobre a influencia da escola na vida das pessoas da população T 12:43
 Quanto mais artigos, pesquisas e afins tiver nesse sentido, melhor :) 12:43

 0:39 12:43 ✓
 0:10 12:44 ✓

Já te respondo :) to chegando em casa 12:45

Okay okay 12:51 ✓
 12:51 ✓
 Oi 👋 tudo bem? 22:51 ✓


 Escribe un mensaje aquí 

APÊNDICE C – ROTEIRO DE COLETA DE HISTÓRIA DE VIDA

- Então, me fala um pouco sobre você, quem é, onde você nasceu e como foi sua infância e adolescência.
- Quando você se percebeu LGBT? E transexual?
- Qual e onde foi a primeira vez que você se lembra de ter vivenciado alguma experiência negativa por ser transexual?
- E como é sua vida hoje?
- Você acredita que a sociedade e a família, enquanto entes sociais, têm impacto no processo de construção de confiança, estima e suficiência de um indivíduo?
- E a empresa têm esse impacto também?
- E como gostaria que fosse o mundo, a sociedade?
- Devido ao que conversamos, como você vê sua vida no amanhã?

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM RITA

Quem tu és?

Meu nome é Rita, nasci e me criei na Zona Sul de Porto Alegre.

Como foi tua infância?

A minha infância foi um pouquinho conturbada, porque as pessoas não me viam como alguém normal, elas já desconfiavam. Eu não sabia muito bem o que eu era e me reprimia muito, auto repressão bem grande.

Como assim “não sabia muito bem o que tu eras”?

Assim, quando tu nasce em um gênero, com o qual tu não te identifica, as coisas são um pouco diferentes, a visão de mundo é outra. Meus gostos eram atípicos, eu sentia que era mulher, mas não sabia que, de fato, eu poderia ser transexual. Então, eu criei uma barreira, porque eu não enxergava a “luz no fim do túnel”. Não havia saída, pois eu não possuía conhecimento de outros gêneros. Para mim, existia homem e mulher. Então, quando eu era criança, esperava minha mãe sair, vestia as roupas que ela usava e rezava para virar mulher.

Isso com qual idade?

Muito nova, eu não me lembro muito bem, mas creio que foi com uns nove anos, talvez menos. Eu tenho poucas lembranças, pois, na infância, ocorreu um fato curioso em minha vida. Eu tinha oito anos, contraí Sarampo e Meningite, ao mesmo tempo, por conta dessas debilidades. Fui perdendo os sentidos, desmaiei, e acabei ficando por cinco dias em coma profundo. Minha mãe me relatou que o médico responsável iria viajar e chegou a deixar assinado o atestado de óbito e em branco somente as respectivas data e hora, para as enfermeiras preencherem. Eu poderia ter morrido. Enfim, depois disso ficou muito difícil eu recordar as datas dos acontecimentos. Muito tempo depois, comecei a me relacionar com alguns meninos, meus pais descobriram e foi uma repressão forte.

Então, tu defines tua infância como triste?

Foi, ela foi triste. Eu diria que houve um pouco de revolta da minha parte, e isso se deve às imposições e às repressões feitas, simplesmente, porque eu me relacionava com meninos.

Se relacionar na infância significava beijar outros meninos?

Não, era sexo mesmo (*risos*).

Tu iniciaste a vida sexual cedo?

Foi muito nova, muito nova mesmo. Acredito que eu deveria ter dez anos, mas foi consentido, não houve nenhuma violação.

Então, a primeira vez foi com dez anos?

Hã... (pausa). Acho que foi dez, porque não lembro direito, mas foi nessa idade. Não foi nada não consensual.

Após iniciar a vida sexual, algo mudou na sua infância ou não?

Acredito que foi uma infância meio perturbada, em muitos sentidos. Lembro que minha família queria que eu fosse uma pessoa que eu não conseguia ser, não me aceitavam como eu era, tentavam me modificar e eu resistia a isso com revoltas. Fui uma criança muito dolorida por dentro: eu queria fugir de casa, brigava com meus pais, eles conflitavam comigo, me senti tolhida, eu não podia conversar com algumas pessoas, ter certas atitudes, chorar... um dia, ocorreu até uma briga com minha mãe, porque me emocionei e chorei ao final de um filme. Eu não podia demonstrar afeto, carinho por nada, porque era tudo coisa de “veado”. E essa repressão, por parte da família, me causou problemas na vida adulta e eu acabei reproduzindo, com eles e com a sociedade, o mesmo que recebi na infância. Eles não tinham uma pessoa legal perto deles, eles tinham tudo aquilo que eles plantaram em mim. E eles tinham de volta, porque chegou a um ponto que eu não aguentava mais.

Entendi. Foi assim que tu conseguiste tomar alguma espécie de consciência do teu eu?

Na verdade, eu sempre soube e, quando tomei consciência do que era, tive mais certeza ainda. É o seguinte: eu sabia, mas não entendia aquilo, não tinha nenhum

parâmetro, não havia internet para me auxiliar. Antigamente não havia, era década de 80. O que eu tinha era uma televisão com dois canais e não passava nada sobre isso. Então, é uma questão complicada, porque eu me sentia completamente isolada. Eu não sabia que mais pessoas passavam por essa situação.

E isso foi em qual período?

Foi por muito tempo. Me sentia assim na adolescência e também na vida adulta. Para ter uma ideia, há períodos da minha vida que pareceu aquele filme *Click*, do Adam Sandler, onde ele fica no automático. Minha vida passou muitos anos no automático, eu sendo uma pessoa que eu não era. Têm momentos da minha vida que eu lembro como se estivesse fora do meu corpo, em uma situação de cima.

E essa fase meio obscura, assim digamos, era esse período?

Sim.

Cita alguns momentos em que tu se sentiu assim, fora do teu corpo.

No trabalho, muitas vezes. Saindo com os amigos, lembro que o pessoal me convidava para sair, beijavam pessoas e eu não conseguia beijar, porque não era da minha natureza fazer isso na balada. E eu não queria, mas, mesmo assim, eu comparecia para cumprir meu papel na vida social, como um robô. Eu não me sentia plena, brigava muito e não entendia nem porquê estava fazendo aquilo. Me sentia diferente. Eu não era um homem *gay*, entendeu? Eu tinha relações com outros homens, mas não me sentia homem, eu não conseguia ser integral em nada, nem nas minhas relações sexuais.

E isso mais ou menos com que idade?

Faz muitos anos. Não adianta eu tentar medir quantidade, faz algumas décadas já. Foi muito tempo assim, vivendo uma vida que não era minha. É basicamente a minha vida, isso. Basicamente, era esconder a minha vida das outras pessoas. Esconder o que eu sentia, esconder os meus anseios. As pessoas não me conheciam, aí é que *tá*. Eu sou uma pessoa que não se sentia quem era.

Quando foi a primeira experiência negativa, na qual tu se sentiste mal pela tua condição?

Essa pergunta eu não tenho como responder. Eu não sei te dizer com certeza quando aconteceu alguma coisa, principalmente quem for transexual e travesti, ela é contrária em alguns momentos, começaram a acontecer e tu não sabe se aquilo é, e quando começou a acontecer...

É como se o tempo fosse relativo, assim, perdido?

Não, não, não. Vamos de novo. Eu não tinha consciência do que estava acontecendo. É diferente de ser homossexual. A pessoa *gay* gosta de pessoas do mesmo sexo, mas se identifica com o seu gênero, é seguro quanto a ele. A princípio, comecei a achar que era isso, mas ainda não estava segura. Não conseguia me ver como homossexual, nem como heterossexual. Não me via como nada, porque não me sentia como homem, mas também tinha a questão de não ter nascido mulher. Me sentia perdida. A situação que se põe na sociedade é da classificação de homem ou mulher e na sexualidade também é de homossexual ou heterossexual.

Entendo...

Então, eu tenho 43 anos e, quando era pequena, eu não tinha nenhuma referência. Não sei como começaram as divulgações da questão identidade de gênero, mas isso foi depois que eu comecei a minha transição e eu notei mais pessoas nessa situação. Quando eu comecei a ver que tinha esse “caminho do meio”, que é essa possibilidade de ser quem tu é e buscar a transexualidade. Não é uma questão de assumir, mas expor e colocar para fora aquilo que tá dentro de ti. É simplesmente exteriorizar o que ficou reprimido, durante muito tempo, tanto tempo te tornou outra pessoa. Eu sempre senti que era diferente. A relação com as pessoas, tanto com homens, quanto com mulheres, era diferente. Odiava quando um homem me queria como homem, eu não conseguia ter vontade de transar com essa pessoa, porque não era eu. Então, quando acontecia a relação, eu me imaginava como mulher, eu sentia que era um homem e uma mulher ali e, se me tirasse essa fantasia, acabava o relacionamento. A pessoa não podia falar nada, sabe, era uma coisa do tipo “fica quieto e me deixa fantasiar”.

E quando começou tua transição?

Eu devia ter uns 36 anos. Eu comecei bem tarde a transição, em termos de hormônios, porque a palavra “transição” eu tento não usar hoje em dia, pois é uma

coisa que não faz mais sentido. Eu já me conheço e a transição começou na minha cabeça há muito tempo. Só adequei o meu corpo ao que eu sempre fui e sou. A minha maior transição é para mudar as coisas que me impuseram, como comportamento programado, que são os reflexos de uma educação binária. É isso que devemos “transicionar”, do que esperam de nós para o que realmente somos. Me liberei do um comportamento onde eu tentava me masculinizar pra ser aceito. Isso não serviu de nada. As pessoas já me percebiam diferente, tanto que meus amigos cisgênero homens compareciam em inferninhos pra transar com mulheres e nunca me convidaram, sabiam que eu não iria. É engraçado, porque eu pensei que estava escondendo uma situação que nunca consegui esconder. *(risos)*. Por mais que eu me esforçasse e tentasse encenar o machão, porque eu tinha um medo terrível que as pessoas chegassem perto da verdade, aquilo estava tão dentro de mim que eu tinha medo de conseguir me libertar disso. Foi uma repressão tão grande na minha infância que enterrou meu eu, mas chegou um ponto em que a Rita dentro de mim não aguentou mais ficar soterrada no medo. Então ela saiu com tudo, saiu chutando, não quis nem saber, sabe? Ela precisava viver.

É importante sexo para ti? Como foi essa relação com o sexo?

Eu não tenho nenhuma relação com sexo. Eu não consigo entender como alguém vai gostar de mim sendo o que eu sou agora. Então, não gosto de ter relacionamento, não sinto a menor vontade de ter relacionamento sexual com ninguém agora, sabe? Até mesmo porque os hormônios tiram completamente a libido. Sou muito grata por isso, na verdade, eu não tenho a menor vontade. Hoje em dia, sexo, pra mim, é completamente nulo. Até se eu fosse me definir seria completamente assexuada.

Entendo. Antigamente, não era assim, então?

Não. O que acontece é que a pessoa é dona do teu corpo, ela te toca para te... para fazer sexo, a pessoa acaba fazendo isso contigo. E é um veneno, nesse sentido. Então, hoje em dia, sou tranquila em relação a isso, porque é tudo muito bem controlado. Eu tenho uma consciência da pessoa que eu sou hoje, que não é o que eu quero ser ainda. Há muita coisa que eu tenho que galgar, que construir, desconstruir e tem muita coisa que eu quero mudar, sabe? Eu não consigo ficar satisfeita com alguém me olhando ou desejando isso que eu sou hoje, porque está

desejando uma coisa que eu não gosto. O mesmo acontecia antes da mudança. Isso faz com que eu fique depressiva em alguns momentos. Não consigo entender, acabo tendo contato com homens que têm uma mente doente em alguns momentos.

Como assim?

É complicado, homens que têm uma mente de fantasia com transexuais, como se eu fosse um brinquedo, quando, na verdade, eu só queria uma pessoa que estivesse do meu lado de boa, namorando de verdade.

Um namoro “padrão”: colchão, edredom e chocolate?

É, quase isso. Pode ter alguma coisa, mas as pessoas querem estar comigo, porque me veem como uma pessoa hiperssexualizada, algo que eu não sou.

Tu acreditas que a massa da população entende as pessoas transexuais como hiperssexualizadas?

Sim, os homens que procuram transexuais e travestis, nos veem de maneira sexual. Têm algumas transexuais que, por trabalharem com sexo, são realmente hiperssexualizadas, mas é uma questão da profissão que elas exercem, como em todos os gêneros. Eu não sou assim e, às vezes, quando converso com algumas pessoas, percebo que elas me notam como simples objeto sexual. Essa sensação é muito ruim. Eu não consigo entender como alguém consegue sentir uma coisa por mim no estágio em que eu estou.

Tu te sentes incompleta?

Sim, em tudo. Não consigo me relacionar de forma completa com as pessoas por isso. É complicado, vivo na desconfiança, nunca sei se alguém vai me pegar, me xingar, me olhar de forma condenadora, me desejar brinquedo sexual. Muitas vezes, quando estou em algum lugar público, as pessoas começam a berrar comigo, por eu ser quem eu sou. Eu não consigo me sentir bem e completa. Hoje em dia, mesmo com todas as tecnologias disponíveis no mundo e, até mesmo eu trabalhando no ramo da tecnologia, eu não tenho dinheiro para fazer as cirurgias para mudar o rosto e exteriorizar o que eu sou. Queria sair na rua e ninguém me reconhecer, me incomodam os olhares das pessoas.

Como se eu nascesse de novo?

Exato, esse é um dos meus maiores anseios. Há muitas transexuais, a maioria das que eu conheço, que se sentem infelizes com a situação do rosto e do corpo. Essa questão me traz muitas frustrações e muita ansiedade. Hoje em dia, tenho que comparecer em eventos, dar entrevistas, apareci na televisão e não tive coragem de olhar. Eu me acho uma coisa horrorosa, tenho uma ideia muito ruim de mim mesma.

Qual ideia?

Eu vou deixar pra tu entender, não vou falar. Não faça essa pergunta.

Como é tua vida hoje, teu cotidiano mesmo. Tu falaste que viaja bastante, né?

Sim e quando eu venho para casa é programa e dormir. Mas, sim, eu viajo, mês que vem eu tenho duas viagens. Vou para Belo Horizonte e depois vou pra Bahia de novo.

Tu vais, digamos assim, em nome de alguma associação, da empresa?

Não, vou no meu nome. As pessoas me chamam para palestrar sobre diversos assuntos. Eu vou, mas as pessoas não têm ideia do que penso a respeito de mim mesma, do que eu vejo no espelho. É muito diferente do que eu acho que as pessoas enxergam.

E o que as pessoas enxergam?

É difícil falar de mim, porque me veem como alguém que é muito para cima, alegre. Eu não me vejo dessa forma, mas demonstro isso por um ideal, principalmente para que o público LGBT e o público feminino entendam que dá para fazer as coisas e não podemos abaixar a cabeça. Em muitas situações, pessoas vêm ao meu encontro para agradecer. Uma vez, isso aconteceu na Bahia: três pessoas me abraçaram, dizendo que era admirável uma mulher transexual no ramo da tecnologia, que é um meio, muitas vezes, extremamente machista e que eu servia de exemplo. O que as pessoas não sabem é que eu levei muita porrada nessa vida, eu saio na rua todo dia pra ser xingada, há horários de ônibus que eu não posso voltar pra casa, porque passa a porcária do lixeiro, caminhão de lixo, e toda a vez que passa o caminhão de lixo me xingam. Eu não tenho paz, eu tenho que sair de casa com um escudo. Gasto horrores com serviços de transporte particular pra ir e

voltar em segurança do trabalho. Às vezes, nem olho quanto vou pagar, evito pegar ônibus por conta dos olhares preconceituosos. Há casos de indelicadeza, nos quais olham, apontam e chamam a atenção dos outros, como se estivessem em um circo e eu fosse a atração principal. Então, eu chego em casa, fico quieta com meus filhotes, dou uma voltinha na rua e volto para dentro de casa de novo, o único lugar que eu realmente me sinto segura. Quando vou nos eventos palestrar, as pessoas são avisadas de que sou uma mulher transexual e acabam criando uma proteção, ficam com medo e não se tornam uma preocupação, porque eu aprendi a não me preocupar tanto. Eu falo bastante sobre empoderamento, no intuito de trazer uma visão ampla do que é realmente trabalhar com TI e auxiliar na mudança das empresas, mas eu gosto que me respeitem. Se alguém falhar nesse quesito, mesmo sendo um ambiente de trabalho, responderei à altura. O público que conhece me respeita, a Rita que sempre responde quando alguém lhe ataca, ou seja, falou e agora vai ouvir. Uma vez me levaram lá em uma empresa em Salvador, que era um clubinho masculino, tudo brinquedo de menino. Perguntei quantas mulheres trabalhavam lá e me responderam que apenas três. Então, eu apontei todas as falhas que eu havia observado e provei o quanto mulheres são competentes e fazem falta. As pessoas conhecem o meu trabalho e sabem muito bem como eu sou. Algumas me odeiam por isso e outras me amam pelo mesmo motivo.

Tu ministras palestras autonomamente ou representas alguma organização?

Eu não represento ninguém, eu vou por mim mesma.

Na empresa onde tu trabalhas apoiam a tua ida aos eventos, te liberam para palestrar?

Antes de me contratarem, eu expliquei que viajo bastante, que comparecia em eventos e ministrava palestras, mas também dei muitos motivos para me contratarem. Então, mesmo com algumas ausências, a empresa resolveu me contratar.

E por que as empresas te contratam?

Eu não tenho a menor ideia, pelo meu carisma que não é! Sou exigente, reclamo bastante, às vezes não quero falar com os clientes e fui bem clara a respeito dos eventos. Mesmo assim, me contrataram. Creio que foi pelo meu conhecimento

técnico. As pessoas acabam gostando de mim. Não entendo, porque nem eu gosto de mim, acho que sou o problema. É isso: não consigo me ver como uma pessoa vivendo em uma sociedade da forma que esperam, sinto como se eu não fosse integrada na sociedade e também desisti de ser. Eu vivo a vida da minha maneira e aprecio ficar em casa com meus filhotes. Acho que eles me entendem. Sabe, eu não consigo olhar a minha conta no banco, porque eu fiquei um ano sem emprego, passei fome, eu descobri que com uma coxinha de galinha tu consegue almoçar e jantar. Depois disso, não consegui mais gastar dinheiro. Agora é que eu estou começando a gastar dinheiro de novo, porque não conseguia. Por exemplo, as minhas roupas são de eventos que eu ganho, você olha para mim e vê uma própria amadora, é camiseta da (empresa F), (empresa G), e eu só ando assim. Não tenho coragem de chegar em uma loja e comprar roupas ou acessórios, eu não me sinto bem usando roupas muito femininas, me sinto uma palhaça, porque não me vejo desse jeito. Eu me vejo como uma pessoa que está em transição, mas não está completa. Então, vou me tornar alguém que eu não sou, vou fazer algo que eu sempre lutei contra, tanto que nunca quis usar uma roupa feminina, enquanto fosse menino. Sentia nojo de fazer isso. Embora as pessoas falassem da existência dos *crossdresser*, eu me sentia mal com aquilo. Eu olhava na internet aqueles caras usando calcinha, eu sinto nojo daquilo. Sou binária, acredito que, se você deseja ser mulher, você deve ser. Há pessoas que são assim e outras que não são. Eu preciso disso. No entanto, ainda não consigo me ver com uma roupa muito feminina. Talvez eu amasse usar, mas não uso, porque não tenho um corpo para fazer isso. Há várias questões que atrasam minha vida e que afetam muito a minha autoestima. Fico ansiosa e, às vezes, depressiva por conta de alguns hormônios. É muita coisa para lidar, mas tenho essa casa, o computador que me faz bem, meu trabalho, o conhecimento técnico, assim consigo viver uma vida normal, pela internet, onde as pessoas não olham a minha cara. Agora estou correndo para fazer depilação facial permanente, porque é um nojo acordar e tirar os pelos do rosto, essas pequenas coisas cotidianas me colocam para baixo. Então, chega muita informação negativa para as pessoas transexuais que estão no processo de transição, tanto interna, quanto externa. Às vezes, consigo me proteger, outras não.

Tu crês que alguma espécie de responsabilidade nesse processo de construção e desconstrução, no sentido de ataque a esses pontos de confiança, de autoestima e de insuficiência tua, é da família e da escola?

Eu não tenho contato nenhum com a minha família, com ninguém, vai fazer mais de dois anos. Mesmo antes de me afastar, não existia relacionamento com eles, nem afetivo, nem conversas. Então, eu aprendi a ser assim. Não tenho relação nem com a minha mãe. O que eu lembro da escola é que as pessoas que eram gays sofriam muita discriminação. Eu aprendi a me defender na escola, mas, na vida adulta, no dia a dia, é assim em vários momentos. Mas, felizmente, algumas crianças estão com a cabeça muito aberta. Conversei com duas meninas de colégio, duas meninas que eu quero ver se consigo levar para fazer uma palestra, uma com 12 e outra 13 anos, as gurias são um amor. Fiquei encantada de ouvi-las falando sobre gênero, sobre sexo, sexualidade, sobre identidade de gênero, sobre orientação sexual... Elas tem uma ingenuidade, uma doçura. Há crianças que têm um nível muito maior de maturidade em relação a isso, mas têm outras que não, por causa de uma relação com a família muito opressora. Muitas pessoas repressoras que se acham donas da verdade, acabam passando para criança suas limitações. Mas não é culpa da criança aquilo, é culpa da família, dos pais que são ignorantes e não querem se abrir pra nada, não passam valores para criança e ela acaba ficando assim.

Foi assim contigo?

Bastante. Minha família era racista. O meu pai é filiado ao PT, um bando de corrupto, não o vejo faz 15 anos, ele é separado da minha mãe. No colégio, eu era uma criança muito violenta, em alguns momentos, porque eu carregava o peso de uma criação onde eu não podia expressar meus sentimentos, não podia fazer nada. Então, a única coisa que me restava era a violência. Isso acabou formando um adulto idiota, mas, quando me libertei disso, percebi que não posso ficar perto dessas pessoas, porque elas me fazem mal.

Tu és uma pessoa mais confiante do que tu eras?

Depende o que tu chamas de confiança. Não sei te dizer, têm altos e baixos nessa minha relação com a autoestima, muitos altos e baixos.

Mas isso é consequência do que tu viveste na escola, na família e nos meios sociais?

É um pouquinho de cada coisa. Não sei se tão pouquinho assim, porque, até hoje, trago muitas questões da minha infância. É difícil. Não me deixavam chorar, expressar meus sentimentos pelas pessoas. Eu não podia muitas coisas, tudo por ignorância. Me sinto idiota por ter aceitado isso por tanto tempo e não ter ido embora antes. Me culpo por não ter conseguido, por não ter força, coragem, conhecimento e discernimento naquele tempo. Chegou o dia onde havia apenas duas opções: eu fazia a transição ou eu me matava. Creio que esse pensamento suicida é frequente em pessoas transexuais, entrar em depressão, pensar em se matar, é comum, porque não tem sentido viver em um mundo que não te aceita e te agride de muitas formas. Isso acontece na rua, as pessoas querem te bater e falam isso, se sentem ofendidas com a tua presença. Tenho medo que representantes governamentais que disseminam ódio cheguem ao poder, penso que vou estar na rua e alguém vai me bater até morrer e depois vão continuar com isso. Mas aí não estarei preocupada, porque estarei morta. Então é uma sensação de viver sempre à beira de morte, com medo da violência, mesmo que às vezes não aconteça nada.

Então, seria algo como uma sensação de viver com a morte constante, violência constante, mesmo que não aconteça nada?

É, é isso.

Acreditas que, nesse processo de transição, tu começaste a ficar mais confiante, mais consistente, “menos idiota”?

Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Troquei um problema por outro, mas estou mais feliz por estar comigo mesma. Não que isso retornou em confiança - ao contrário, comecei a ter medo de coisas que não tinha. Eu não posso ir em qualquer banheiro, não saio mais com meus amigos, não saio mais de casa, podia sair, pegar um ônibus, podia entrar em um ônibus lotado e sair para qualquer lugar. Hoje em dia, não posso fazer isso, eu uso serviços de transporte particular. Não é só insegurança, é medo, eu não sei o que pode acontecer. Insegurança qualquer pessoa tem, mas as questões de insegurança são diferentes, tanto para uma pessoa transexual, quanto para uma pessoa cisgênero. Uma mulher cisgênero pode ser atacada sexualmente, devido ao machismo, e em determinadas situações; mas uma

mulher transexual pode ser agredida apenas por estar ali, simplesmente por estar transgredindo algo que a maioria das pessoas não compreende e acredita que não deveria ser transgredida, muitas vezes até por valores religiosos.

Tu falaste que ser transexual é transgressão?

Não, não falei isso. Eu disse que as pessoas te veem transgredindo, não falei que é uma transgressão. Ser transexual é uma liberdade para ser quem tu és, isso que é ser transexual, tu estava regredindo quando não conseguia expor quem tu era, isso, sim, era uma transgressão, uma violência. No momento em que comecei a transição, eu soube que não iria durar muito tempo, porque, dependendo dos hormônios que tomo, posso ter até um câncer. Eu acho que a minha vida vai acabar daqui a uns dez anos, são realmente fortes. Então, acabo não me preocupando se as pessoas vão me matar, se não vão, todo mundo morre um dia, mas sou cautelosa: não vou a qualquer lugar, não pego qualquer transporte, tenho receio de tomar um táxi, porque podem me agredir verbalmente e, em casos extremos, até fisicamente, quando vou a alguma loja posso ser mal tratada, o atendente da loja pode não usar o gênero certo propositalmente, alguns homens inconvenientes podem me olhar e falar debochadamente comigo, como se eu fosse homem... São situações que me incomodam e podem ser evitadas se eu ficar em casa. Não quero fazer amigos, tenho medo de conversar com as pessoas. Na minha empresa, eu não falo com ninguém, eu entro com a cabeça baixa, fico na minha mesa, faço minha refeição e saio de cabeça baixa.

Tu almoças na empresa?

Sim, na minha mesa, mas há dias que não almoço. Não gosto de me expor quando estou comendo, porque, às vezes, acaba dando problema. Como te falei antes, as pessoas cisgênero percebem, mas me sinto mal quando alguém não respeita o meu gênero e usa o masculino para se referir a mim, como às vezes acontece nas lojas. Nessas situações, me retiro. Eu evito sair, para não causar conflitos, prefiro ficar em casa e as pessoas começaram a entender isso. Meus amigos vêm na minha casa quando precisam falar comigo, ou eu vou na casa deles, mas em lugares públicos, barzinhos e festas, eu não vou. Não quero passar por esse tipo de agressão. É diferente quando eu vou a um evento. Sou anunciada como transgênero, as pessoas me tratam bem. Por exemplo, em Salvador fui muito bem recebida, por todos da

cidade, eu até pensei que havia avisado toda a cidade que eu chegaria. É um lugar que eu gostaria de morar, porque o tratamento foi incrível, as pessoas são mais leves. Acredito que é porque o povo de lá entende como o preconceito funciona, por conta da etnia, muitas pessoas de lá devem ter sofrido com isso quando estiveram aqui no Sul, sei disso porque nasci aqui em Porto Alegre.

Tu acreditas que a forma como tu foste tratada, em alguns estabelecimentos, e, principalmente, nas empresas em que tu trabalhaste, tem uma influência muito grande sobre tua vida, teu estilo de vida?

Acredito que as empresas não estão preparadas para receber pessoas transgênero. Na verdade, elas nem sabem como fazer isso. As que contratam é apenas pra enfeite, porque está na moda.

Não é sério, não é de verdade?

Não existe empresa séria em relação à identidade de gênero. Isso é fachada. Se existe, no Brasil, eu não tenho conhecimento. O que eu mais vejo é as empresas investirem nas aparências. Quando há oportunidade para o público LGBT, é para aquele que é imperceptível a sexualidade, ou para o público cisgênero, padrãozinho, loiro do olho azul.

E fora do Brasil?

Não sei, nunca estive fora do Brasil.

Que tipo de pessoa tu acreditas que és?

Depende. Se tu falar sério comigo, vou falar sério contigo. Eu não abro a guarda pras pessoas por que já levei porrada demais. Então, se me tratar bem, eu trato bem e, se me tratar mal, eu vou embora, não discuto, nem vou me preocupar. Primeiro, porque eu não falo com as pessoas sobre identidade de gênero e, muito menos, sobre a minha vida. O que eu falo é em eventos e são os assuntos que as pessoas querem ouvir. Quando alguém vem falar comigo, eu não vou falar sobre isso. Houve um caso onde a pessoa especulou demais minha vida e eu me senti ofendida, a situação foi muito ruim. As pessoas, na maioria das vezes, querem opinar, me questionam se eu estudei. Hoje, já nem respondo mais. Me pediram para falar a respeito de identidade de gênero com pessoas padronizadas e eu sei que não vão

querer me ouvir, são todos iguais, tem medo de ser quem são. Eu odeio ser igual às outras pessoas. Eu sou o que eu sou. Se eu tiver que xingar o meu chefe, vou xingar, porque eu não fico muito tempo nas empresas. Por uma razão ou outra, não importa se eu for uma flor de pessoa ou uma pessoa demoníaca, o tempo é igual, eu simplesmente não abandono mais os meus valores. Esses dias estávamos falando sobre ser a favor do cliente: não concordo, acredito que eu devo estar bem, minha equipe deve estar bem, pra, depois, atendermos ao cliente. Eu estou nesta empresa para ajudar as pessoas a crescerem. Tem uma garota que entrou agora e está testando muitas coisas, estudando bastante. Sinto maior orgulho, por isso minha equipe em primeiro lugar. Depois, o cliente.

Tu falaste dos teus valores. Quais são eles?

Um dos meus valores é empatia, me coloco no lugar dos outros e tenho uma visão ampla. Eu noto o que as pessoas não conseguem enxergar. Por exemplo, quando vou em algum lugar, consigo perceber o que funciona e o que não funciona, vejo o que atrai o público-alvo e também o que está equivocado. Aconteceu em Salvador: a maneira como as pessoas se expressavam e cumprimentavam era violenta, eu percebi isso só no olhar.

Então, eu tenho esses entendimentos, eu percebo onde vale a pena trabalhar ou não. Tem muita empresa em que eu não trabalho, me mandam para certas empresas e eu recuso, porque acredito que minhas palestras não vão surtir efeito. Às vezes, prefiro não receber e passar fome, do que me sujeitar a certos constrangimentos.

Quando tu passaste fome foi por falta de emprego?

Fiquei sem emprego durante um ano.

Foi mais ou menos perto da transição ou foi antes?

Depois. Eles não me contratavam por ser transexual. Antes eu conseguia emprego facilmente.

Tu te formaste em sistemas?

Não, sou autodidata, aprendi sozinha. Uma vez, comecei a fazer faculdade, mas não era aquilo que eu queria. Não fazia sentido para mim. Por que aprender o que todo mundo aprende se eu não sou nem um pouco igual às outras pessoas?

A comunicação nas empresas é sempre violenta, como tu comentaste? E o que é uma comunicação violenta?

Sim. Aquela coisa de empresas, que pessoas gostam de fazer piadas com o outro, sobre limitações físicas e questões de raça, cor, sexualidade. Até a maneira com que eles se cumprimentam, principalmente a forma que cumprimentam a mulher, fora os palavrões e tudo mais. Um homem começar a falar mais alto e mais grosso, isso é algo violento, tentar se impor perante as outras pessoas, impor suas ideias e ir contra as outras, sem motivo aparente ou justificativa. Nunca consegui chegar em um consenso com pessoas violentas. Têm empresas, onde as pessoas são muito violentas, competitivas, não são parceiras umas das outras. Eu não me importo muito se gostam ou não de mim e também não me preocupo se vou ser demitida. O meu trabalho faço bem feito, mas não espere que eu puxe o saco de alguém para conseguir alguma coisa. Isso me causa muitos problemas, porque as pessoas esperam que eu fique quieta, não faça perguntas e não argumente. Por isso, fico pouco tempo nas empresas. Eu não consigo ficar quieta e ser desse jeito me dá até um alívio. Estou em um projeto, no qual me sinto bem com as pessoas, e, ano que vem, provavelmente, vão me colocar em outro. Conheço vários projetos nessa empresa, eu sei que eu não vou me adequar a outro, então sei que ano que vem vou estar desempregada de novo. Porque eu sei que não vou me dar bem, eu entro na empresa e ninguém fala nada comigo. Faço meu trabalho no meu canto e acabo bloqueando qualquer tipo de relacionamento que possa ter com os colegas, mesmo profissional. Imagino que, por todas essas questões, irei ficar sem emprego novamente. Talvez, um ano sem emprego de novo. E assim as coisas vão acontecendo.

Quais são os teus valores? Tu ficas confortável vivendo assim? Ou seja, tu és feliz vivendo assim?

Não, as pessoas são assim e eu não vou entrar nesse jogo. Não se trata de se sentir confortável ou não, eu sou assim. Quem é que vai ficar confortável passando fome?

Que vai ficar confortável sem luz dentro de casa? Ninguém fica confortável nessa situação.

Mas tu te consideras uma pessoa infeliz?

Não, não me considero nada, eu simplesmente vou vivendo e só estou viva por causa dos meus filhotes, porque eu não tenho uma razão para estar viva.

E tu acreditas que a empresa não te ajuda a buscar uma razão ou ela piora a situação?

Não tem nada a ver com a empresa, é coisa minha. Não quero que a empresa me ajude em nada, não quero dever favor para ninguém. A questão da empresa na vida das pessoas não existe. As pessoas vão na empresa trabalhar e ganhar dinheiro. Ninguém gosta de trabalhar, isso é humanamente impossível. Alguém gostar de trabalhar? Não acredito que exista alguma empresa de fato engajada com questões LGBT ou feministas, talvez uma ou outra que aborde questões dos *gays*, mas acredito que com o foco no *gay* branco, bonitinho, que ninguém imagina que é *gay*. Então, é para isso as políticas das empresas: para *gays* brancos, não afeminados. Não serve para o *gay* afro-descente, pobre e afeminado.

Tu disseste antes, quero saber como são teus filhotes. Conta da tua relação com eles.

Os dois têm quatro patas e aqueles orelhões gigantescos. São carentes.

Como são os nomes deles?

Candy e Ichiro. Pensei que a raça Shitsu fosse japonesa e quis colocar Ichiro, porque acreditei que significava primeiro filho, em japonês, mas depois descobri que Ichiro é chinês ou indiano.

A Candy e o Ichiro têm que idade mais ou menos?

Vão fazer sete aninhos.

Como foi que eles apareceram na tua vida?

Eu fui atrás do Ichiro, na época que vendiam bichinhos pela internet, e a Candy comprei depois para fazer companhia pro Ichiro. Os dois tiveram seis filhotes (*risos*).

Eu dei todos, não queria vender. Escolhi muito bem os novos pais dos filhotes, porque eles têm um custo muito alto e têm problema de pele, não é qualquer pessoa que vai conseguir cuidar deles. Só vai poder dar ração X, porque eu só dou ração X. Foi muito chato na hora de dar, foi uma tristeza, chegava a ser uma onda de filhotinhos, mas eu não ia ter condições de ficar com todos.

Uma família muito grande, né?

Grande demais. Oito cachorrinhos dentro de casa, não dá!

Mais ou menos de que cores eles são, o Ichiro e a Candy?

A Candy é branca com preta e o Ichiro é caramelinho.

Os filhotes deviam ser lindos!

Nossa, metade como a Candy e metade como o Ichiro. Exatamente, metade e metade.

Que amados. Então a gente pode dizer que a Candy e o Ichiro são a tua família?

São a minha família, com certeza. A Candy me entende, quando estou triste ou irritada ela vem para cima de mim e me lambe para me deixar melhor. Eu vejo nos olhos deles que eles sabem como estou me sentindo. Então, foi muito engraçado: eu deixei eles no sítio para cuidarem deles um dia antes de eu ir viajar. Choveu muito nessa noite e, sempre que chove, eles dormem comigo. A Candy dorme na minha cabeça, porque ela fica com medo que eu não consiga dormir. Senti muita falta deles. Achei tão estranha aquela sensação de vazio, porque eles preenchem muito a minha vida. Quando eles estão em casa, a casa fica silenciosa. Eles ficam ali me olhando, a Candy no meu peito e o Ichiro nos meus pés. São os presentes da minha vida! Não consigo me imaginar sem eles, tanto que, no verão, só viajo pra lugares em que possa levar eles. Nunca vou para o nordeste, porque não faz sentido ir sem eles estarem juntos, não é completo. Se tiver que ir para o nordeste ou pra Quintão, eu vou pra Quintão, se eu puder levar eles.

Eles são o amor da tua vida?

Com certeza absoluta! Esses dias que choveu vários dias, tinha coco e xixi pela casa toda.

Tu chegas e os leva para uma voltinha?

Sim, sempre. Todos os dias saio com eles pra dar voltinhas.

Eles ficam sozinhos em casa?

Ficam, a raça é bem de apartamento.

Tu falaste que imagina que talvez vá viver mais dez anos, né. Como tu vêes o teu futuro, então?

Não vejo. Não planejo nada, porque cansei de planejar as coisas e saírem diferente, não planejo mais nada. Nenhuma sensação.

Não tens nenhuma perspectiva de nenhuma versão de sozinha em casa, um futuro sozinha?

O que eu sei eu vou viajar para Belo Horizonte agora, vou participar da Feira do Livro sobre ciberfeminismo no dia 5 de novembro.

Vai ter livro, alguma coisa tua?

Não, é um debate ao vivo lá na Feira do Livro, eu vou estar lá. No dia 18, eu vou estar em Belo Horizonte e, talvez, dia 25, em Salvador, mas não me confirmaram ainda. Então essas coisas que eu tenho para fazer, são a única coisa que eu sei e Natal e Ano Novo vou passar em casa com meus filhotes.

Tu falaste em perspectiva de cinco, dois, três, assim, quantos anos?

Não tenho, eu não faço nenhuma projeção.

Então, o amanhã é um mistério?

Não tenho mais essa ambição de fazer projeções, eu tenho muita coisa. O que as pessoas estão galgando hoje em dia, eu já tive, já comprei apartamento, meu apartamento tem quase 100 metros quadrados, comprei um carro zero, já viajei bastante dentro do Brasil, só não fui para o exterior. Então essas coisas que as pessoas estão fazendo, eu já fiz, não tem essa vontade. Hoje, a única vontade que

tenho é de ser eu mesma, tentar ser uma pessoa legal, me livrar de algumas coisas que ainda tenho problemas, como essas coisas de não conseguir me relacionar. São um problema, são coisas que eu trago da minha vida, de tentar me proteger.

Tu já amaste alguém? Falando como se fosse um cônjuge ou algo assim.

Não sei, não sei te dizer.

Entendi. Tu falaste que a Candy vem conversar contigo, entende quando tu ficas muito brava e triste. Tu costumava, apesar da questão dos hormônios, ficar triste. E tu choras e és uma pessoa emocional ou não?

Muito. Tem dias que os hormônios te tiram muito do ar.

Tu choras pelo que, por exemplo?

Por tantas coisas. Vendo filme, assistindo algumas séries, entrevistas, documentários. Assisti toda a série de *Star Trek New Generation* umas quatro vezes, é utópico, a única coisa que se trabalha é o desenvolvimento pessoal, porque, no Planeta Terra, não existe mais fome, nem necessidade nenhuma, porque as tecnologias já provêm tudo o que a humanidade precisa. Então, você tem um mecanismo onde não há cozinha dentro de casa, há um espaço onde pedimos a refeição e ele transforma energia em matéria. Isso supre a necessidade de qualquer pessoa. Não há fome, trabalho, corrupção, só precisamos aperfeiçoar a cidade. Me faz falta assistir, porque é um lugar onde eu gostaria de existir. Eu consigo imaginar um futuro melhor. Não consigo entender como alguém consegue imaginar o futuro sem assistir *Star Trek*, porque foram essas pessoas que previram todo um futuro que a gente está vivendo, que a gente possivelmente vai viver também. Então, imaginar um futuro onde as pessoas serão super empáticas, onde há pessoas como o Capitão Car, que é extremamente lógico e não se deixa levar, me identifico com ele, os valores que ele tem estão acima de tudo e ele impõe isso para ele mesmo, mas não para as pessoas. Ele é um líder, os valores dele são seguidos pelas pessoas, ele consegue sair de situações terríveis, onde está prestes a morrer, apenas conversando e dialogando. Isso, para mim, é fantástico. Não há agressão, só conversa. Não há violência. Eu não sou perfeita nisso, mas eu gostaria de ser tão perfeita quanto aquelas pessoas que estão ali, aquele mundo criado pelo Gene Roddenberry me inspira. Chego em casa, assisto aquilo e relaxo. O seriado me tira

um pouco dessa realidade que eu tenho, meio crua, meio dura, onde saio na rua e as pessoas me xingam. Já cheguei em casa me mijando no elevador, porque não podia usar o banheiro. É até uma questão de aprendizado, apenas para aprender coisas técnicas, mas também coisas humanas, e implementar nas minhas questões técnicas de tecnologia, fazem com que eu tenha uma visão muito mais abrangente das necessidades das pessoas que irão utilizar o sistema, coisa que muita gente não consegue. Quando eu digo que está faltando algo as pessoas riem de mim e depois descobrem que realmente estava faltando. Isso acontece, frequentemente, principalmente, porque não assistem *Star Trek*. Como imaginar os sistemas tecnológicos se não assiste coisas que estão pensando no futuro? Porque as pessoas que fazem seriados de ficção científica são pessoas que estão pensando no futuro. Tem muita coisa que falam que seriados como *Star Trek*, e pessoas como o Carl Sagan, Gene Roddenbery, Isaac Asimov, ente outros, pensaram no futuro que está acontecendo agora. Isaac Asimov deu uma entrevista incrível vendo como ia ser a internet, o telefone, essas coisas. Ele previu tudo isso tudo que a gente está vivendo e as pessoas não se dão conta que elas têm que entrar em contato com essas pessoas.

Quando você viu a entrevista?

Eu não lembro. Ele fala com as palavras dele muitas ideias de como a gente ia viver hoje.

E tu assististe isso na época, como que é?

Não, ele já morreu faz anos (risos). Nossa, está na internet, vou ver se eu consigo achar e te passo. O nome é Isaac Asimov prevê impacto na internet. Isso é muito louco e as pessoas não assistem. O mundo que a gente vive já foi previsto por pessoas que escrevem ficção científica, não são pessoas que escrevem romance, romance também entra na questão humana, mas previam como os humanos se relacionariam com a tecnologia. Isso é muito mais avançado e eu me identifico com essas pessoas, porque viajo pensando nas coisas que vão acontecer e não vão acontecer.

Como assim, o que tu viajas?

Por exemplo, quando eu era criança, eu lembro que vi o cometa Harley, quando ninguém viu. Eu consegui pelo mapa astronômico a posição, e, a olho nu, identifiquei onde ele estava. Eu falava coisas do tipo, se enxergamos as estrelas, elas provavelmente até já explodiram, estamos vendo pela velocidade da luz. E as pessoas riam, eu era criança quando isso aconteceu. Lembro que me colocaram na catequese para aprender, mas os caras começaram a falar de Deus e eu expliquei que a poeira cósmica e os gases transformaram o sol e assim começou a formar o planeta. Era criança quando falava essas coisas, mas as pessoas que ficavam em volta de mim não entendiam.

Hoje tu crês nessas “viagens”?

Não são viagens, tudo se provou realidade. Eu falava o que eu lia nas revistas científicas. Na época não havia internet, então eu lia muitas revistas. Então minha formação é essa. Eu entrei para tecnologia por causa disso, porque eu gostava de pensar. Como não gosto de ficar só no meu celular, posso trabalhar na tecnologia, que é um pouco mais perto. Sabia que todo mundo que trabalha na NASA adorava assistir *Star Trek*?

Não sabia.

Pois é, tem um documentário que é muito engraçado, que o pessoal do filme *Star Trek* e do *(inaudível)* esse pessoal enlouqueceu, eles diziam que trabalhavam lá, assistiram *Star Trek*, a primeira geração e a segunda geração dos livros do Isaac Aisnov. São pessoas que pensaram, leram e que viam o futuro diferente. Trabalharam com tecnologia furiosa. Outra pessoa da NASA foi um astronauta que diz que só foi astronauta porque amava *Star Trek* e levou a imitação de um laser em fase. Olha que loucura, é fabricado hoje em dia porque o Gene Roddenberry pensou nisso.

Que doido.

E pensa, o que é há na ficção científica é estudado hoje. Então volto a dizer: como uma pessoa que não vê esse mundo, que não lê, como a pessoa vai sonhar? Como essa pessoa vai instigar outras pessoas? Como ela vai falar com paixão de algo que ela nem sonha que pode acontecer?

Tu tens sonhos?

Claro que tenho, mas sonhos normais.

Como assim sonhos normais? Quais são teus sonhos, por exemplo?

Não tenho a mínima vontade de falar disso, estou tão cansada (*risos*).

Tu te referes a sonhos quando tu dormes, não a sonhos como: eu gostaria de... queria isso... correto?

Não. Eu não tenho mais essas relações com o mundo, minha relação com o mundo não é essa.

Mas essas histórias de ficção que tu contas, elas têm relação com o mundo, né?

Não. As histórias que eu conto não são desse mundo, já passou. No *Star Trek*, pro mundo realmente melhorar, eles tiveram uma terceira guerra mundial, que foi uma guerra atômica.

Entendi.

Para mim, não tem uma chance pra humanidade, ela vai ter que se acabar.

Tu falaste sobre Deus, quando tu eras criança, e voltaste a falar agora na Catequese. Como é tua relação com a fé?

Não sei, para mim não faz menor diferença se existe ou não existe.

Sempre foi assim?

Desde que eu me entendo por gente, foi, não faz diferença isso. Não tem nem cabimento pensar em uma coisa dessas, assim como não tem cabimento pensar no que vai ser depois que morrer, como não tem menor cabimento pensar no que existia antes do *Big Bang*. Não tem cabimento algumas coisas, porque não fazem sentido. Porque a relação que as pessoas fazem com Deus é ilógica, se é para ser ilógica, não serve.

Tu te consideras uma pessoa lógica, racional?

As pessoas me incomodam por causa disso. Até a maneira com que eu falo, por exemplo, se eu disser que ninguém veio à minha festa, quem veio na minha festa?

Tu te importas em ter relação lógica, as coisas terem sentido?

Sim, é assim... (*pausa*) é que eu estava pensando em outra coisa.

No que tu estavas pensando?

Não, é que tu me perguntaste sobre a questão lógica, e eu vivo muito isso, todo dia tenho que achar relações lógicas, por exemplo, bancos de dados, algoritmos, meu trabalho é esse. Eu lembro que, naqueles exames psicotécnicos para carteira de motorista, eu me saía muito bem, porque era uma simples questão lógica. Então, isso eu não tenho problema, mas quem é muito lógica, normalmente, tem problema de relacionamento com as pessoas. Hoje em dia, não me sinto à vontade para me relacionar com as pessoas. Se as pessoas não vierem me visitar, eu não tenho contato com ninguém. Avisei meus amigos para não me convidarem, alguns conhecidos convidam, eu educadamente digo que não, mas as pessoas acabam se afastando. Meus amigos entendem e não me convidam para mais nada, pois sabem que não frequento muitos lugares e me sinto bem assim.

Então quer dizer que é muito raro, por exemplo, tu conversares com alguém?

Não converso, não me abro nunca, só para minhas amigas transexuais. Pessoas cisgênero nós não conversamos muito. Há coisas que a gente não fala, há coisas que eu nunca vou te falar (*risos*).

Por quê?

Porque não, simples assim. É muito fora do teu alcance o entendimento disso. Então a gente desiste. Não tem porque falar, discutir isso vai ser uma tentativa desnecessária. Normalmente, as pessoas dizem que não concordam, mas elas não têm que concordar com nada (*risos*). É um fato: a pessoa nunca vai entender o que nós passamos. Há coisas que eu deixei de fazer e situações pelas quais eu passei, as quais ela nunca vai passar, então não tem porquê. É um desgaste desnecessário, melhor não falar.

Tu se sentes bem nessa conversa?

Eu me sinto, porque tu tá estudando, pesquisando, não tá no intuito de me julgar ou expor tuas opiniões. Então, é importante falar sobre isso. Normalmente, as pessoas na rua querem opinar e podem acabar criando um conflito comigo, ao ponto de mandar a pessoa longe. Tu tá só me entrevistando, não opinando. É seguro.

E como tu te sentes falando isso para mim?

Estou tranquila em relação a isso, não tem muita preocupação.

Sentes segurança?

Sim. Tá em um nível de segurança. Têm coisas que a gente nunca vai discutir, porque não faz sentido, nem mesmo para as pessoas que tu apresentar, elas também não vão entender. Têm coisas que a gente não fala e que eu nunca vou te falar. Vai acabar sendo um adereço no teu trabalho que não vai fazer sentido nesse momento da nossa vida. Nossa humanidade, quem sabe uns dez anos, começa a fazer sentido então. Então não faz sentido.

Ok. E se a tua história fosse um livro ou filme, seria um tipo *Star Trek*, de ficção científica? Como seria e que título ele teria?

Uma coisa bem chata, violenta, ou um Tarantino da vida.

Que título mais ou menos teria e seria por quê?

Não tenho nem ideia. Nunca parei para pensar nisso... “transloucada”? (*risos*).

Trans e tresloucada?

Nesse sentido, assim. Mas, sei lá. É como eu falei: acho que o Tarantino é o melhor exemplo porque tem muitos altos e baixos. Têm momentos malucos e não tão malucos também (*risos*). Mas é uma história meio *Pulp Fiction*. Minha vida está mais pra *Pulp Fiction*, que é uma loucura estranha. Eu me sinto em um mundo louco, as pessoas pensando de uma maneira completamente ilógica, irracional. Não faz sentido para mim a maneira como chegam a certas conclusões. E eu me sinto completamente deslocada, não consigo me encaixar. Estava conversando com um colega meu que é *gay*. Eu questioneei se ele se sentia encaixado no mundo, me surpreendi com a resposta afirmativa. Quando ele indagou o motivo da pergunta e

expliquei que, desde pequena, não consigo me encaixar em nada, nem família, nem mundo, nem amigos, nem nada. Eu sempre tive amigos e eles fazem coisas, se comunicam de uma maneira que eu nunca entendi. Eu tento ser meio (*inaudível*). (*risos*) Têm coisas que me fazem ser muito lógica, algumas formas de pensar, meus gostos são diferentes. Então, algumas formas de pensar e gostar das pessoas trans, seguinte, não são gostar. Tu “gosta” só porque todo mundo “gosta” e não adianta me convencer do contrário. Eu observo muito as pessoas, o rosto, a maneira com que falam. Há uma amiga minha que ela fica “puta”, porque ela nunca parou para pensar naquela situação. Na empresa jurídica, onde outra amiga minha trabalha, tem um segurança que só se veste de terno e gravata. Ele precisa do terno para trabalhar, mas ele nunca vai chegar no nível da pessoa que ele atende, porque aquela roupa, mesmo que sirva nele, deve ser alguma coisa que ele comprou na promoção. No entanto, ele vai tentar exercer todo poder que é dado para ele. Como uma máscara, cara feia na entrada e na saída, mostrando seu poder sobre quem entra e quem sai na empresa. As pessoas normais não reparam nisso. Quando eu cheguei lá, eu vi de cara isso. Mas sabe por que eu percebo isso? Porque eu aprendi que eu tenho que analisar muito bem o ambiente em que estou, para saber de onde vão vir as agressões e me proteger delas antecipadamente. Isso é péssimo! Então, vivo eternamente uma tensão. Nunca sei em quem confiar de verdade, mesmo confiando naquelas pessoas que já conheço. É difícil alguém se aproximar. Tenho poucos amigos e poucas pessoas em quem eu realmente confio. Confio nas minhas amigas trans, porque elas passam pelo que eu passo. Por isso, falo com elas. Elas me entendem quando digo que eu não consigo mais olhar na conta do banco. Não tem noção do que eu já passei por causa disso. As pessoas tentam menosprezar as coisas que eu sinto, tendem a fazer isso. Até elas entenderem que eu já passei por isso, aí começam a chover no molhado, na melhor das boas intenções, tentando ajudar, mas não entendem que não faz mais diferença para mim. Já tentei ser uma pessoa super boa e uma pessoa super ignorante, tentei todas as coisas, mas nada funcionou, porque sempre vai ter alguém que vai se incomodar contigo, pelo simples fato de ser quem tu é. Então, não preciso mais me preocupar em tentar ser o que as pessoas querem e tentar me encaixar. É impossível, hoje em dia, na sociedade que a gente tá, uma trans ou travesti se encaixar, vai se encaixar apenas em um pequeno espaço onde toleram elas. Tem uma amiga que, quando morava em Porto Alegre, a família adorava ela, mas, quando voltaram pro interior, não foi mais a

mesma família de antes. Então, as pessoas toleram. Travesti e trans é ótimo quando estão longe e de bem de vida, que não incomodam a família. Quando voltam para casa, é um problema. São coisas assim. Isso tudo vai refletir no resto da sociedade.

Entendi. Vamos finalizando, quantos chocolates tu comeste?

Comi quatro. *(risos)* São trufas que eu ganhei lá em Torres, semana passada.

Estava bom?

Ótimo! Queria mais. Não, nunca como chocolate assim. É muita coisa. O problema é o seguinte: eu saí para comer e aí eu fui a um evento em Salvador e me entupi de camarão. Foi uma amiga minha de São Paulo junto e a gente queria camarão. Não aguentava mais! *(risos)*

Entendi, e tu comes chocolate em alguma situação especial ou deste o acaso de querer comer?

Só porque tinha aqui, só porque eu tenho que comer, porque quero me livrar de tudo que é coisa gostosa pra fazer uma dieta. Só que eu não queria colocar fora *(risos)*, só por isso.

Entendido. A gente encerra aqui. Fiquei muito feliz em te ouvir.

Que bom!

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM GUILHERME

Quem é você?

Meu nome é Guilherme e eu sou técnico em Radiologia. Trabalho em um grande hospital de Porto Alegre e vivo com meus pais, em um bairro na capital.

Tu me dizias que tem um pessoal de Canoas que está mais ou menos no mesmo tempo de transição que tu.

Sim!

Como é isso? Como vocês se conheceram?

Eu tenho uma amiga que está fazendo o TCC dela e trabalha no Hospital X. Ela tem uma bolsa e o TCC dela é sobre incontinência urinária em mulheres trans operadas.

Isso é um problema comum?

Acredito que sim, porque é o primeiro trabalho em relação a isso. Aí eu comecei a fazer terapia, há quase 3 anos, e essa questão minha é desde a infância, que eu tenho essa questão de não me identificar com o sexo em que nasci. Aí eu comecei a fazer terapia e aí minha cabeça começou a mexer. Eu comecei a me questionar de como é que as pessoas tinham coragem de tomar essa atitude de transacionar e que eu nunca teria essa coragem. Fiquei quase dois anos lendo sobre, vendo documentários, filmes e reportagens, depoimentos, livros...

Enfim, bastante conteúdo?

Bastante conteúdo, nacional e internacional.

E têm muitos materiais nacionais bons?

Assim, tem. Então, aí eu fui para o Youtube e comecei a ver... selecionei vídeo de pessoas passando por toda a transição, relatando passo a passo, mês a mês, as mudanças e tudo.

Tipo um diário?

É, tipo um diário. Eu filtrei bem, assim, porque tem muita porcaria.

Coisas da Internet?

É. E, aí, eu peguei e... Chegou no ponto que eu disse assim: “ah, eu quero conhecer uma pessoa trans!”, um homem trans, porque eu não conhecia ninguém.

Mas nem mulheres trans?

Mulher, sim, mas homens trans não. Eu queria conversar com um homem trans, do tipo ver ele em “carne e osso”, na minha frente. Aí, eu conversei com essa minha amiga que está lá dentro do hospital X e aí ela me passou o celular de dois caras que estavam fazendo a transição. Ela conversou com eles e perguntou se eles não se importavam de me encontrar para uma conversa informal. Um deles é de Canoas! Aí eu liguei para ele, marquei um encontro. A gente conversou a tarde inteira e aquela conversa foi fundamental para eu tomar coragem. Porque daí eu sentei na frente de uma pessoa trans, “de carne e osso”, que vivia tudo aquilo ali.

Foi emocionante para você?

Sim, foi.

Pesado?

É... (*titubeia*). Tenso, o começo. Mas, depois, assim que eu comecei a conversar com ele, eu comecei a me identificar com toda a história dele, com todas as dificuldades que ele passou e toda a vida dele.

No caso, essa pessoa já tinha feito há muito tempo a transição?

Sim.

É um homem mais velho que você?

Não, ele é mais novo que eu. Ele começou a transição... eu tenho 42 anos, né. E no caso, ele tem 34, eu acho. Mas ele está em tratamento, eu acredito, há uns 5 anos. Então, as mudanças físicas nele e o que tinha de acontecer já aconteceu.

E a terminologia correta, me ajuda, seria “processo de transição” e o “de tratamento”, separados? Ou juntos?

Não, na verdade, o tratamento com a testosterona é a vida inteira, para sempre. Tu vai ter que usar a testosterona para sempre, toda vida.

Mas a transição acaba em algum momento?

É, porque no momento que tu “transiciona”, em todas as características e está adaptado, eu acho que aí tu já não está mais em transição, né?

Tu falaste, em alguma passagem, que essa consciência vem desde tua infância. Conta um pouco disso.

Na verdade, eu morava no interior. Nasci em Porto Alegre, mas morei em Goiás numa fazenda. Então, assim, até os 7 anos de idade, eu acho que, pra mim, eu era o que eu queria ser. Eu não tinha consciência de que eu não tinha nascido homem, né. Eu podia fazer o que eu quisesse, brincar e ser o que eu quisesse. Eu brincava só com brinquedo de menino, que eu gostava e minha família nunca me negou. Quando eu via o meu pai e meu avô, procurava me espelhar nos gestos deles. Isso é uma coisa que a minha mãe me conta, que eu procurava imitá-los. Eu não tinha consciência porque eu acho que eu não... não sabia que existia isso. Sempre fui mais masculino, a vida inteira, desde a infância. Aí, viemos para Porto Alegre e, até os 15 anos de idade, acho que não tinha consciência... eu pensava, assim: “ah, que bom seria ter nascido homem”. Antes disso, eu tive alguns namoradinhos, mas com essa idade eu descobri que gostava de meninas. Aí também foi um conflito muito grande pra mim, já aqui na capital. E, naquela época, imagine que faz muito tempo isso, não se ouvia falar de lésbicas, era um preconceito muito grande.

Isso nas décadas de 90, 80?

Ah, 1991 eu acho que foi. Pelos 90, 91.

Então, tu te percebeste LGBT aos 15 anos?

Sim, com 15 anos eu me dei conta de que gostava de meninas. Foi um conflito muito grande. Passou o tempo, eu fui tendo alguns namorados e beijei a primeira menina com 17 anos. Vi que era aquilo que eu queria, mas ainda relutante. Sabe, foi muito difícil me aceitar.

E como era a relação com o seu corpo?

Não existia isso. Fui me dar conta disso muito depois.

Então, tu te percebeste trans muito depois de se perceberes LGBT?

É, na verdade, hoje em dia, e depois de fazer terapia, eu sei que, por exemplo, quando os meus seios começaram a crescer, isso com 11 anos, eu dava socos para eles não crescerem. Isso é uma coisa que eu fui me dar conta agora, fazendo terapia. Porque eu era uma criança do interior — onde morei até uns 11, quase 12 anos —, então, acho que é diferente, porque eu não precisava ser nada, eu não precisava ser homem ou mulher. Eu brincava do que queria. Fui sentir essa dificuldade mais além. Por exemplo: com 15 anos, quando eu menstruei, eu passei, acho, um mês em claro. Para mim foi um horror e aquilo era um desespero. Só que eu não sabia o porquê eu sentia aquilo.

Inconscientemente, tu te davas conta já da tua realidade e de quem tu eras?

Sim!

Mas, conscientemente, isso veio depois?

Sim, depois eu fui me dar conta disso.

Com que idade? Agora?

Não, não. Com 20 e poucos anos... eu não lembro exatamente quando é que... acho que com 20, 21 anos, ter nascido mulher era um fardo para mim. No momento, a única coisa a se fazer era morrer e nascer de novo, não existia outra saída. Nesse período, ainda tive depressão. Nos meus 20 e poucos anos tive altos e baixos. Quando lançaram o filme *Meninos não choram*, eu me identifiquei e fui assistir três vezes no cinema. Me identificando com aquela realidade foi como se eu tivesse sufocado aquilo tudo que eu sentia. Escondi e parei de pensar. Foi nesse momento em que me senti uma pessoa trans. Aí eu fiz terapia e parei com isso. Nesse período todo eu tive depressão. De 20 a 20 e poucos anos foram altos e baixos. Sempre essa questão de que eu tinha nascido no corpo errado, o que eu dizia. Nisso eu abandonei terapia, voltei, e nunca segui uma terapia constante.

Por quê?

Porque eu não tinha encontrado uma profissional que... ninguém tinha falado alguma coisa para mim que me fizesse parar. Eu acabava fugindo disso tudo. Para mim, a única saída, em todos esses anos, era morrer e renascer. Eu tenho 42 anos e faço

terapia há três. Para tu ver como essa questão me perturba há muito, quando lançaram o filme *Meninos não choram*, em 2000, acho, eu assisti ele no cinema três vezes. Eu me identifiquei com aquele filme e aí, eu não sei o que eu fiz, que eu sufoquei tudo isso. É como se eu escondesse tudo que eu sentia e deixasse de pensar. E assim minha vida foi indo, entre altos e baixos, sempre questionando isso. E sempre com aquele sofrimento muito grande, porque eu não tinha nascido homem.

E hoje é assim?

Agora, depois de eu ter começado a transição, já fazem 4 meses. Desde que eu comecei a terapia, há quase 3 anos, eu mudei muito. A minha autoestima... Eu saí de uma depressão que vivi a vida inteira. Eu me sinto muito melhor, com muito mais disposição! E coisas que eu não gostava, por exemplo, comprar roupa — eu detestava comprar roupa, ter que ir em uma loja —, e, hoje em dia, é um prazer fazer isso. Então, passou todo esse período, eu tive namoradas e uma questão muito forte para mim e que me incomodava, extremamente, era na hora do sexo.

O quê?

Por não ter um pênis, não poder penetrar.

E te incomodava que elas te desejassem como mulher?

Também me incomodava que as minhas namoradas me vissem como mulher e fossem atraídas por mim como mulher. Isso sempre me incomodou também. Eu fiquei casado 8 anos com uma guria e, nesse casamento, que terminou em 2011, também tinha toda essa questão de altos e baixos pela questão do sexo. Porque o sexo chegava ao ponto de perder a graça. Eu não via nexo em fazer sexo. Primeiro, à época, bem apaixonada, era legal e tudo, só que aquilo era sufocado por um tempo, mas voltava a me incomodar. Assim foi por todos esses anos até agora, há meses atrás.

Mas como foi a tua primeira relação sexual?

Eu tive a minha primeira relação sexual, aos 18 anos, com um homem. A única coisa que eu pensava é que estava com fome e queria que terminasse. Mas eu fiz aquilo, porque era justamente por causa do preconceito que existia e também do meu, de

achar que não podia gostar de mulheres. Então, que eu tinha de ter um relacionamento com homens, o que eu tentei várias vezes! Mas as relações sexuais com homens mesmo, devo ter tido umas três vezes. E nenhuma delas foi...

Infeliz?

É, esses dois namorados que eu tive, transei uma vez só com um e com outro umas duas vezes. Eram caras bacanas, mas não adiantava. Não era o que eu queria, não sentia atração, nem desejo.

E com mulheres, como foi?

Com meninas foi aos 18 e 19 anos. A primeira relação que eu tive com mulher foi tudo o que eu queria sentir, apesar de não ter pênis. É, mas ali, não sei se pela empolgação de estar me permitindo, essa questão estava sufocada. Não importava muito naquele momento. Talvez, saindo da adolescência, todas aquelas questões hormonais, de viver e sentir o corpo de outra mulher, era o que eu queria. Isso fez com que eu sufocasse por um tempo toda essa questão.

E a questão do incômodo com a falta de pênis?

Conforme eu fui me relacionando e o tempo passando, isso foi cada vez mais difícil.

E nesse processo todo, sentias a questão de ser trans em ti?

Eu acho que não sabia que existia isso.

Como tu soubeste?

Eu acho que quando vi *Meninos não choram*, o filme. Mas, para tu ver que, lá naquela época, isso de ser trans não existia. Não tinha chegado até mim, que eu lembre, nenhuma informação sobre isso, a não ser o que alguém falava de travesti. Mas, especificamente, uma mulher que “transcionou” para o gênero masculino, não. No filme, eu me identifiquei, eu senti as mesmas coisas. Mas não havia saído disso. Eu nem sabia que existia tratamento hormonal.

E quando sentiste a primeira experiência de preconceito ou não aceitação, violência, sendo trans e por gostar de mulher? Quando foi isso?
Assim, na rua em que morava, em Porto Alegre, com 13 e 14 anos, os meninos que

andavam comigo e gritavam várias coisas, “machorra” e “sapatão”, porque eu era mais masculino. Até um deles tinha sido meu namoradinho. Eram todos amigos da rua. Por ser trans, acho que mais olhares. Em alguns momentos, a minha voz muda. Como estou transicionando e minha voz não está bem grossa ainda, vejo os olhares de preconceito na rua. Mas, diretamente, ainda não sofri nada. É que faz quatro meses que comecei a transição. Antes, eu sofri preconceito a vida toda sendo chamada de “machorra” na rua. Ninguém paga impostos para gritar! Antes da transição, por exemplo, eu passei por um cara na rua e ele disse "credo, parece um homem!". Isso pouco antes da transição.

E quais são os processos dessa transição?

É, depende. O que eu fiz: comecei a fazer terapia e a minha psicóloga chegou para mim, trabalhando com as relações sexuais, das questões de perder a graça e a falta de nexos. E toda aquela questão de eu dizer que tinha de morrer e nascer de novo, da minha depressão constante. Ela disse para eu pensar em fazer uma transição. E aquilo caiu que nem uma bomba em mim. Porque, como eu acho que eu sufocava isso, eu não sei onde estava, em que mundo que eu estava vivendo que eu não enxergava isso. Eu não queria ver. Sinceramente, não me lembro. Eu tinha uma amiga minha, essa que comentei do estudo de TCC, ela dizia "era meu caso, que eu devia pensar sobre isso". O que eu pensava sobre isso? Que era uma aberração quem fazia transição. E, a partir da psicóloga dizer isso, naquele dia meu mundo desabou. Todas as terapias e psiquiatras que passei, nunca ninguém me fez pensar que não houvesse uma saída. Talvez imperfeita, em relação à cirurgia, porque a ciência ainda está muito atrasada.

Ok. E alguém específico te avalia? É preciso algum parecer?

Existe um hospital da capital que é referência, sim. No Brasil, acredito que mais umas três ou quatro unidades auxiliem no processo. Não é muito. Mas eu não fui pra esse hospital. Comecei a fazer terapia paga, particular, e fiquei trabalhando essa questão. Um dia, depois de encontrar e conversar com esse cara de Canoas e ver ele.

Isso foi quando mesmo?

Ele eu encontrei agora, isso há 5 meses. E, conversando com ele, todos meus

preconceitos caíram por terra. Quis fazer isso. Cheguei na minha psicóloga e disse que queria fazer a transição. E já vínhamos trabalhando essa questão. Peguei o contato de uma médica na PUCRS, endocrinologista de um desses caras que eu acompanhei a transição no Youtube. Ele é daqui. Então, eu peguei o contato dele e perguntei a que médica ele ia e ele me indicou ela. Fui nela e me foi solicitado uma série de exames para ver se estava tudo ok, para começar o tratamento hormonal.

E é simples assim?

Não, daí ela fez uma entrevista comigo, eu falei que fazia terapia. Para o tratamento hormonal não precisa de laudo. Se eu quiser, e pretendo, fazer a cirurgia para a retirada das mamas, tem de ter laudo.

E como é o processo?

Eu preciso de um laudo da psiquiatra que me acompanha, atestando que eu tenho a disforia de gênero.

Isso é uma doença?

Sim, mas não é o certo. É que se chama assim. Tem toda uma briga por causa disso, essa questão de nomenclatura. A partir disso, com o laudo, eu posso ir em um posto de saúde público e pedir encaminhamento (*para o Programa de Identidade de Gênero e Sexualidade*), aí peço uma consulta com médico, um encaminhamento, no posto de saúde, e peço para esse médico me encaminhar para o *Programa* e, lá, eu começo o tratamento. Tudo pelo SUS. Eu fico dois anos em tratamento lá, e aí eu já vou começar o tratamento hormonal, mas eu fico nessa espera para, então, depois, eles me liberarem para fazer a cirurgia.

Então é hormonal. Como tu já começaste, é diferente esse tempo?

Não, igual. Se tu entrar para esse hospital, é uma regra. Tu vai passar por psiquiatra e psicólogos, uma equipe toda, dois anos trabalhando para que, depois, eles te liberem para a cirurgia de mudança de sexo. Acontece que a cirurgia tem lista de espera, porque são feitas duas cirurgias por mês, uma de transição masculina e outra feminina. Então, o que está acontecendo, eu ouço falar do grupo que eu acompanho tudo.

Esse encontro é físico ou on-line?

A gente tem um grupo no *WhatsApp*, mas a gente se reúne direto. Casa de um, casa de outro. Ou, às vezes, no Conselho de diversidade de Canoas, que é um espaço bom. Porque esse grupo começou com esse cara que eu conheci, de Canoas, porque ele passou muita dificuldade para entrar e criou esse grupo para ajudar outros caras. Ele foi para posto de saúde e não sabem do que tu tá falando. Hoje! Te mandam para psiquiatra e médico que não tem nada que ver. Completamente absurdo! Então, ele ficou anos tentando chegar no programa e Canoas teve de encaminhá-lo para aqui. Isso levou 3 anos, muito difícil porque as pessoas não têm informação nenhuma.

Mas, voltando para a capital, depois do laudo e da lista de espera, há o que mais?

Aí fica na lista de espera mesmo. Tem gente que leva de 4 a 6 anos na fila. E isso tendo em conta que existe a mastectomia masculinizadora, que é a retirada das mamas, que essa o hospital faz. A outra cirurgia, além da faloplastia, que é como se eles fizessem a construção de um pênis em ti, seria uma técnica chamada metoidioplastia. Com o tratamento hormonal, o clitóris cresce e eles cortam os ligamentos que o sustentam. Nessa última cirurgia, que é experimental aqui no Brasil, mas feita lá fora já, eles cortam os ligamentos que sustentam e aí aumenta de tamanho. Aí esses centímetros a mais caem e são colocadas próteses para fazer o saco e nesta, ao contrário da outra, tu não perde nenhuma sensibilidade. Tem fotos na internet. A faloplastia eles tiram pedaços de carne daqui, dali, da coxa, para constituir o pênis e tu não ganha sensibilidade.

Mas existe ereção pós-cirurgia nas duas possibilidades?

Nessa faloplastia, eles colocam uma espécie de *bomba* para que tu bombeie e tenha ereção.

Mas parece desconfortável...

É, são feitas nem sei quantas cirurgias... muitas. Aqui, no Brasil, eu não sei se ela é tão bem-sucedida. Mas, já na segunda, tu só ganha aumento clitoriano. E, com a excitação, ele aumenta também. Tu não perde a sensibilidade e vai sentir. Todavia,

não tem ejaculação, mas tu goza. Tem orgasmo. Para mim, essa é a mais viável. Ter prazer e sentir prazer.

Entendo. E essas cirurgias sempre ou unicamente são realizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) público, o SUS?

Que eu saiba, a mastectomia masculinizadora se consegue fazer particular. Eu pretendo fazer isso com uma clínica que eu peguei indicação, aqui de Porto Alegre mesmo. Precisa de laudo. A minha psiquiatra tem que dar um laudo que é entregue ao cirurgião. Pode ser psicólogo, acho.

E, suponho, deve ser caro...

Olha, dizem estar em torno de 10 a 15 mil reais.

Imaginava até mais!

É. E para a construção do pênis, que eu saiba, não existe particular. Aqui no hospital que tem esse grupo, eu não sei se eles estão fazendo. Eu fui numa palestra ano passado e eles não estavam fazendo, porque elas não tinham sido bem-sucedidas.

E existe risco de morte nesse caso?

Ah, sim, né. São várias cirurgias.

Ah, são sequenciais?

É tipo essa que fazem a reconstrução do pênis, são diversos procedimentos cirúrgicos, é muito agressivo. Muito invasivo, né?

E há também o risco de algum equívoco provocar sequelas, deve ser um processo delicado.

Por exemplo, reconstruir uma uretra tem toda essa questão de ser bem complicado. Fora do Brasil, tem cirurgias muito bem-sucedidas!

Talvez isso se relacione ao estudo da tua amiga, sobre infecção urinária nas mulheres trans operadas, que tu havias comentado. O processo envolvido em reconstruir uma uretra, um sistema urinário, como funciona?

Não sei ao certo como funciona.

Deve ser complexo e sensível da mesma forma.

Também é muito invasivo.

Interessante tua propriedade, da tua formação na área da Saúde.

Sou técnico em Radiologia. Estudei aqui na capital. Fiz o curso de Radiologia, em 2000, no mesmo lugar em que, agora, estou terminando a faculdade de Tecnóloga em Radiologia. Só falta entregar meu relatório final.

Como foi seguir um mercado de trabalho? Tu sentiste algum preconceito em alguma parte do processo?

Eu já sentia, antes mesmo de ser técnico. Eu entrei para o hospital fazendo estágio em Técnico em Radiologia e lá eu fiquei no hospital. Agora, assim, eu era bem masculina. Mas lá o que eu sentia de alguns colegas eram piadinhas

Como cochichos?

Não, o que os meus colegas de trabalho falavam para mim. "Ah, mas quando tu transa com tua namorada não te falta nada?" Ou, outra muito comum, que eu já ouvi na vida várias vezes é: "Tu não gosta de homem porque nenhum te pegou direito, de jeito!".

E essas questões de estupro ou violência física, é comum na tua realidade ou na de vocês, homens trans? É uma violência recorrente?

Olha, meus sexos com homens não foram não consensuais, mas sabemos que o Brasil é o país com mais casos de violência com pessoas trans. Está em primeiro lugar no mundo! E eu não conheci nenhuma pessoa, mas a gente ouve muitos relatos nas mídias. Acredito que hajam. E, por exemplo, uma questão que, pra nós, é muito séria é o uso do banheiro. Porque eu antes entrava no banheiro feminino e sentia o preconceito das mulheres. E, mesmo me achando muito masculina para entrar lá dentro, eu entrava. Só que, agora, estou nesse processo de mudança. Por exemplo, como minha voz está começando a mudar, eu já estou começando a usar o banheiro masculino, como em shopping, festas. Mas é complicado, porque eu entro no banheiro masculino e me deparo com banheiros onde as portas não têm trancas, em alguns não há portas e, às vezes, só tem mictórios. Principalmente em

festas. Os caras todos bêbados, dentro do banheiro ou banheiros com portas muito altas do chão, onde todo mundo vê como tu está, em que posição. E o que tu sente é, por exemplo, quando entra em um banheiro masculino desses, que as portas não têm trancas, quando tem porta, só com mictório. E aí, como é que tu faz? Porque se um cara que é muito preconceituoso te vê, é capaz de dizer quem é o macho e tentar te mostrar (*alusão com as mãos ao estupro*). E todos os meus amigos sentem o mesmo medo. Agora que eu estou começando a usar o banheiro masculino, estou sentido esse receio de sofrer violência ou preconceito dentro do banheiro.

Não sei se foi por isso, mas esse café em que estamos conversando não distingue o banheiro. Tu escolheste vir aqui por isso?

Até que não, mas eu prefiro assim. Isso resolveria o problema.

E tu tens alguma sensação de medo constante, em algum outro lugar?

Não, na rua, não. Mas no banheiro, sim. Eu acho que eu teria medo se... É que o que acontece agora é que para algumas pessoas eu passo como homem, para outras, como mulher.

E isso te incomoda?

Incomoda, porque eu não queria que me confundissem. Porque, em pouco tempo, eu vou estar com bastante barba, minha voz vai estar bem grossa e eu já vou passar tranquilo pelo gênero que eu me identifico. E, aí, só se eu falar que eu sou trans. Porque a gente muda muito com o tratamento hormonal, drasticamente. O que acontece ainda, por exemplo, apesar de as pessoas se referirem a mim pelo gênero masculino, às vezes, quando eu falo, a minha voz me entrega. Isso me incomoda. Ela oscila por causa do tratamento. As pessoas estranham.

Então, o hoje é uma constante de incômodo?

Quando acontecem essas situações, sim. Mas eu posso te dizer que, depois que eu comecei a transição, eu estou muito mais feliz e tranquilo do que antes. Eu não gostei, sabe, mas eu assumi ser lésbica porque era o que cabia pra mim. Eu detestava dizer "eu sou lésbica", porque não é o que acho que eu sou, eu sou heterossexual, um homem trans heterossexual, é isso que eu sou. Então, para tu te sentir incluído na sociedade, tu precisa fazer parte de uma grupo, mas eu nunca me

senti parte daquele grupo, assim como nunca me senti parte do grupo das mulheres. Agora com esse grupo que eu estou me reunindo, é a primeira vez que sinto que faço parte de algum grupo, realmente incluído, porque todos eles sentem a mesma coisa que eu sinto.

E a maioria é heterossexual?

Os que eu conheço, sim, mas há muitos homens trans que são *gays*.

Então tu não tens uma vida desconfortável, com medo constante, pensamento de morte. Ou já passou por isso?

Já passei, mas agora, depois que eu comecei a transição, mudou muito.

Você já tentou se matar?

Já, 3 vezes.

De que forma ocorreram as tentativas?

As duas primeiras vezes eu cortei os pulsos, mas não chegou a ser um corte profundo, e a terceira vez foi uma sucessão de situações. Eu estava me separando. Minha ex-namorada estava me deixando para se relacionar com um homem e isso foi pior ainda, porque pesou a questão do "eu não nasci homem".

Sua ex-namorada era bissexual?

Até então, não, mas aí ela resolveu experimentar. Então, era tudo isso na minha cabeça. Ela estava me deixando para ficar com um homem, eu não era homem. Aí eu tomei uma caixa de comprimidos e fui parar na emergência do hospital, quase morto. Isso foi em 2011 e foi a última vez que tive uma crise.

Nesse período, tu viveste a constância da tentativa de morte, insegurança?

Mas o pensamento suicida se dava por eu não ser feliz do jeito que eu era.

Hoje, tu és feliz?

Hoje em dia, eu me sinto muito melhor. Uma questão que ainda pesa muito pra mim é o pênis.

Pesa mais que o pelo e os seios?

É, para mim, sim. Mas conversando com outros homens, descobri que, para alguns deles, a maioria, o que mais incomoda são os seios. Pra mim, o que mais incomoda é a questão do pênis.

E, para a tua família, como foi isso tudo?

Os meus pais me aceitaram desde o início, tanto quando eu me identifiquei como lésbica e, também, quando eu decidi fazer a transição.

Qual a formação deles?

A minha mãe não completou a faculdade e o pai foi até a quarta série. Então, ela e meu pai costumam. Eles têm uma lojinha de ajuste de roupas.

Com que idade tu contaste para eles sobre tuas questões?

Quando eu senti o que estava acontecendo eu falei, isso foi com 15 anos.

E foi tranquilo para eles?

Sim, desde o início e para todos, meus pais e minhas irmãs. Eu tenho duas irmãs: uma mais velha e uma mais nova, as duas heterossexuais cisgênero. Foi tranquilo para eles.

E nesses períodos mais depressivos da tua vida, tu contaste com o auxílio deles?

Eles sempre estiveram presentes, sempre tentaram me ajudar. E agora que estou fazendo a transição, eles me apoiaram e estão curtindo junto comigo. Eu tenho muita sorte de ter a família que eu tenho, meus tios, minhas primas... todo mundo me apoiou e me acolheu.

Tu achas que faz muita diferença?

Faz uma diferença muito grande. Eu tenho amigos, nessas reuniões que eu vou, e eles não têm apoio nenhum da família. Muita gente, a maioria das pessoas, não conta com o apoio da família. Esse apoio que eu tenho, eles não têm.

Tu acreditas que essas pessoas acabam passando por situações de mais tristeza e mais desesperança?

Com certeza.

Tem algum tipo de relato pesado?

Sim, tem.

Então, podemos dizer que a família significa amor?

Com certeza. É fundamental tu ter o apoio da tua família.

Tu tiveste contato com alguma criança ou já foi questionado por uma em relação à transição?

Teve uma ex-namorada minha que falou para o filho de 10 anos sobre a minha transição. Ele perguntou apenas qual seria o meu nome, ela respondeu "Guilherme" e a criança não questionou mais. E outro caso foi com uma ex-namorada minha que tem um menino que está com 6 anos. Eu havia visitado eles e me apresentado como Andressa. Depois, eu decidi fazer a transição, ele perguntou quando eu iria visitar eles novamente e ela contou para ele que agora meu nome não era mais Andressa, era Guilherme. Ele disse: "Tá, e ele vai trazer aquela câmera fotográfica?". Para criança é uma coisa natural. Elas tem uma pureza, uma inocência para lidar com essas coisas, e eles entendem, tu vêes que eles entendem, mas eles não têm aquele preconceito.

Tu falaste agora do nome. Como é essa questão social do nome e o processo da troca?

O nome social é um direito teu. Para fazê-lo, basta comparecer em um instituto de identificação, solicitar a execução da carteira de nome social, ela é gratuita e fica vinculada ao RG. Aqui (*mostra a carteira*).

Ela é válida como um RG ou não?

Está escrito que é válida nos órgãos X, Y, Z, direta e indiretamente, atendimento travestis, transexuais (*inaudível*).

Mas há lugares que pedem o RG juntamente com a carteira?

Depende do lugar. Há lugares em que eles não conhecem a carteira, aí pedem. Eu fui no banco, conversei com a gerente e pedi para trocar o nome nos cartões de crédito para meu nome social, porque há bancos que fazem isso, mas estou aguardando até hoje a resposta dela.

É muito pesado entrar na conta do banco e ver seu nome como mulher?

Agora está começando a ser pesado, porque estou ficando com a aparência masculina, então começa a se tornar um desconforto. Antes, no início da transição, não era, mas agora é. Por exemplo, fui em uma loja e me identifiquei como Guilherme, mas, na hora de pagar, a moça pediu o meu CPF, e nele consta meu nome de nascimento. Para não ficar algo constrangedor eu pedi para usar meu nome social. Tive a sorte de a vendedora mudar o cadastro, mas isso não é muito comum, porque as pessoas não conhecem o nome social, a identidade social. Se vê que há pouca divulgação do que é nome social.

Tu acreditas que é mais ignorância do que preconceito?

Sim, eu acho que sim. A falta de informação é muito grande em relação a essas questões.

E isso é um problema do governo?

Falta, falta eles divulgarem. Existe nome social, respeito ao nome social.

Na empresa em que tu trabalhas, não houve problema para conseguir um crachá com nome social?

Conversei com minha chefe, expliquei que iria começar a transição, que iria fazer tratamento hormonal, mudar a aparência, o nome.... Então, ela, que não conhecia quase nada sobre isso, me perguntou como funcionava, quanto tempo iria demorar para acontecer as mudanças, tudo no intuito de entender.

Isso foi acompanhado e respeitado pela empresa?

Sim, sempre respeitado. Quando conversei com minha chefe, ela me aconselhou a entrar em contato com RH, para resolver a questão do nome no crachá e também no dosímetro, que é um aparelho medidor da dose de radiação recebida, o nome também consta ali. Então, primeiro ela entrou em contato com o RH para mudar o

meu nome no crachá, e, depois, com a empresa terceirizada que faz essa leitura do dosímetro. Todo mês nós trocamos. Eu pensei que essa empresa poderia complicar, mas foi bem tranquilo. A empresa prontamente mandou o dosímetro com meu nome social. Eu achei muito bacana isso, porque nenhuma das duas empresas barrou a mudança.

Tu tens algum desconforto com o restante dos colegas em relação à transição?

Eu estou lá faz 15, 16 anos. Eu sei que vai levar um tempo para eles se adaptarem. Muita gente erra, mas eu percebo um grande esforço da grande maioria para se referirem a mim com o gênero masculino. Eu imaginei que seria pior. Eu sentia medo, mas estou recebendo um apoio muito grande, com o qual eu não contava.

Tu acreditas que a presença de um grupo interno na empresa, de voz, sensibilização e integração, é uma coisa boa ou segrega?

Acho que seria bom, sim. É melhor, mas, ao mesmo tempo, eu fico pensando assim: "se tivesse, será que não seria uma exposição ou um desconforto?". Mas a minha cabeça está mudando em relação a isso. Antes, quando comecei a "transicionar", eu queria ficar na minha. Fazer a transição, deu, ninguém ia saber e ia passar. Agora, não. Estou querendo dar a cara à tapa. Então, se uma empresa chega e começa a questionar, a falar disso, nós termos funcionário assim etc., começa a se ensinar as pessoas, o que diminui a ignorância em relação a isso. Porque tem muita gente na ignorância, assim como eu tinha. Imagina, eu que sofro na pele! Tem muita gente assim dentro das empresas. Então, seria muito importante. Até para as pessoas que estão dentro da empresa saberem lidar com essa pessoa. Porque eu percebo que está todo mundo aprendendo junto comigo. Como é que vai ser agora? Como nós vamos fazer? Muitos colegas chegaram do meu lado, sentaram e disseram: "Tá, então agora tu quer que a gente te chame Guilherme. É assim que tu vai te sentir bem? É o que tu quer? Ah, então "tá"! Mas nós vamos ter que treinar, porque a gente também não está acostumada com isso".

E esse processo faz sentido?

Sim, me sinto bem.

E em relação à ignorância alheia?

Olha, eu acho que agora eu lido com mais tranquilidade em relação a isso do que antes da transição. Eu tive alguns colegas, principalmente os homens, que chegaram na minha frente e perguntaram: "Explica o que acontece contigo? Eu não entendo, eu não sei tudo isso". Eles chegam e tudo bem. Tanto pela abordagem, muito bacana, o jeito de chegar com respeito. E tu vê, assim, com ignorância. Só querendo entender, sabe? Eu tive uma recepção e um acolhimento muito bom. Estou tendo, não sei se sorte ou se, de repente, pelo jeito com que eu lido com essa questão, estou conseguindo respeito. Eu acho que, no momento que tu te coloca, tu te posiciona, tu consegue ter mais respeito. Mas, claro, isso não é uma regra. A gente vê que... não sei se eu tenho sorte de pegar pessoas que têm uma mente um pouco mais evoluída.

Faz diferença ir lá, dar a cara a tapa, estudar e falar?

Eu acho que faz. Precisa! Antes, eu achava que não. Que eu ia "transicionar" e ficar ali. Porque aqui é meu mundo, ninguém vai saber. Mas agora, não. Eu já penso diferente. Eu preciso chegar para que, talvez, daqui a algumas gerações, as pessoas consigam realmente entender o que acontece contigo, teu sofrimento e tudo que tu passa uma vida inteira e o porquê tu está tomando essa atitude. As pessoas pensam: "Ah, por que isso aí é bobagem!", que tu resolveu fazer isso agora e inventar moda e não é assim.

Como tu querias que fosse a sociedade?

Eu acho que sem o preconceito e a discriminação. Isso, pra mim, é a questão mais importante. Não só pela questão de gênero, mas as pessoas sofrem por tudo. Acho que, pro mundo melhorar, as pessoas pararem de julgar as outras.

Se teu trajeto de vida fosse um livro ou filme, como seria?

Se seria que nem o filme *Meninos não choram*? Pois é. Eu acho que antes, sim, mas agora, não. Depois de começar a transição, acho que seria voltado para uma coisa mais leve ou mostrando menos as coisas negativas e mais as positivas.

Quais coisas positivas, por exemplo?

A autoestima, minha vontade de viver, né? Agora isso existe. Principalmente isso: hoje, eu gosto de mim. E eu não gostava. Isso mudou totalmente. Hoje em dia, estou mais em paz. No passado, eu brigava o tempo inteiro.

E incomoda se as mulheres se atraem por ti, hoje?

Não, esse processo me agrada, muito pelo contrário. O que acontece agora é diferente. Primeiro, depois que eu comecei a “transicionar”, as mulheres que saíram comigo sabiam da minha condição, sabendo ser um homem trans. E, mesmo assim, se atraíam por mim. Isso me agrada. Antes, elas se atraíam por mim sendo lésbica, mulher. E, apesar de masculina, isso me incomodava. Agora elas se referem a mim pelo gênero masculino. Outra coisa, esses dias chegou uma colega minha e disse que uma amiga dela me viu nas mídias sociais e, quando ela falou que eu era um homem trans, a menina disse que não acreditava. Ela já me viu como um homem. E isso me agrada, com certeza. Porque ela está me vendo no gênero com que eu me identifico.

Teu hoje é muito mais de paz?

Sim. A minha guerra interna, o inferno que eu vivia, está se desfazendo.

Você pensa em ter filhos e casar?

Não sei se casar. Penso em cada um morar na sua casa, porque eu tive uma separação muito traumática. Mas pode ser que apareça alguém muito especial aí e diga "eu quero morar junto" e seja o que Deus quiser.

Com cachorros e filhos?

Eu tenho quatro cachorros! Meus cachorros são tudo no mundo. Todos são adotados. O Urso é um pastor alemão, a Pitty é uma pinscher que foi rejeitada e a Lêmure e a Panqueca são vira-latas. Saio com eles e cuido deles, que têm uma vida de realeza. São parte da família. Em questão de filhos, eu tinha vontade de adotar. Não é pela transição, eu sempre quis. Mas, agora, eu já não sei, até pela minha idade, se eu teria pique, disposição, e se eu me doaria como eu acho que precisa. Não sei se é por que agora estou numa fase em que quero viver muito minha vida e isso me levaria a viver de um jeito que nunca vivi, assim, sentir a vida mesmo. Sair

do que sempre vivi, briga e conflito, e agora não vivo mais. Eu gostaria de ter um filho, mas estando com uma pessoa. O que no caso, está difícil (*risos*).

Como tu vês o teu amanhã?

Uma pessoa em paz. É o que mais percebo: estar conquistando o que eu não tinha. Então, por enquanto, o meu foco está nisso. Quanto mais eu for construindo a minha imagem, quanto mais eu for “transicionando”, mudando bem meu físico, mais eu vou me identificar comigo mesmo. E me sentirei em paz.

Você é religioso, tem alguma fé?

Sempre acreditei mais no Espiritismo, centros religiosos que frequentei. E, hoje em dia, estou me questionando se acredito. Não se porque eu vejo que as pessoas mais religiosas são as que têm mais preconceito, mas não pelo Espiritismo. Acho que de qualquer religião. Depois da transição, eu comecei a me questionar sobre crer em Deus ou não. Ao mesmo tempo, acredito em uma força maior. Mas não sei mais se acredito naquele Deus que acreditei, sabe, bíblico.

E, como tu falaste, me define: o que é a paz?

É tu te sentir bem consigo mesmo. Cada vez mais eu me olho no espelho e mais eu gosto do que vejo. Fiz aniversário dia 26 de setembro. Uma coisa que mudou muito foi a questão de me vestir. Usava sempre a mesma roupa, camiseta e calça jeans femininos, por que eu não podia me vestir como eu queria. Por que eu ia ser uma lésbica bem masculina, usar a roupa que eu podia usar. Hoje em dia, eu entro em loja e experimento roupa masculina, compro no masculino, o que eu não fazia.

E como é sair na rua?

Em relação a medo, eu não tenho. Mas eu sei que o preconceito e a violência estão aí. Mas eu não vou deixar de fazer as coisas pelo preconceito, pela violência que eu possa sofrer, se as pessoas se derem conta de que eu sou homem transexual. Isso não é maior que a minha vontade de sair. Eu tenho consciência, só que isso não me barra. Nem para eu ir em um estádio de futebol, um ambiente que é cheio de homem! E a gente sabe que um ambiente que é cheio de homem junto, bebendo, pode ser mais perigoso. E eu quero ir.

Essa coisa do preconceito é mais do homem?

Não acho que seja mais do homem, mas o homem pode se tornar mais violento que a mulher. Por exemplo, se eu entrar em um banheiro feminino, eu posso até sofrer olhares, mas ninguém vai me agredir lá dentro. Acho muito difícil. Agora, no masculino, o homem vai querer mostrar quem é o macho dentro do banheiro! E sobre isso, eu acho um absurdo. Eu não quero me tornar um homem como esses. É machista.

Encerramos por aqui...

Só um parêntese, sobre o meu trabalho. Está sendo muito bacana e eu estou sendo apoiado nessa transição. Eu não senti nenhuma resistência no RRHH, eu achei sensacional isso. Minha chefe disse para mim que ela tem conhecimento que eu sou o primeiro caso. E o que acho que seria interessante e que eu até estaria disposto, é que o hospital pegasse meu exemplo para pautar uma ação interna ou externa. Do tipo: "isso existe, porque nós temos um colega transexual e a gente acolheu ele, ajudou ele na transição e troca de nome". Para servir de exemplo mesmo. O que eu penso: nosso quadro de funcionários lá deve ser uns três mil funcionários. Talvez quantas pessoas têm essa mesma vontade? Talvez isso encorajasse outras pessoas. Com certeza, eles me apoiaram em tudo. Mas seria muito interessante partir deles uma atitude assim. Nós temos um jornalzinho interno, lá dentro do hospital mesmo. Por que não pegar aquele jornal e contar minha história? E mostrar para todos que o hospital apoia a causa? Só que aí me questiono: será que apoia? Eles têm que fazer isso por que eles sabem que, como empresa grande, não vão "queimar o filme deles" com funcionário. Mas não sei até que ponto é verdade ou não... eu estaria disposto a dar minha cara a tapa.

Estamos em um ponto de equilíbrio em tua vida?

Ele está começando. Espero que ele se mantenha.

Se tu fosses uma pessoa que tivesse passado pela transição já e, em busca de emprego, tentasse trabalho no hospital, o que aconteceria?

Eu, com certeza, ia sentir resistência. Agora, depois da transição, se eu for buscar uma vaga no mercado de trabalho, eu acredito que vou encontrar dificuldade. Eu permaneço lá porque eu já estava lá. Pelo contexto é, acho que sim. Vejo que

muitos amigos com quem converso têm dificuldade de conseguir emprego por essa questão do preconceito. Tem, sim, bastante gente desempregada ou em empregos informais, como motoboy, pintor, azulejista etc. Uma coisa fixa e formal, alguns têm. Mas, por exemplo, eles já estavam empregados antes de “transicionar”. Um outro colega que criou o grupo que eu disse antes, ele já estava em uma empresa. Daí ele falou com o chefe dele sobre a transição e ele foi acolhido. É muito mais fácil a pessoa estar empregada, “transicionar” e permanecer, eu acho.

O problema é o depois?

É, as pessoas não querem ter que lidar com essa situação, de conviver com uma pessoa trans mesmo, porque elas não sabem como tratar da pessoa depois. Eu acho que ver o processo ameniza, porque as pessoas já te conhecem de antes. Eu não posso te dizer que seria assim, mas eu acredito que seria, pelo que eu vejo os outros falando. É desconfortável para os outros lidarem com a gente. E isso é muito pior para mulheres trans do que para homens trans.

Em que medida?

Ah, mulheres trans e travestis sofrem muito mais preconceito. Porque a sociedade entende que, desde um ponto de vista meu, parece que eu deixar de ser do gênero feminino para o gênero masculino, tudo bem. Eu estou virando homem, estou virando macho. Evoluí! O contrário, não. É como se tu tivesse te diminuindo. Eu acho que é inferiorizar-se: a pessoa vai deixar de ser macho para virar mulherzinha? É uma leitura muito pontual minha, mas eu acho que é a realidade. Tá, tudo bem tu ser lésbica... tu é “pegador”, tu “tá pegando” as mulheres, entendeu? E até aí, tudo bem. Ser gay, por exemplo, é outra coisa. Claro que gênero não tem a ver com orientação sexual, mas eu coloco assim como eu vejo que a sociedade age em relação a essas coisas. Então tu virar macho... *(pausa)* parece ser mais fácil.

É como se esses preconceitos conversassem, viessem juntos?

Exatamente. Apesar de não ser a mesma coisa. Mas acaba que isso vem junto.

ANEXO A – A HISTÓRIA DE UMA ATIVISTA

EMILY HOBHOUSE POR DERINA HOLTZHAUSEN (2016, p. 130-133, tradução nossa, grifos nossos)

Emily Hobhouse, nascida na Cornualha, em 1980 [sic], era filha de um arqui-diácono anglicano Reginald Hobhouse e Caroline Trelawny. Cresceu em um entorno tipicamente vitoriano, em que as meninas não tinham acesso aos estudos. Formou-se em “reitoria familiar” [algo como organização da casa paroquial e educação], no pequeno povo mineiro de St. Ives. Quando era jovem, suas únicas atividades recreativas estavam relacionadas com a Igreja e o trabalho social.

Teve que esperar a morte de seu pai viúvo, de quem se fez cargo até seu falecimento, para romper com o estabelecido e perseguir seus próprios interesses. Naquele momento, tinha 35 anos e já era vista como solteirona. Sua primeira aventura foi uma breve visita a Minnesota, onde realizou trabalho social. Após um namoro falido, regressou a Londres. Naquele momento, a Grã-Bretanha estava em guerra com Zuid-Afrikaanse Republiek (República Sul-africana) e a Republiek van die Oranje Vrijstaat (República do Estado Livre de Orange); duas repúblicas estabelecidas pelos descendentes dos holandeses que colonizaram o Cabo no extremo meridional da África. Os holandeses (conhecidos como bóeres) abandonaram a região, porque consideravam que estavam sendo oprimidos pelos britânicos. Isso não preocupou os britânicos, até que se descobriram ricas jazidas de ouro, diamantes e outros minerais, em ambos territórios. Quando os mineiros e as empresas de prospecção de todo o mundo se instalaram nas zonas mineiras e as repúblicas bóeres não quiseram conceder-lhes o direito ao voto, os britânicos decidiram invadir.

Ao regressar à Grã-Bretanha, Emily se relacionou basicamente em círculos [sociais] a favor dos bóeres, nos que seu tio desempenhava um papel importante. Igual a muitos outros membros da ala radical do Partido Liberal, se opôs à Guerra Boér, que ocorreu de 1899 a 1902. Durante as primeiras semanas da guerra, Emily participou de vários falatórios, onde denunciou as atividades do governo britânico.

Ao fim dos anos 1900, soube da notícia do maltrato que recebiam as mulheres e as crianças bóeres por parte do exército britânico, um maltrato especialmente relacionado com a política britânica, que dava aos soldados o direito de queimar as fazendas e matar os animais das famílias cujos homens estavam lutando na guerra. As mulheres, as crianças e os fazendeiros foram internados em campos de concentração, onde morreram cerca de 40.000 pessoas. *Na realidade, foi o primeiro holocausto do século XX e muito provavelmente da história ocidental.*

Em outubro de 1900, Emily criou o Fundo de Ajuda à Mulher e à Infância da África do Sul, uma organização destinada “a alimentar, vestir, acolher e salvar às mulheres e a seus filhos — bóeres, ingleses e de outros povos —, que foram despossuídos e maltratados como resultado da destruição de suas fazendas, o desalojo das famílias e outros incidentes fruto das opressões militares” (Biggins, 2004). A exceção dos membros da Society of Friends, muitas poucas pessoas estavam dispostas a contribuir com este fundo.

Sem desanimar, Emily decidiu viajar à África do Sul, um país que não conhecia e nem havia visitado anteriormente, e chegou à Cidade do Cabo em 27 de dezembro de 1900. Após se reunir com Alfred Milner, governador do Cabo naquele momento, obteve autorização para visitar os campos de concentração construídos pelo exército britânico. Devido às limitações de tempo, escreveu um diário sobre suas experiências e, posteriormente, o publicou na forma de livro, *The brunt of the war and Where It Fell* (1902), com numerosas cartas de testemunhas oculares nas duas repúblicas. Seu objetivo era documentar as atrocidades da guerra e dá-las a conhecer ao povo britânico.

Seu livro, meticulosamente documentado, estava composto por documentos originais, informes, artigos jornalísticos, documentos legais, transcrições de sessões parlamentares, e, especialmente, cartas de testemunhas oculares, tanto ingleses como bóeres, que informavam cronologicamente sobre as atrocidades da guerra. Este livro se converteu em um monumento à memória do que as mulheres e as crianças bóeres haviam sofrido durante o conflito. Incluía aterradoras cartas e informes escritos de

soldados britânicos que haviam sido obrigados a queimar milhares de fazendas, matar ou capturar rebanhos, saquear casas e capturar aos mais desvalidos: crianças, mulheres e anciãos. Hobhouse nunca deixou de ter em mente seu objetivo: criar melhores condições nos campos de concentração. Utilizou todas as táticas a sua disposição. Escreveu cartas aos jornais britânicos, utilizou sua rede de influência política na Grã-Bretanha e posteriormente na África do Sul, escreveu milhares de cartas pessoais a *Lord Kitchener*, desafiando-o e investindo seus próprios argumentos. Utilizou argumentos legais e jurídicos; citou os relatos das testemunhas oculares; criou uma rede de organizações femininas fora da Grã-Bretanha para exercer pressão política ao governo britânico; e investiu todos os seus meios pessoais para conseguir seu propósito.

Após sua visita, decidiu voltar à Inglaterra na tentativa de persuadir o marquês de Salisbury e o seu governo para colocar fim na política da terra queimada e aos campos de concentração do exército britânico. O ministro da guerra não estava disposto a tomar medidas e, quando a questão se estabeleceu na Câmara dos Comuns, poucos membros mostraram sua simpatia pela proposta. Emily não se intimidou. Estabeleceu alianças com o Partido Liberal e seguiu sua campanha de cartas nos meios britânicos. Finalmente, o governo aceitou criar um comitê de mulheres para investigar suas denúncias, do qual, por suposto, ela não formou parte. Mas, gradualmente, a opinião pública foi mudando de ponto de vista e o público britânico começou a questionar as ações de seu governo.

Apesar de haver sido advertida de que se negaria a permissão de visitar os campos, regressou à África do Sul, em 1901, mas não lhe permitiram desembarcar. Naquele momento, estava mal de saúde e decidiu recuperar-se nas montanhas de Saboya. Foi ali onde se inteirou de que os líderes bóeres haviam firmado a Paz de Vereeninging, que pôs fim à guerra.

Sua luta não era dirigida unicamente às mulheres e crianças, senão, também, à honra de seu país. Em 1913, escreveu uma carta ao povo da África do Sul referindo-se a suas visitas: “Vim aqui com toda naturalidade, obedecendo ao sentido de unidade ou união com todas as mulheres e essas nobres tradições, características da vida dos ingleses, com as quais cresci e

que herdei de tempos imemoráveis” (Simkin, s/f).

Depois da guerra, prosseguiu seu trabalho com o povo bóer sul-africano. Criou muitos projetos de indústria doméstica para que as mulheres fossem mais auto-suficientes e pudessem reconstruir sua vida pós-guerra. Mas nesta vez também ela sofreu graves dificuldades econômicas. Em 1912 o povo da África do Sul, ainda empobrecido, coletou 2.300 dólares e os enviou a Emily em reconhecimento de seu trabalho. O dinheiro se enviou com o mandato explícito de que se tinha de comprar uma casa na costa da Cornualha, onde [ela] viveu até seu falecimento em 1926.



Emily Hobhouse. Domínio Público, 2017.

ANEXO B – TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, (nome completo) ^{SOCIAL} RAFAEL FELIPE HOWES,
(nacionalidade) BRASILEIRO, (estado civil) SOLTEIRO, inscrito(a) no Registro
Geral sob o nº 6054719304 e no CPF sob o nº
942602140-04, residente e domiciliado(a) na Rua/Av.
CORNEL BORDIM, nº 114/5, cidade de
PORTO ALEGRE, (UF) RS, cedo, total e definitivamente, por meio
desta, a utilização de minha imagem e som aos Cursos de Jornalismo, Produção em Audiovisual, Relações
Públicas e Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Autorizo que estas sejam objeto de toda e qualquer forma de utilização, assim como edição, sem
limitação de qualquer espécie, inclusive territorial, seja qual for a forma ou processo de transporte de sinal
e suporte material utilizado para a comunicação audiovisual ao público, estes existentes ou que venham a
ser criados.

Declaro que a cessão de direitos de uso de imagem e som de voz aqui ajustada tem caráter
definitivo, autorizando a sua reprodução e transmissão em número indeterminado de vezes, por qualquer
meio de comunicação existente e também por tempo indeterminado, bem como, a transmissão, gratuita ou
onerosa, a terceiros, dos direitos aqui havidos.

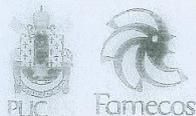
A utilização de imagem e som de voz gravados em programas e chamadas, não ensejará ao cedente
– signatário qualquer direito ou remuneração.

Declaro, ainda, que o faço sem qualquer onerosidade.

Porto Alegre, 26 de OUTUBRO de 2017

Assinatura: Rafael Howes

PUCRS | Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3569 – Fax: (51) 3320-3619
E-mail: famecos@pucrs.br



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, (nome ^{SOCIAL} completo) EUCLYN JELIEL MANDA,
(nacionalidade) BRASILEIRA, (estado civil) SOLTEIRA, inscrito(a) no
Registro Geral sob o nº 108529393 e no CPF sob o nº 627462509, residente e
domiciliado(a) na Rua/Av. FOMAROS, nº 2479, cidade de
PORTO ALEGRE, (UF) RS, cedo, total e definitivamente, por meio desta, a
utilização de minha imagem e som aos Cursos de Jornalismo, Produção em Audiovisual,
Relações Públicas e Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação Social da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Autorizo que estas sejam objeto de toda e qualquer forma de utilização, assim
como edição, sem limitação de qualquer espécie, inclusive territorial, seja qual for a forma ou
processo de transporte de sinal e suporte material utilizado para a comunicação audiovisual
ao público, estes existentes ou que venham a ser criados.

Declaro que a cessão de direitos de uso de imagem e som de voz aqui ajustada tem
caráter definitivo, autorizando a sua reprodução e transmissão em número indeterminado de
vezes, por qualquer meio de comunicação existente e também por tempo indeterminado,
bem como, a transmissão, gratuita ou onerosa, a terceiros, dos direitos aqui havidos.

A utilização de imagem e som de voz gravados em programas e chamadas, não
ensejará ao cedente – signatário qualquer direito ou remuneração.

Declaro, ainda, que o faço sem qualquer onerosidade.

Porto Alegre, 26 de OUTUBRO de 201 7

Assinatura:

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3569 – Fax: (51) 3320-3619
E-mail: famecos@puccrs.br